

REVISTA DA SEMANA

Nº 18

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

3 - 5 - 47

BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



QUE TRINCA FENOMENAL!

DAN DURVEA - MAIS ASTUTO E DINÂMICO
DO QUE EM "ALMAS PERVERSAS"!

ELLA RAINES - QUE DESCOBRE QUE
BRINCAR COM FOGO PODE CAUSAR FEBRE!

E WILLIAM BENDIX - VALEN-
TÃO E SIMPÁTICO!

NA HISTÓRIA DE UM HOMEM
QUE NÃO ERA O QUE PARECIA...
E DE UMA GAROTA QUE GOS-
TAVA DE EMOÇÕES ARRIS-
CADAS.



Dan **DURVEA** • Ella **RAINES**
William **BENDIX** em

"Cavaleiro por uma Noite"

("WHITE TIE AND TAILS")



com FRANK JENKS SCOTTY BECKETT
DONALD CURTIS RICHARD GAINES CLARENCE KOLB BARBARA BROWN

Direção de
CHARLES T. BARTON

Produção de
HOWARD BENEDICT



Tem despertado muitos comentários de franco aplauso a assinatura do acordo cultural anglo-brasileiro, que, entre outras coisas, institui um prêmio literário, de cinco em cinco anos, no valor de cerca de trinta mil cruzeiros, para obras de divulgação sobre aspectos da cultura inglesa em nosso idioma e sobre o Brasil em língua inglesa. O acordo promoverá, também, a criação de cátedras de língua, história e literatura de cada um dos dois países no outro. Celebrando a assinatura desse acordo, o Sr. Wickham, presidente do Conselho Britânico no Rio de Janeiro, ofereceu um almoço, no Palace Hotel, a um grupo de escritores e cientistas brasileiros, em nome dos quais falou, agradecendo, o poeta e vereador Jorge de Lima. De passagem pelo Rio de Janeiro, o professor Phillip Bradley, catedrático de economia na Universidade de Harvard, declarou que, em sua viagem de estudos pela América do Sul, ficara surpreso com a tremenda proliferação das chamadas "autarquias". Asseverou aquele professor que os governos cada vez gastam mais e cada vez podem menos controlar as suas próprias despesas, em razão dessas entidades autárquicas. Assim é, que, hoje, as leis orçamentárias não prevêm mais senão uma parte das despesas públicas e os balanços do Tesouro também não relacionam senão uma parte dos valores monetários em disponibilidade. Por isso, acentuou, acredita ser imprescindível o estabelecimento, pelos governos, de medidas que possibilitem um eficiente controle das operações financeiras das autarquias. Notícia-se que um dos romances do escritor José Lins do Rego, "Pureza", — que já foi muito mal filmado pela Cinédia, — vai ser publicado dentro de algumas semanas, em inglês, pela casa editora Hutchinson, de Londres. E de Londres um telegrama assinala a presença de Bibi Ferreira na estréia do recente filme de Sabú, "Black Narcissus", extraído de um romance de Joseph Conrad. Diz o telegrama que ela foi à estréia acompanhada pelo diretor Derek Twist. Como os leitores devem estar recordados, Bibi anunciou, ao partir para Londres, que ia se divorciar de Carlos Lage, tradutor de algumas das peças que ela apresentou no Fenix. Descobriu-se que Vittorio Mussolini, filho do ex-"duce" italiano, se encontra na República Argentina, onde entrou com nome suposto, "La Razon" e "La Critica" dizem que o clandestino vai se entregar às autoridades argentinas. Esse fato fortifica a convicção, tantas vezes veiculada pela imprensa, de que o líder nazista Martin Bormann, condenado à morte "in absentia", também tenha logrado entrar na Argentina, com passaporte falso. Em Minas Gerais, o secretário das Finanças, Sr. Magalhães Pinto, nomeou uma comissão para rever o ante-projeto de lei sobre a criação da Bolsa de Valores do Estado. A 1.ª de maio, foi reaberto em todo o país o alistamento eleitoral, como medida preliminar à realização das eleições municipais, que completarão a integração do país no regime constitucional. Domingo, em Copacabana, um vigário da Favuna, pregando na igreja da praça Serzedelo Corrêa, declarou que seria grave erro o fechamento do Partido Comunista e que, em vez disso, o que pode contribuir para a diminuição do comunismo é a realização dos verdadeiros preceitos cristãos, o barateamento da vida e o pagamento de salários justos aos trabalhadores, a par de medidas assistenciais em benefício de todos. A Sociedade dos Amigos da América aplaudiu o fechamento da Juventude Comunista pelo governo, mas ao mesmo tempo pronunciou-se contra o fechamento do Partido Comunista. Mas, em Alagoas, o governador Silvestre Pericles de Góes Monteiro anunciou estar "organizando um exército para combate ao comunismo". A propósito do julgamento do PCB e dos recursos eleitorais de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, o jornalista J. E. de Macedo Soares, fundador do "Diário Carioca", escreveu nesse órgão um artigo de veement crítica ao Superior Tribunal Eleitoral. O ministro Ribeiro da Costa, considerando-se injuriado e achando que estava também injuriado aquela corte de justiça, propôs que o procurador geral, Sr. Themistocles Cavalcanti, processasse o autor no referido artigo. Os desembargadores Rocha Lagoa e Cândido Lobo se associaram à indignação do ministro Rittuente, especialmente em razão de terem, em outros Estados, os elementos do PSD beiro da Costa, o mesmo fazendo o Sr. Machado Guimarães. Mas os srs. José Antonio Nogueira e Sá Filho, mais serenos, acharam que a justiça devia palrar sobrebranceiramente acima das críticas e dos doestos, bastante aos juizes a satisfação do dever cumprido. Uma das notas sensacionais da semana foi o episódio deputado Barreto Pinto — general Góes Monteiro. Aquele deputado fez acusações contra o general Góes Monteiro, alegando que o atual senador eleito por Alagoas recebera uma ajuda de custo excessiva, em moeda ouro, para permanecer apenas alguns dias em Montevideo, por ocasião de sua última viagem. Duas vezes foi o general Góes Monteiro, à Câmara, em trajos civis e de bengala, para se entender com o deputado Barreto Pinto, que achou meios de não estar presente, mas mandou uma carta sibilina ao senador alagoano, carta essa divulgada pela imprensa. O general Góes Monteiro, explicando-se, fez uma declaração dos seus bens, asseverando que seu próprio apartamento ainda não está totalmente pago, e o ministro das Relações Exteriores, Sr. Raul Fernandes, se prontificou a fazer expedir, pelo Itamaraty, uma rota sobre o assunto, mostrando que o general Góes Monteiro não recebera senão o que normalmente teria recebido qualquer embaixador, em missão no estrangeiro. O Sr. José Maria de Carvalho, delegado do Partido Republicano, dirigiu-se ao Superior Tribunal Eleitoral, para pedir a cassação do registro do Partido Proletário do Brasil, declarando que o referido grêmio partidário instruiu o seu pedido de registro com numerosas listas de assinaturas falsificadas, sendo prova disso o fato de que, nas eleições de 19 de janeiro, não conseguiu nem sequer aproximar-se dos cinquenta mil votos exigidos pela lei. Tem causado grande estranheza a aliança, em Pernambuco, das pessedistas com os comunistas, na Assembléia Constituinte, especialmente em razão de terem, em outros Estados, os elementos do PSD repellido alianças com os partidários do senador Prestes, inclusive em São Paulo, onde foi frugorosamente derrotado. Duas peças estranhas substituirão duas peças nacionais, dentro de breves dias, em dois dos nossos teatros: "A carta", de Somerset Maugham, sucederá a "Mocinha", de Joracy Camargo, no Serrador, e "O segredo", de Henri Bernstein, sucederá a "Seremos sempre crianças", de Pascoal Carlos Magno, no Ginásio. Como compensação, "Que marido sou eu?", farsa argentina, cederá lugar a "O Boa-Vida", peça nacional, de Gastão Barroso, no Teatro Gloria. Promovida pelo jornal nazi-fascista "A Nação", que se publica hebdomadariamente em Lisboa, realizou-se na Igreja dos Mártires, na capital portuguesa, missa por alma de Mussolini, com saudações fascistas, etc. O governo salazaresco permitiu a acintosa exibição, embora tenha proibido, agora mesmo, a realização de cerimônia, religiosa idêntica, em intenção das vítimas do massacre do ghetto de Varsóvia... O capitão do Exército Hermes Junqueira Gonçalves pagou com um cheque 35.000 cruzeiros de "luvas" que lhe foram exigidas para que pudesse alugar um apartamento de propriedade de Luis Antonio Pinto de Moraes, à rua Joaquim Nabuco n. 153. Mas deu em seguida queixa à Delegacia de Economia Popular, que está processando o intermediário e o proprietário pouco escrupuloso... Por hoje, é só... Até outro dia!

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

• • •

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever com seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇHONS

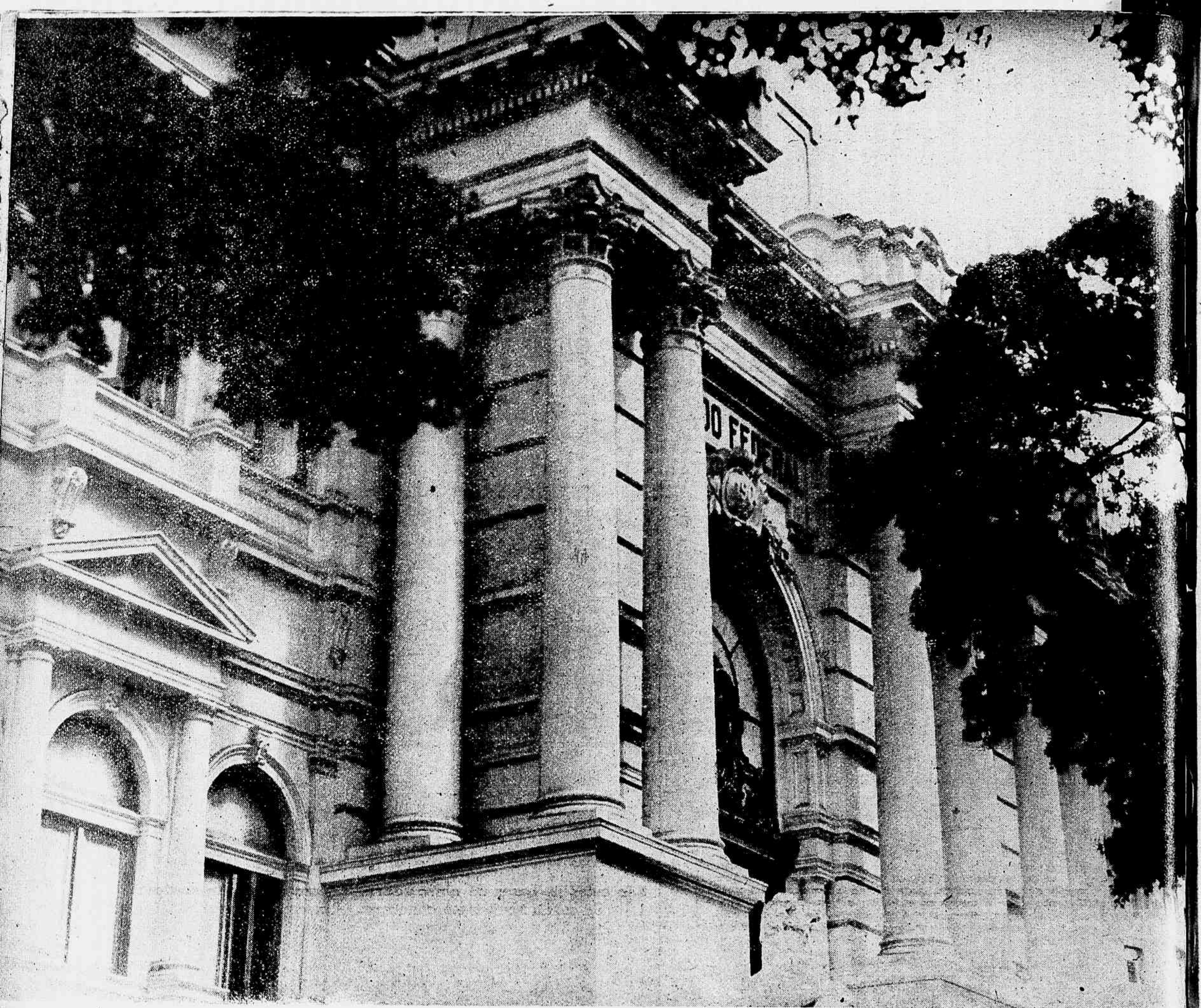
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

**JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES**



O Senado Federal, a chamada Câmara Alta da República, foi extinto pelo Estado Novo. Aqui, no Palácio Monroe, assim nomeado em honra de um grande democrata norte-americano, funcionou o Ministério do Interior e Justiça da ditadura, durante um período de quase oito anos. Mas o Senado voltou a existir, reaparecendo como o sol depois de um eclipse...

ONDE OS EXTREMOS SE TOCAM...

CONFESSO que não posso passar em frente do Palácio do Monroe, nem ler ou pronunciar a palavra Senado, sem que me venha à lembrança uma das páginas magistrais de Machado de Assis. Essa página é a que se intitula "O velho Senado" e na qual o admirável criador de "Quincas Borba" retrata as figuras mais ilustres que conheceram no velho corpo legislativo, no tempo do Império. Não era ali no Monroe que o Senado de então funcionava, pois o palácio da praça Marechal Floriano data deste século, mas o espetáculo que nos pinta Machado de Assis nos força a um confronto dos valores do velho Senado com os da nossa época. E podemos dizer, aliás, que foi dessa associação de idéias, dessa vontade de estabelecer um paralelo entre o passado e o presente, que nasceu esta reportagem. Porque só assim foi que, realmente, atentamos na heterogeneidade da composição do Senado Federal de hoje, sem dúvida alguma o lugar onde os extremos se tocam...

O LUGAR DAS ENTREVISTAS IMPOSSÍVEIS...

Uma revista ilustrada norte-americana, se deu ao esporte das entrevistas inverossímeis, enchendo páginas inteiras com desenhos coloridos, nos quais colocava, face a face, homens que, pelas suas idéias, eram irreconciliáveis. Por exemplo: o papa em conversação amistosa com Stalin, Adolf Hitler em colóquio quase amoroso com Roosevelt, etc. No atual Senado Federal parece ter havido um propósito deliberado de reunir quantidades antinômicas, fi-

O SENADO É UMA CASA DE VELHAS E GLORIOSAS TRADIÇÕES, MAS É TAMBÉM, HOJE EM DIA, O MAIS HETEROGENEO CORPO LEGISLATIVO DO BRASIL — LUIS CARLOS PRESTES IGUAL A FILINTO MULLER, GÓIS MONTEIRO IGUAL A GETÚLIO VARGAS — JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA, O HOMEM DA BOMBA ATÔMICA, SENADOR SEM QUERER, MAS PORQUE TODOS OS PARAIBANOS QUERIAM... — RECORDANDO UM EDITORIAL DO "CORREIO DA MANHÃ" — O ESTRANHO SILÊNCIO DE UM HOMEM QUE FALAVA DEMAIS... — O PROJETO DO SR. MARIO RAMOS SOBRE O GUANABARA, CONSIDERADO A GRANDE BOLA SENATORIAL DO ANO...

Reportagem de Demóstenes Varela

Especial para REVISTA DA SEMANA



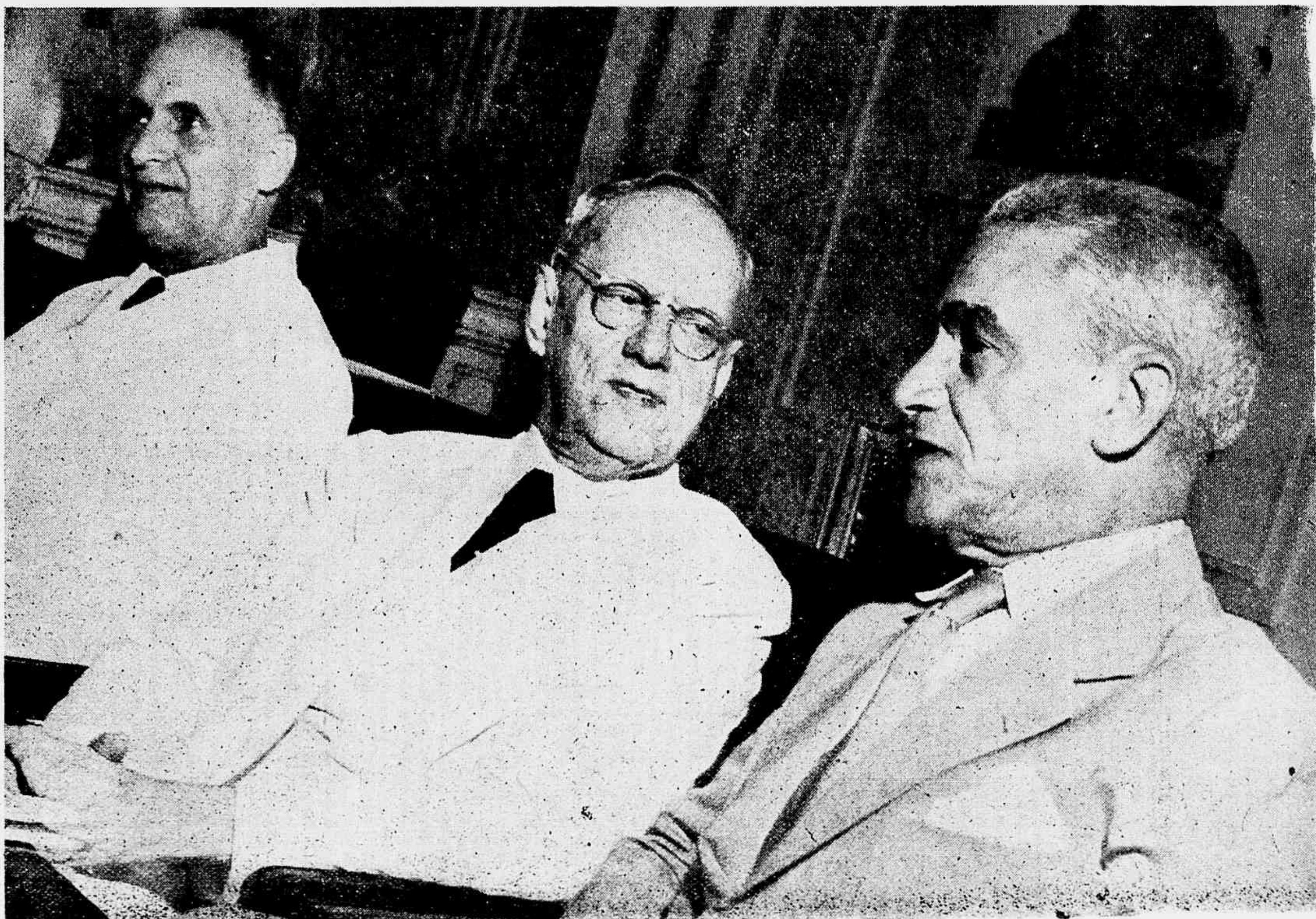
guras políticas em caracterizada oposição umas às outras. O trabalho das comissões do Senado não deve ser muito fácil, em razão das incompatibilidades pessoais que devem existir entre muitos senadores. No meio de tudo aquilo está colocado o senador Getúlio Vargas, que, ao lado do Sr. Salgado Filho, ex-ministro do Trabalho, da Aeronáutica e aposentado do Supremo Tribunal Militar, e do Sr. Marcondes Filho, ex-titular da Justiça e do Trabalho no Estado Novo, integra a diminuta bancada do Partido Trabalhista Brasileiro.

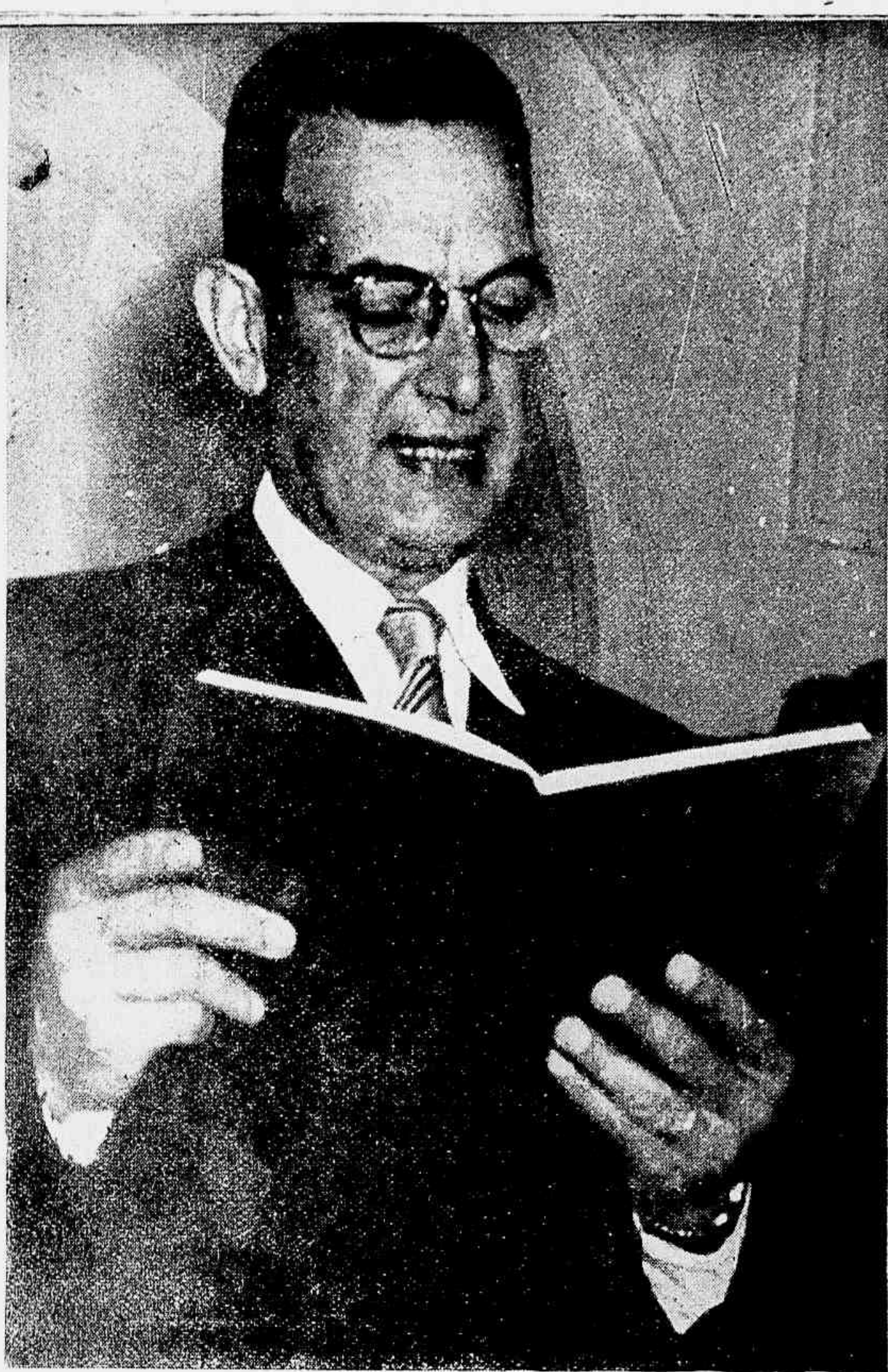
A É IGUAL A B, C É IGUAL A D...

No Senado Federal, o ex-ditador é uma simples sombra do que foi. Na sua apatia, quase não abre a boca para dizer coisa alguma. Por não ter tido votação cerrada, como esperava, na eleição para uma das comissões permanentes do Senado, mostrou-se zangado e pediu que o dispensassem. O homem não gosta de fazer força mesmo. Parece que assumiu o lugar para satisfação da sua valdade ferida, — pois muito lhe doeu haver sido arrancado do poder, ou,



Em cima: o vice-presidente da República e presidente do Senado Federal, senador Nereu Ramos, representante do Estado de Santa Catarina. Em baixo, três senadores fotografados no recinto. O da esquerda é o senador Novalis Filho, dissidente do PSD de Pernambuco; o do centro é o Sr. Mário de Andrade Ramos, banqueiro e católico, que quer arrasar o Palácio Guanabara e lotear seus terrenos. O da direita é o senador Melo Vianna, vice-presidente do Senado e antigo vice-presidente da República. Foi ele, também, o presidente da Assembléia Nacional Constituinte, que elaborou a nova Constituição, através da qual foi restaurado o Senado.





O senador Filinto Muller, o Javert da ditadura, ainda agora acusado, na tribuna da Câmara, pelos crimes cometidos pela política por ele chefiada no Estado Novo, prestando juramento como senador pelo Estado de Mato Grosso. Ele é um homem que fez sua carreira política prendendo e fazendo espancar gente. Ao lado, está o senador carioca Luiz Carlos Prestes, do PCB, que chegou ao Senado pelo caminho oposto, — isto é, sendo preso e espancado... Antes, os guardas o esmurravam em público, — e até no recinto do Tribunal de Segurança o fizeram, — e hoje prestam-lhe uma respeitosa continência. É do estilo, pois o homem é senador... A continência é a mesma para o Sr. Filinto Muller...

então, que apenas queria um outro emprêgo, afim de consolar-se da perda do posto de ditador. Para senador, mesmo, é que não parece ter sido... O "Correio da Manhã", num destes últimos dias, deu um tópico sobre a presença do Sr. Getúlio Vargas no Senado e procurou explicar sua inatividade psicanaliticamente. Segundo esse jornal, o Sr.

O senador Vitorino Freire renunciou à cadeira de deputado, para provar que tinha prestígio suficiente para se eleger senador por um Estado que não era o seu, o Maranhão. Chamam-no de "dono do Estado". E o fato é que seu partido, inexistente no resto do Brasil, teve ali uma vitória fragorosa...

Getúlio Vargas foi impelido a sentar-se no Senado pelo seu complexo de culpa e desejo profundo, intimo, incontornável, de punição, ouvindo as verdades reprezadas durante tantos anos pela censura do DIP sobre sua pessoa e sobre o seu governo...

No Senado, como delegados do povo, todos os senadores, teoricamente, são iguais. O Sr. Getúlio Vargas não vale mais do que o Sr. Góes Monteiro, que foi seu ministro e depois se enfadou, ajudando a depô-lo. Nem o Sr. Filinto Muller, que era o Javert da ditadura, vale mais do que o Sr. Luiz Carlos Prestes, que ele meteu na cadeia e mandou esmurrar pelos seus agentes, na época em que o atual secretário-geral do PCB, era um foragido e um conspirador... A recíproca também é verdadeira...

UM ESPETÁCULO QUE DEVE TER ALGO DE CONSTRANGIDOR...

Deve haver uma ponta de constrangimento, em certas ocasiões, quando se encontram, num elevador, ou face a face, certos senadores. Uma pessoa inadvertida pode, facilmente, se converter em "amigo da onça" ou revelar um espontâneo "espírito de porco", sem deliberação, inconscientemente. Exemplo: o elevador vai subindo com o senador Getúlio Vargas e o diligente, prestimoso, mas desastrado circunstante acena ao ascensorista:

-- Espera aí! Não suba já... Leve também o Dr. José Américo de Almeida... Ele já vem chegando aí...

O Sr. José Américo de Almeida, atual presidente da União Democrática Nacional, não queria ser senador. Mas o povo da Paraíba queria que ele fôsse. Não se pode contrariar o desejo unânime de uma população. Ele acedeu, por fim, e foi eleito pela votação de todos os partidos. Em 1930 foi ele um dos que mais fizeram para levar o Sr. Getúlio Vargas ao poder. Em 1932, um dos que mais fizeram para conservar o mesmo Sr. Getúlio Vargas no poder, apoiando-o contra a revolução paulista. Foi ministro da Viação, elegeram-no senador, renunciou, não quis tampouco ser embaixador no Vaticano e foi, depois, para o Tribunal

de Contas, como ministro. Parecia um homem arquivado, — e era isso o que desejava o atual senador Getúlio Vargas, — quando grande corrente democrática lançou o seu nome como candidato à sucessão presidencial, em contraposição ao Sr. Armando de Salles Oliveira. O que houve, então, toda gente sabe: o Sr. Getúlio Vargas animou o integralismo, aqualou-o bem, — e deu em seguida o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, para logo em seguida alijar os instrumentos de que se servira para criar o clima de insegurança e confusão propício aos seus planos de perpetuação, a qualquer custo, no poder. O Sr. José Américo de Almeida recolheu-se a um digno ostracismo. Mas a verdade é que ficou esperando na curva o seu ingrato amigo de 1930 e de 1932. Em 1945, foi ele quem abriu o "score" contra a ditadura, enterrando o Estado Novo com a entrevista sensacional que deu ao hoje vereador Carlos de Lacerda para o "Correio da Manhã". Foi ele o homem da bomba-atômica que destruiu a Nagasaki do Estado Novo. A segunda bomba, a de Hiroshima, foi a de 29 de outubro, forçando a capitulação incondicional do homem que se incrustara niponicamente no poder...

Seria, portanto, deliciosa, em face de tudo isso, se um fotógrafo se dirigisse aos dois, num dos corredores do Senado:

— Por favor, senadores! Não querem posar uma chapa juntos? E' um instantinho só... Sorriam, sim?

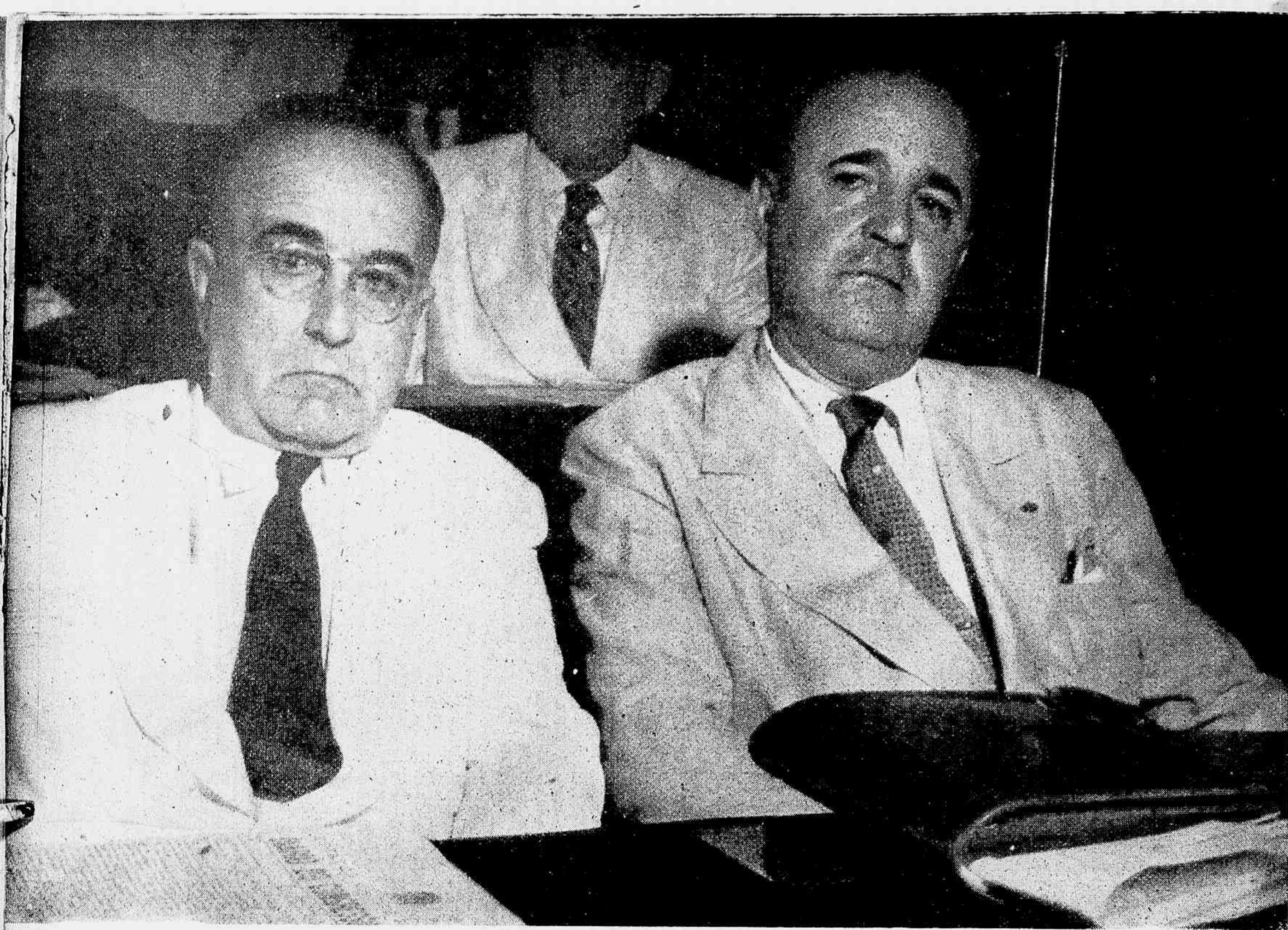
O ESTRANHO SILÊNCIO DE UM HOMEM QUE FALAVA MUITO...

Dois dos antigos ministros do Sr. Getúlio Vargas se encontram hoje no Senado Federal, ao lado do ex-ditador. São eles o Sr. Salgado Filho, homem de atitudes discretas, recém-eleito pelo Rio Grande do Sul, e o Sr. Marcondes Filho, que outrora se manifestava quase diariamente, através do rádio, na famigerada "Hora do Brasil", com o seu verborágio "Boa noite, trabalhadores do Brasil". O ilustre "speaker" tem andado extremamente si-

Na página à direita: o senador carioca Luiz Carlos Prestes, no seu isolamento, no lugar que escolheu para sentar-se. As divergências doutrinárias afastam dele muitos dos seus colegas. Em seu redor, há sempre cadeiras vazias. Os outros senadores não querem ser vistos junto de Prestes. Especialmente porque a imprensa fala muito das aproximações...

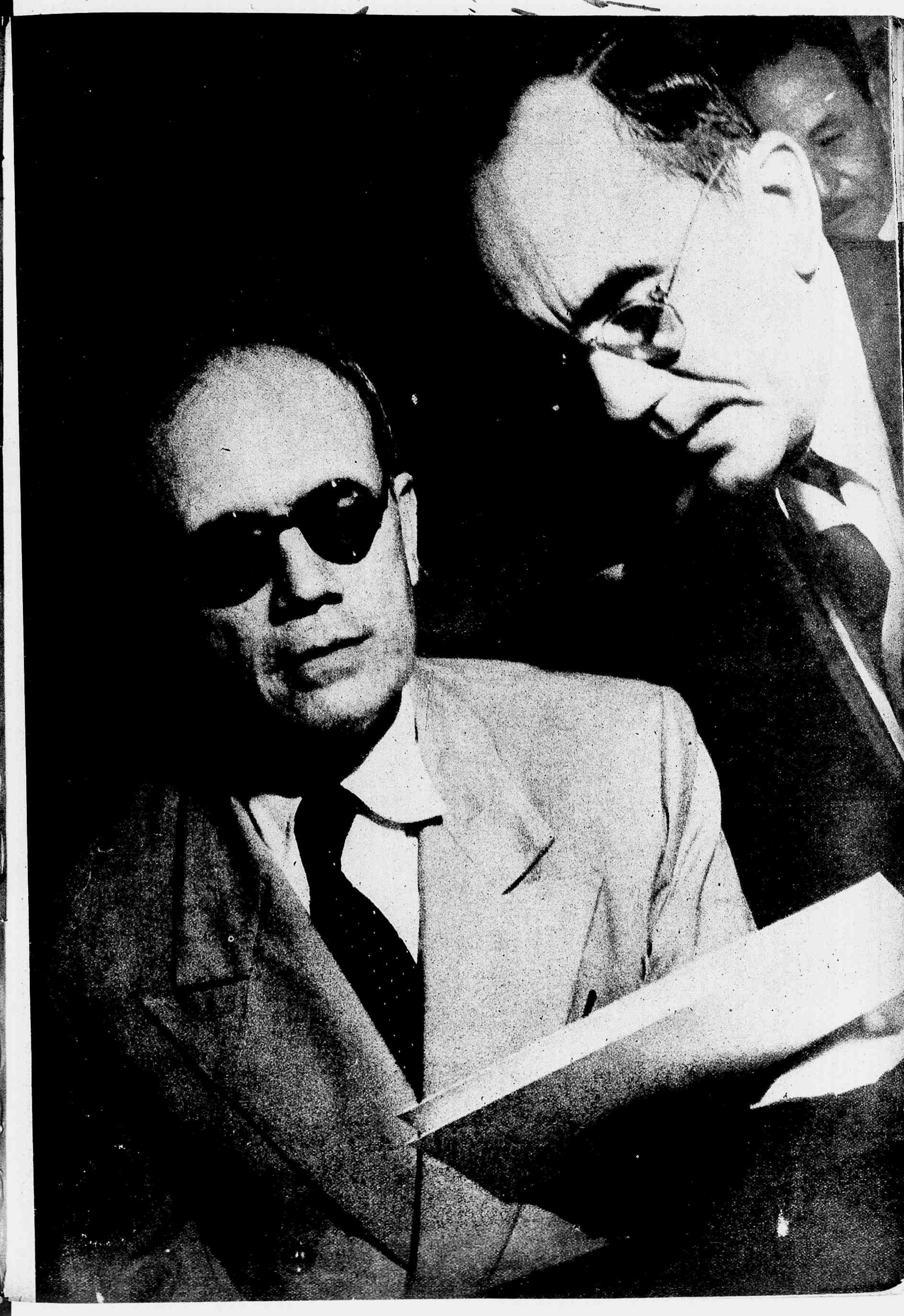


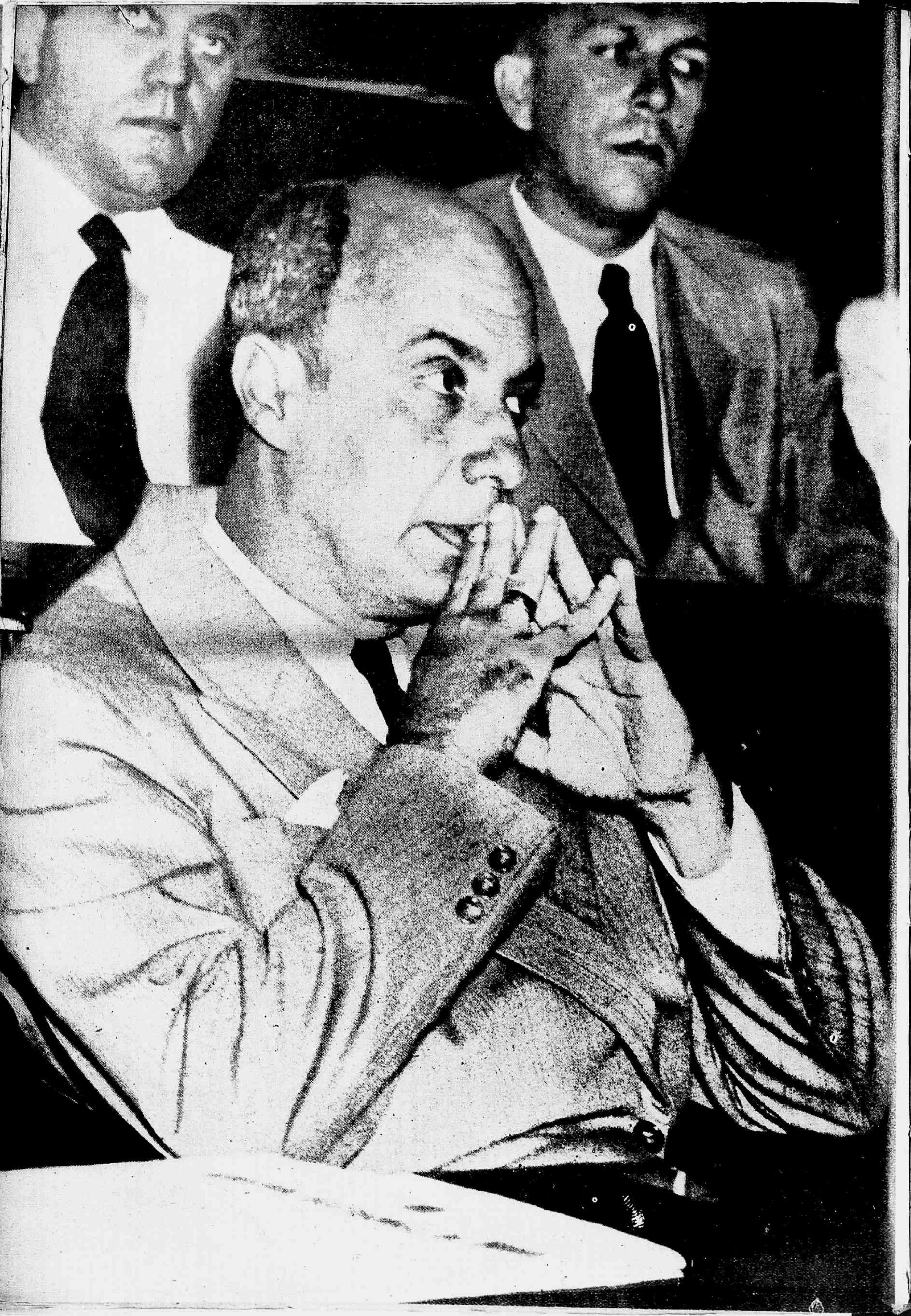




Em cima: o senador Getúlio Vargas, o homem que extinguiu o Senado e, agora, foi se acotier à sua sombra, ao lado do senador Salgado Filho, um dos raros ministros da ditadura que não deixaram o poder carregados de incompatibilidades pessoais. Sereno e discreto, nunca abusou do poder para esmagar adversários e, por isso, estes hoje o respeitam. Em baixo: três senadores do PR: os Srs. Durval Cruz, de Sergipe; Arthur Bernardes Filho, que derrotou espetacularmente o Sr. Benedito Valladares em Minas e que é, ele próprio, uma das vítimas do atual senador Filinto Muller; e Atilio Vivaqua, do Espírito Santo, que deixou o P. S. D. para se colocar sob a bandeira do PR. Na página ao lado, o Sr. José Américo de Almeida, o homem da bomba-atômica que destruiu o Estado Novo, hoje na presidência da U. D. N., discute um parecer com o senador Plínio Pompeu, representante do Ceará.









Flagrante do plenário do Senado Federal, quando falava o senador Arthur Santos, representante do Estado do Paraná.

lencioso, raramente abrindo a boca para falar no Senado Federal.

"Papagaio louro,
Do bico dourado,
Tu, que falavas tanto,
Por que estás agora tão calado?"

Era o que perguntava um samba que circulou no Brasil inteiro por volta de 1920. E' o que se pergunta agora ao Sr. Marcondes Filho, que era tão carinhoso com os trabalhadores (carinhoso em matéria de palavras), tem desprezado de maneira completa e total seus antigos ouvintes. Nem mesmo no aceso da campanha do Partido Trabalhista, não vinha ele ao microfone, dar o seu tradicional "Bôa noite". A propaganda do partido era feita diretamente por Ugo Borghi, Junqueira e outros. Borghi saiu do PTB para fundar o PPB e levou com ele suas rádios. Não resta ao senador Marcondes nem mesmo a fabulosa PRK-30, de Lauro Norges e Castro Barbosa. Será que os trabalhadores do Brasil estão dormindo direitinho, sem ouvir a "beuceuse" a que já os habituara o antigo ministro do Trabalho?

Do Senado, ele podia, pelo menos, dar um "bôa tarde" aos trabalhadores. Já não haveria aquele silêncio que nos faz supor o ilustre senador perdeu o uso da língua e o dom da voz...

VAMOS LOTEAR O PALACIO GUANABARA?

Um dos novos senadores, dos que se fizeram eleger a 19 de janeiro, é o Sr. Mário de Andrade Ramos. E' milionário e faz praça de ser católico, embora outro que faz praça de Sr. Católico, o Sr. Gustavo Corção, diga que o ilustre repúblico não passa de um mistificador, em matéria de religião, visto como dá crédito a Camilo Flammarion e crê na transmigração das almas. Os dois são católicos, — lá se entendam. Católico ou não católico, o fato é que o senador Mário de Andrade Ramos apresentou, no Senado Federal, o mais estranho de todos os projetos, considerado, aliás, no próprio seio daquela casa legislativa, como a maior das bolas senatórias...

Esse projeto é o que se refere à demolição do grupo de edificações do Palácio Guanabara, — exceto a igreja, — e ao loteamento dos terrenos ali existentes, para a construção de casas de apartamentos... Veementemente criticado por toda a imprensa, que o considerou inteiramente disparatado, o projeto — bola já teve parecer contrário, numa das comissões do Senado, — sendo muito provável a sua rejeição. Em todo caso, o senador Mário de Andrade Ramos pode se orgulhar de uma coisa: torto ou direito, entrou no Senado fazendo barulho...

O DONO DO ESTADO DO MARANHÃO...

Entre os novos senadores, está o Sr. Victorino Freire, que é um homem relativamente moço, natural da Paraíba, mas senador pelo Estado do Maranhão. Seus inimigos dizem que "ele se opoderou do Estado". E' o dono do Maranhão. Como se explica o seu prestígio. Esse prestígio não pode, talvez, ser explicado, mas o fato é que existe. E o Sr. Victorino Freire é um homem de coragem, — eis o que não resta dúvida. Rompido com o PSD, por divergências quanto a candidatas, alinhou em alguns dias um partido novo, que em nenhum outro Estado encontrou eco ou mostrou a menor sombra de prestígio, — e lançou-se candidato à senatória, apresentando ainda partidários seus como candidatos à governança e a uma outra vaga no Senado. Era deputado pelo Maranhão e ao ferir-se o pleito, ignorando ainda se venceria ou se seria derrotado, o Sr. Victorino Freire renunciou à sua cadeira na Câmara. A apuração das eleições provou que ele estava certo. E' mesmo o dono do Maranhão. Embora muita gente se irrite com a intromissão de um paraibano nos negócios do seu Estado, considerando-o um intruso...

GRANDES ORADORES DO SENADO

Escrevendo sobre o velho Senado, Machado de Assis nos fala de alguns dos seus grandes oradores, como Nabuco (pai), Eusebio de Queiroz, Zacharias e Teophilo Ottoni. E recorda vultos ilustres, como Caxias, Montezuma,

Paranaguá, Sinibú, etc. Na chamada República Velha, tivemos algumas personalidades ilustres no Senado, — e uma dessas foi Ruy. Ali também brilharam Paulo de Frontin, Lauro Sodré, Lauro Muller, Epitácio Pessoa, etc. Lopes Gonçalves tinha uma assinatura permanente de uma das suas cadeiras. Antonio Azeredo, de outra. Durante largo tempo, Pinheiro Machado foi o dono do Senado e através do Senado dominava a política nacional, — era o Poder fora do poder. No Senado Federal de hoje há algumas figuras novas que vão logrando destaque bas-

Na salinha do café, diligentes funcionários preparam a saborosa rubiacea para os "pais da pátria".



Na página à esquerda, o senador carioca Hamilton Nogueira, em atitude de quem ouve com a maior atenção um discurso do Sr. José Americo de Almeida contra a falência do programa de construções dos institutos. Médico, professor, católico militante, o Sr. Hamilton Nogueira acompanha, no Brasil, a corrente filosófica chefiada, na França por Jacques Maritain.



Dois graves senadores do Norte, parecendo preocupados com as grandes responsabilidades que lhes pesam sobre os ombros. São eles os Srs. Mathias Olímpico, do Piauí, e Adalberto Ribeiro, da Paraíba.



tante expressivo. Uma delas é o senador carioca Hamilton Nogueira, figura realmente brilhante. Outra é o Sr. Plínio Pompeu, representante do Ceará, combativo e dinâmico. O Sr. Nereu Ramos é quem preside o Senado, na qualidade de vice-presidente da República. O vice-presidente é o senador Mello Vianna, de Minas Gerais. Tem ele a vocação das vice-presidências. Já exerceu a da República, no governo de Washington Luís. O secretário é o senador Georgino Avelino, representante do Rio Grande do Norte.

O ESTADO NOVO NÃO CONSEGUIU ACABAR COM O SENADO...

Pela Constituição de 1937, deixava de existir o Senado Federal. Passaria a existir em seu lugar um Conselho Federal, que nunca foi organizado. Mas, destruído o Estado Novo, ressurgiu o Senado Federal, com as mesmas atribuições antigas e peculiares ao funcionamento do regime democrático. Ao Senado Federal cabe aprovar as nomeações de ministros do Supremo Tribunal Federal, de ministros do Tribunal de Contas, de embaixadores e ministros plenipotenciários, bem como a filtragem dos projetos de lei vindos da Câmara, o exame em conjunto com a Câmara dos vetos presidenciais e outras atribuições que a Constituição Federal especifica. É um dos órgãos mais importantes do regime sob o qual vivemos e por isso é chamado, também, de Câmara Alta. A história tem destas singularidades no Senado, que não se limitou a fechar, mas que também extinguiu, é que o Sr. Getúlio Vargas foi encontrar um remançoso encosto no fim de sua vida política, — e se maior não é a sua tranquilidade é porque muitas das caras, em redor, lhe lembram os seus dias de esplendor e de poder absoluto... Contudo, deve pensar hoje que se não existisse o Senado, teria sido preciso inventá-lo...

Na chapelaria do Senado, os chapéus vivem em boa harmonia, o de Getúlio Vargas ao lado do de José Américo, o de Plínio Müller ao lado do de Prestes, o de Etelvino Lima ao lado do de Hamilton Nogueira. As cabeças podem pensar diferentes e as bocas podem proferir frases pesadas, mas os chapéus se dão muito bem. Não há lugar mais tranquilo no Senado do que aquele...

MÚSICA

A AVENTURA CINEMATOGRAFICA DE CHARLES KULLMAN — UM "SONHO DE AMOR" NA IDADE MÉDIA — A SINFONIA COM UMA CANÇÃOZINHA NO MEIO... — CHOPIN E UM MALENTENDIDO — "SEDUÇÃO" (SONG OF SCHEHERAZADE) — O "FANDANGO" E O CAPRICHOS ESPANHOL".

ESPECIAL PARA A REVISTA DA SEMANA — De Roberto Lyra Filho

CRITICANDO os métodos de que lançam mão os produtores de Hollywood afim de acrescentar "glamour" à música dos compositores eruditos, que passam à tela, em versão sofisticada, Oscar Levant teve esta frase muito justa. "A confusão que se faz é tão grande que Bach vem ao lado de Offenbach". Nada define melhor a situação do que esse comentário venenoso.

Quem não viu, ainda, uma daquelas saladas em grande estilo em que se coloca um soprano ligeiro a gargarejar o "Sonho de Amor", de Liszt, no meio dum palco, cercada de comparsas vestidos à moda da idade média. Tal é o que, na opinião de Hollywood, ressaltadas as honrosas exceções, pode passar por ópera.

Ainda não faz muito tempo, vimos Lauritz Melchior submetido à humilhação de ter que participar de uma pretensa ópera, em que tudo o que lhe cabia fazer era entoar uma melodiasinha fagueira de Mendelssohn com versos onde brihavam maravilhas como aquele "tralala, tralala, olé!"

Susana Foster, no "Fantasma da Ópera", se não me engano, usou Chopin como veículo para os seus desatinos canoros. O próprio Levant só teve aquele desabafo penitente, depois de misturar muitos "cocktails" dessa orquestra, como aquele, no qual aparecia um barítono, vestido em trajes de diabo, e berrava: "Silenzio!" Uma delícia...

Por outro lado, verifica-se que, posta de lado a ópera, que é pelas suas qualidades que nada tem a ver com a música, a preferida, são os compositores românticos que merecem, em geral, maior destaque. Com exceção de Chopin, são, quase todos, os homens da melodia e do virtuosismo. E, ainda no caso de Chopin, tanta admiração não passa de um equívoco. Essa, pelo menos, era a opinião respeitável de Mário de Andrade, que disse: "Chopin, por exemplo, a Toccata e Fuga em Ré, de Bach, a Sinfonia Inacabada... Mas se tais músicos são gostadas e aplaudidas, eu afirmo que jamais o são no seu complexo sentido artístico e funcional, mas exclusivamente no seu resultado sensorial, em que certas obras grandes às vezes coincidem com péssimas obras. Na verdade o que o povo aplaude, ouvindo Chopin, não é a música de Chopin, mas a Melodia e o Virtuosismo. De maneira que, logo em seguida, aplaudirá com muito maior volúpia, uma ária da Tosca, por qualquer tenor ruim, mas broslado de firmatas. Porque a ária da "Tosca" é melodia e virtuosismo também.

Não poderia haver melhor prova dessa estima equivocada do que a daquela fan de André Kostelanetz, acostu-

mada a ouvir seus arranjos de Tchaikovski, que dizia:

— "Vamos escutar a sinfonia que tem aquela caçãozinha, no meio!"

Também há o caso do jovem americano que, ao ouvir o concerto n. 1, para piano e orquestra, de Tchaikovski, exclamou:

— Vejam só. Eu nunca pensei que "To-night we Love" fosse tão velho... E olhe que o malandro do russo copiou tudo... Isso é plágio!

Poderíamos multiplicar os exemplos. E salientar como é contraproducente a divulgação da música dessa forma, retirada a melodia para servir a ritmo dansantes...

Anuncia-se, agora, que Charles Kullman, o tenor do Metropolitan que tem visitado o Rio nas recentes temporadas líricas, vai aparecer no cinema, em "Sedução" filme baseado na vida de Rimsky-Korsakoff.

Mas, evidentemente, essa película — não poderia passar sem algumas extravagâncias no mais legítimo estilo hollywoodiano. Assim é que Kullman terá que cantar um "Fandango" — vejam só! — que é o que, em matéria de adaptação, os responsáveis pela parte musical conseguiram extrair do famoso "Capricho Espanhol"... Não bastaram as óperas de Rimsky Korsakoff. Suas canções não bastaram. Havia necessidade de fabricar mais uma — e sob medida. Assim — zás! tráz! — pronto! Salta o "Capricho Espanhol" transformado em canção. Que é isso? Ora, isso é Hollywood!

O mais curioso, porém, é que, há dois anos, durante um almoço no Hotel Glória, alguns cantores estrangeiros, que tomavam parte na temporada lírica, comentavam as manias de Hollywood. Eram Leonard Warren, Charles Kullman e Stella Roman. Dizia esta:

— Nunca poderia cantar no cinema...

E Leonard Warren, com uma careta, recordava a sua aventura cinematográfica.

— Colocaram-me em trajes ridículos e me fizeram repetir cerca de duzentas vezes a gesticulação. Um horror!

— O pior, porém, não é isso, — arrematava Kullman. — E' o desprezo que eles têm pela arte...

— Arte? Eles sabem lá o que é isso?

Diante daquelas manifestações, arrisquei:

— E que é que os senhores acham dos cantores que têm aparecido no cinema?

— Quem, por exemplo?

— Digamos, Grace Moore.



Charles Kullman, que tirou férias no Metropolitan para estreitar no cinema.

E, como o soprano, naquele tempo, ainda era vivo, evidentemente, não se aplicou o "de mortuis nil nisi bonum"...

Depois de ser esmiuçada a vida artística de Grace Moore, lancei mais lenha na fogueira:

— E Lauritz Melchior?

Um murmúrio respeitoso correu a roda.

— Então?

— Bem, Melchior precisa se defender... Hollywood paga bem...

E considerou-se, então, a vida de um cantor, as despesas, a incerteza.

— Um acidente, a voz perdida... E está terminada uma carreira.

— Ou, mesmo, um declínio... O público é impiedoso...

mas foi Kullman quem arrematou:

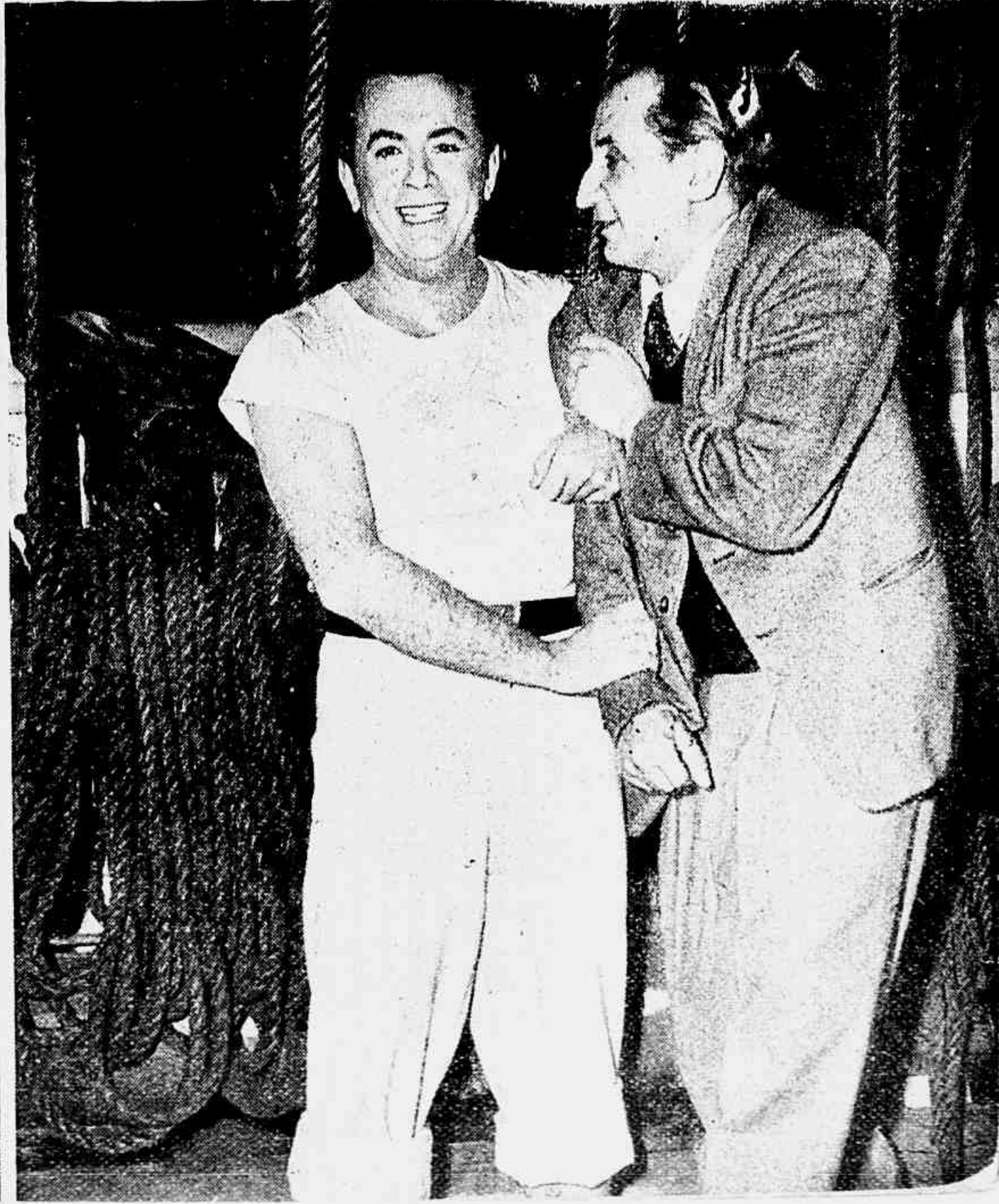
— O fato é que Hollywood só, mesmo, para ganhar algum dinheiro...

Warren assentiu:

— Bem, nisso eles são generosos. Com duas canções, eu ganhei mais do que ganho com duas óperas...

Aguardemos o resultado da aventura de Kullman no cinema. Pode ser que seja uma exceção à regra dos filmes musicados... mas, tendo em vista o que se tem feito até agora, também pode ser que não seja...

A esquerda: Charles Kullman, ao lado de Yvonne de Carlo, "estrela" de "Sedução" (Song of Scheherazade). A direita: O cantor Charles Kullman ao lado de Walter Reisch, diretor de seu novo filme.





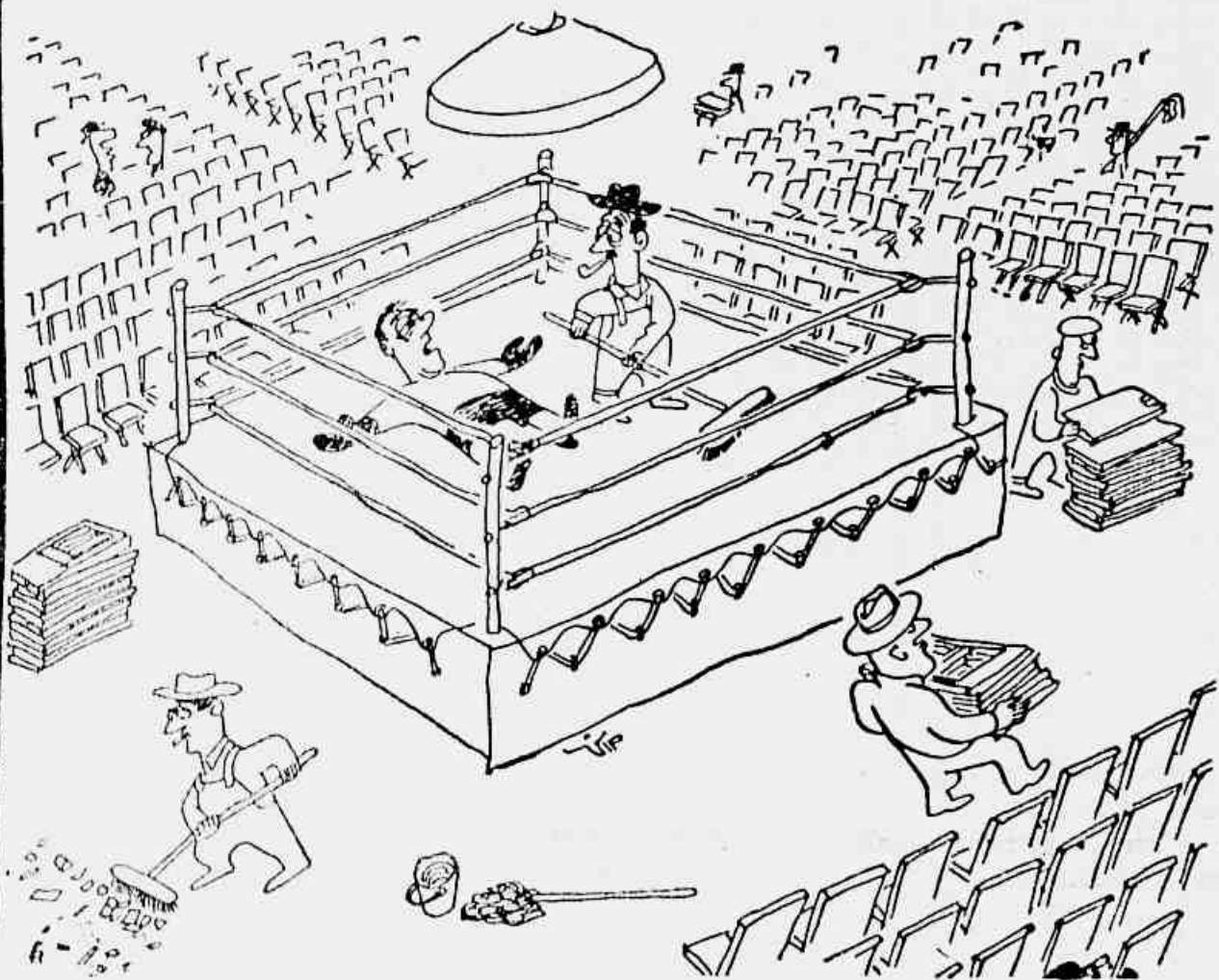
LEIAS FEITAS

— Conte-me suas aventuras na China... O senhor tomou sopa de ratos ou comeu ninhos de andorinhas?

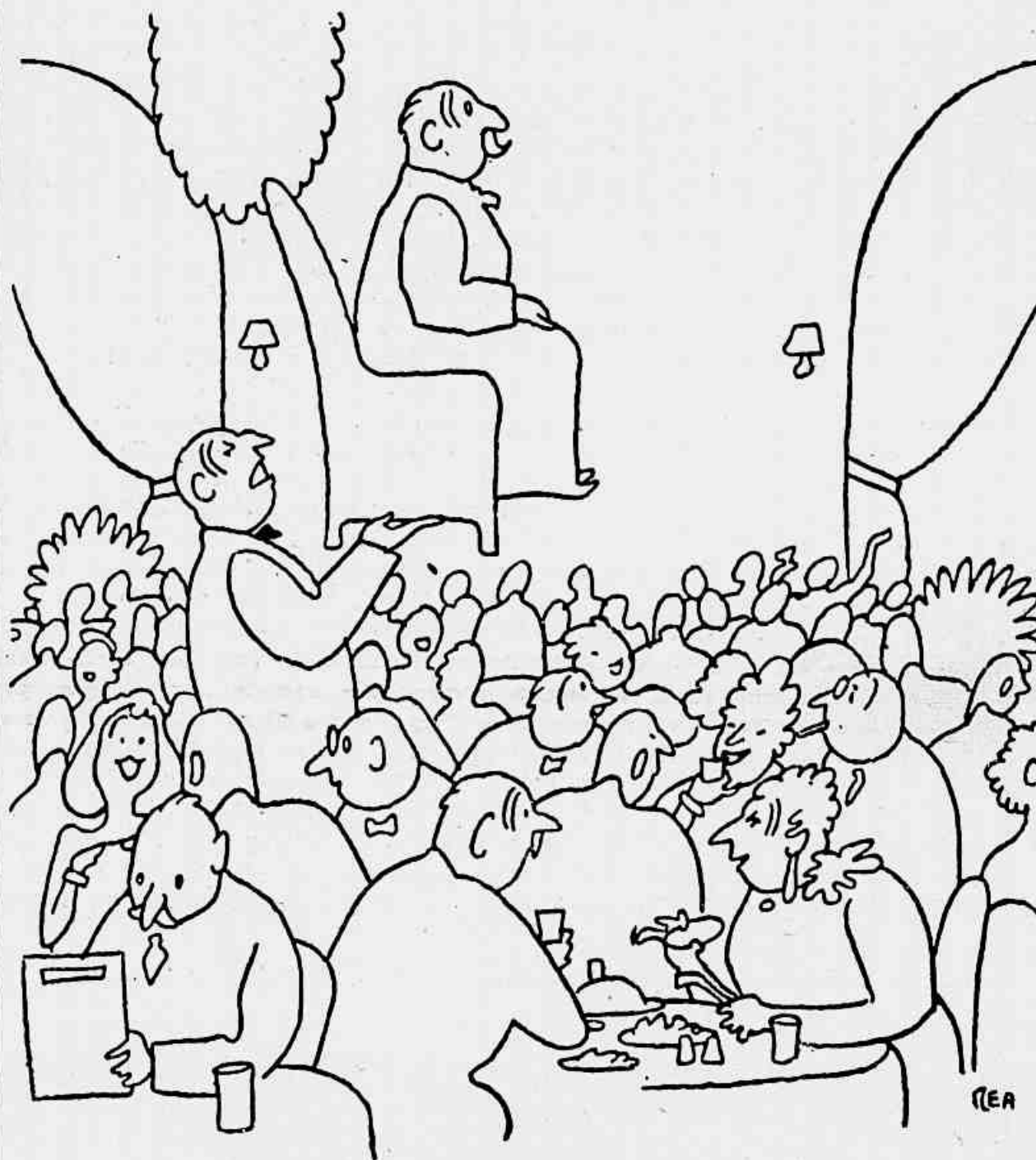


A GENTILEZA ACIMA DE TUDO...

— O senhor desculpe ter sido com o meu parachoque velho... O novo ainda não chegou...



— Uê, eles já foram embora?



NOS RESTAURANTES DE AGORA...

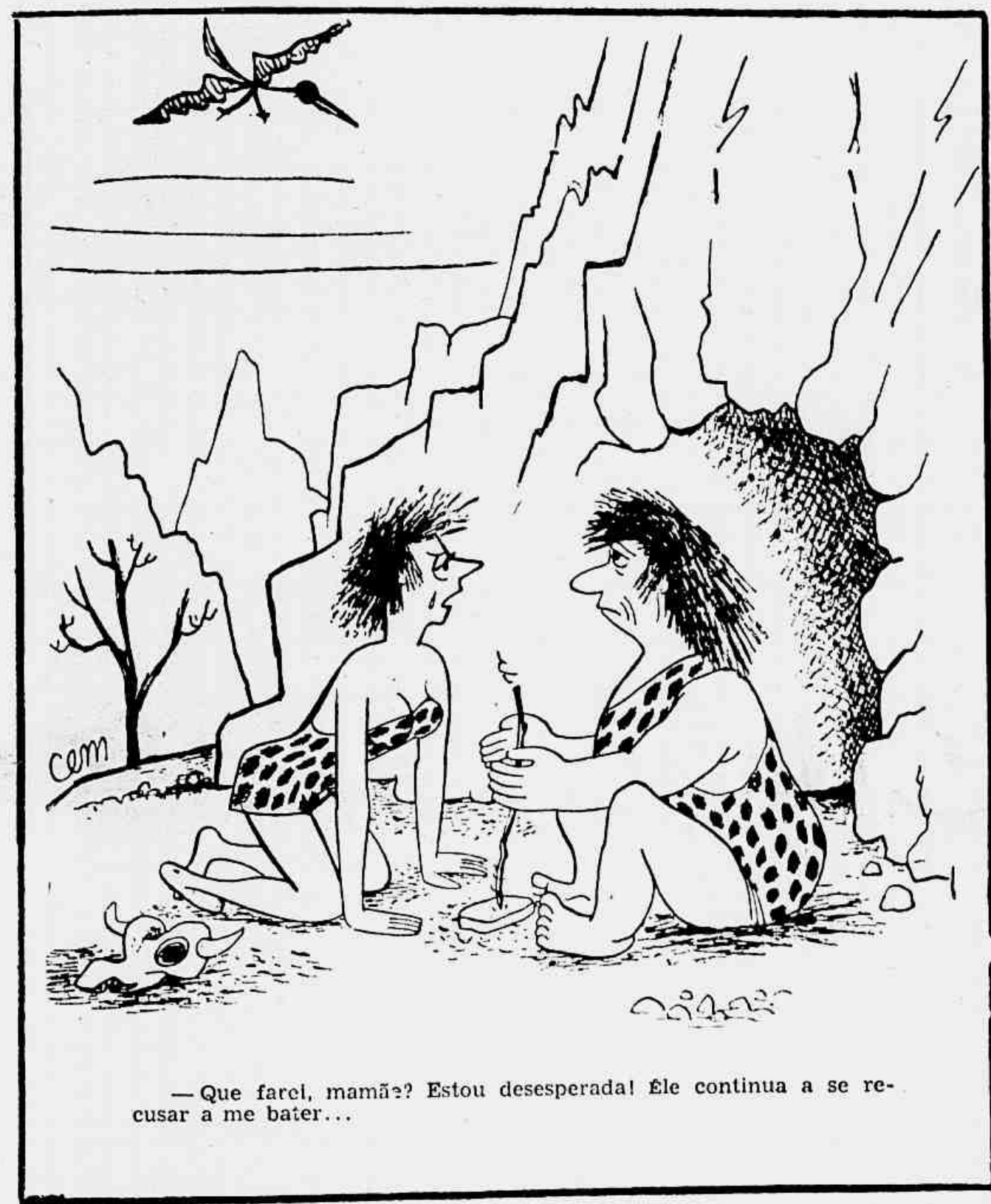
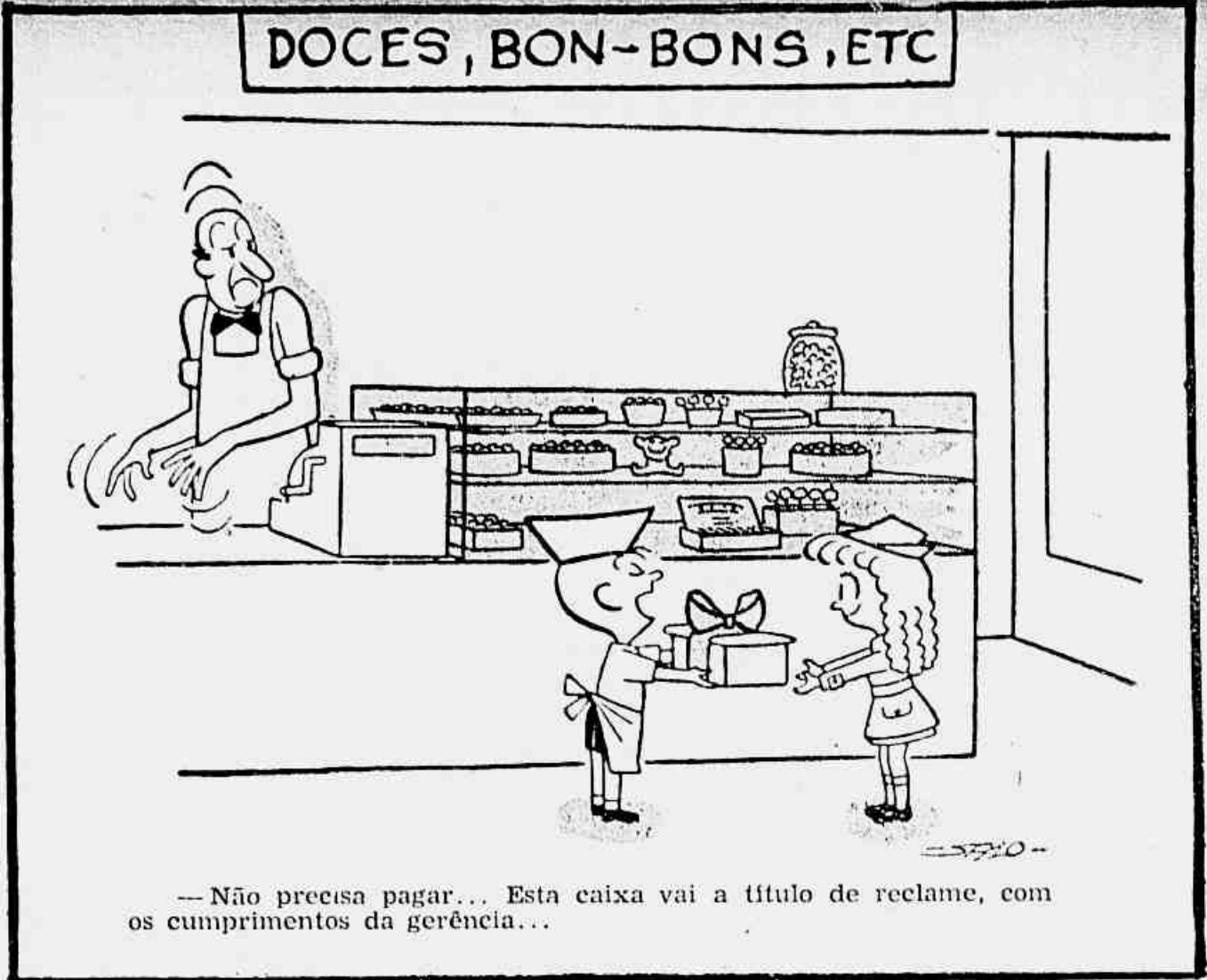
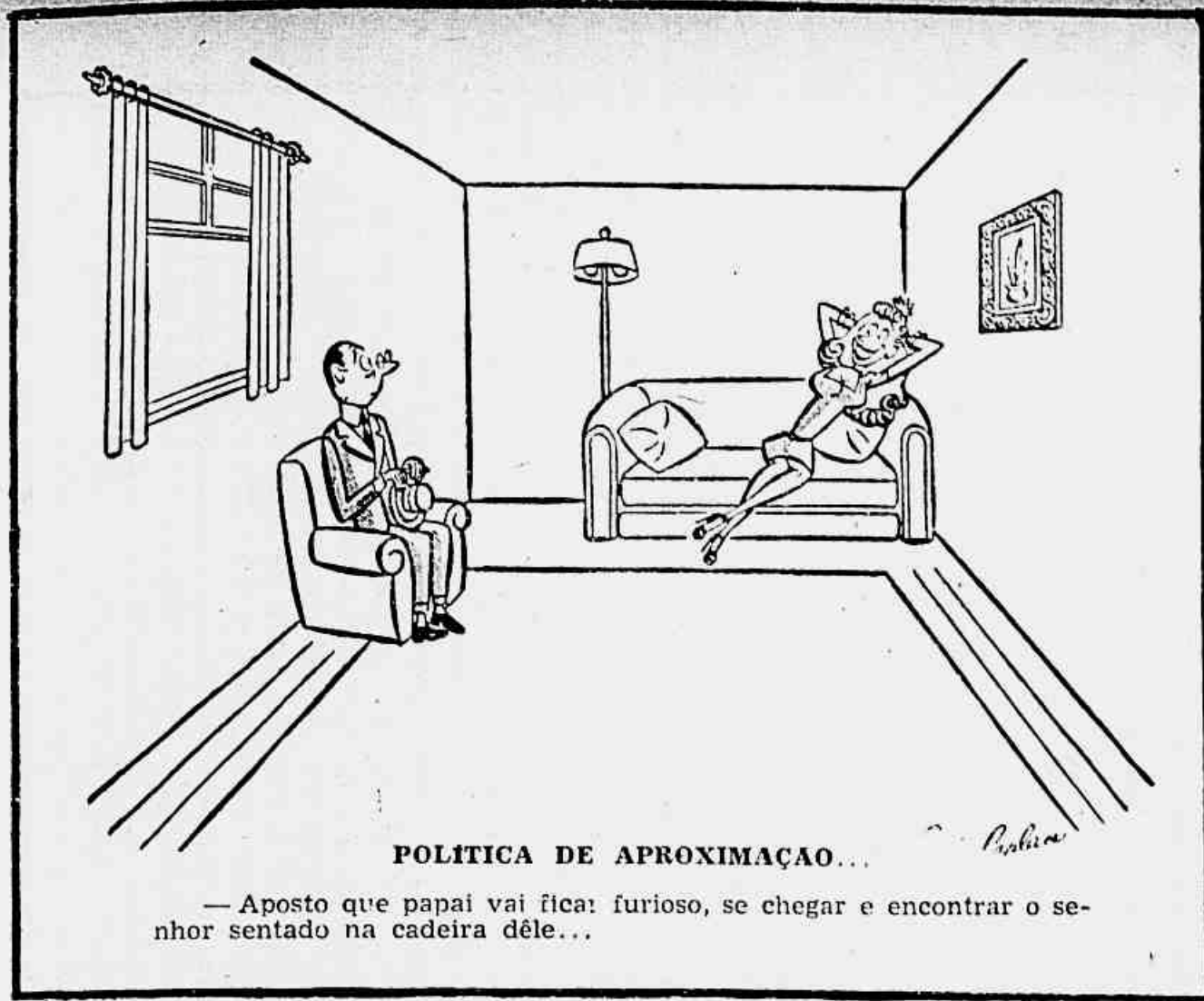
— Não se preocupe, doutor... Havemos de encontrar um lugar para o senhor...



B
O
M

H
U
M
O
R

— Miss Lercy Controle-se!





Zaluar 742

CONTO DE AUGUSTO AGUIAR
ESPECIAL PARA A REVISTA DA SEMANA
ILUSTRAÇÃO DE ABELARDO ZALUAR

fui ficando sem ação, apenas ruídos do mundo exterior, carros passando pela rua ou o chiado metálico de um bonde distante, correntezas insuspeitadas me arrastando em seu bôjo, fome, sede uma vontade maluca de sair gritando por uma praia muito alva e sem coqueiros, acima de tudo lembranças, fantasmas antigos sentados no chão, Célia chorando na varanda e eu sem

saber porque, ao menos se tivesse vontade de enxugar suas lágrimas, mas seria tudo inútil, as palavras desconexas brotando nos lábios, continuação de conversas perdidas no tempo

A febre voltou, hoje à tarde, e minhas mãos se agitaram em gestos estranhos, tentando, inúteis e frageis, afastar as bolinhas verdes que se perdiam no teto,

se prolongando sem fim. Não há calma, não há quietude, está tudo negro e o ar que vem de fora é áspero, ventania que revolve minhas roupas e meu peito, eis que a crise me domina novamente, joga-me no tapete ou contra o espelho, apenas um rosto magro e cadavérico existe, cabelos revoltos e as olheiras violáceas. Dansam as mãos para que dête-las? são donas do mundo e de mim, fogem, refugiam-se nas cortinas alvas porque as trevas encobrem o lado léste. Ha muitos anos foi Marina quem se chegou e me disse: "É preciso que você perca essa mania por mim, arranje outra namorada e me deixe em paz", seus lábios grudados nos meus: "Você é meio leuco, mas eu gosto de você e pronto...", a família não queria que aquela amizade continuasse, rapaz cachaceiro e pobre não tem direito de namorar moça rica, sei lá quantas coisas inventaram, mentiram, até de doido me chamaram apenas para que seu espírito se deixasse influenciar por essas coisas,

Continua na pág. 54

DELIRIO NUMA SEXTA-FEIRA À TARDE



John Garfield falando ao nosso correspondente especial, Luis Serrano, que o levantou da cama para uma entrevista...

JOHN GARFIELD MUDOU DE POUSO...

Hollywood, abril — Geralmente, o que anima a um jornalista a procurar uma personalidade de Hollywood para uma entrevista é o fato de se encontrar o seu nome na ordem do dia nos meios artísticos da capital do cinema. Foi esta a razão pela qual resolvi procurar John Garfield, que é um dos galãs mais cotados da atualidade.

Tendo sido uma descoberta da Warner Brothers, em cujos filmes apareceu em caráter exclusivo até ser declarada a guerra, — e se afastando, então, para prestar serviço militar na marinha dos Estados Unidos, — John Garfield, ao ser desmobilizado, trazia outros planos de ação. E foi assim que, rompendo com a conduta anterior, foi filmar na Metro um dos papéis centrais de "O destino bate à porta", na Metro, ao lado de Lana Turner. Em seguida, John Garfield voltou ao ninho antigo, isto é, à Warner Brothers, afim de aparecer em três filmes, um dos quais com Joan Crawford, — a refilmagem de "Humoresque", grande êxito do cinema silencioso, que

Da Warner Brothers, o popular ator foi para a Enterprise, onde ora filma "Body and soul" — Breve entrevista com o intérprete de "Quatro filhas" e "Acordes do coração".

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood)

Jean Negulesco dirigiu e que recebeu, para o Brasil, o título de "Acordes do Coração". Finalmente, aceitando um convite da Enterprise, a mais nova das companhias de Hollywood, John Garfield passou a integrar o elenco dessa promissora organização, cujos filmes, no mercado internacional, serão apresentados sob a responsabilidade da Metro-Goldwyn-Mayer. Foi já no estúdio da Enterprise que nos encontramos com John Garfield.

— A Enterprise, — disse-me ele, — fez-me uma excelente proposta, prometendo-me filmes variados, tipos diferentes e, além de mais, bons argumentos,

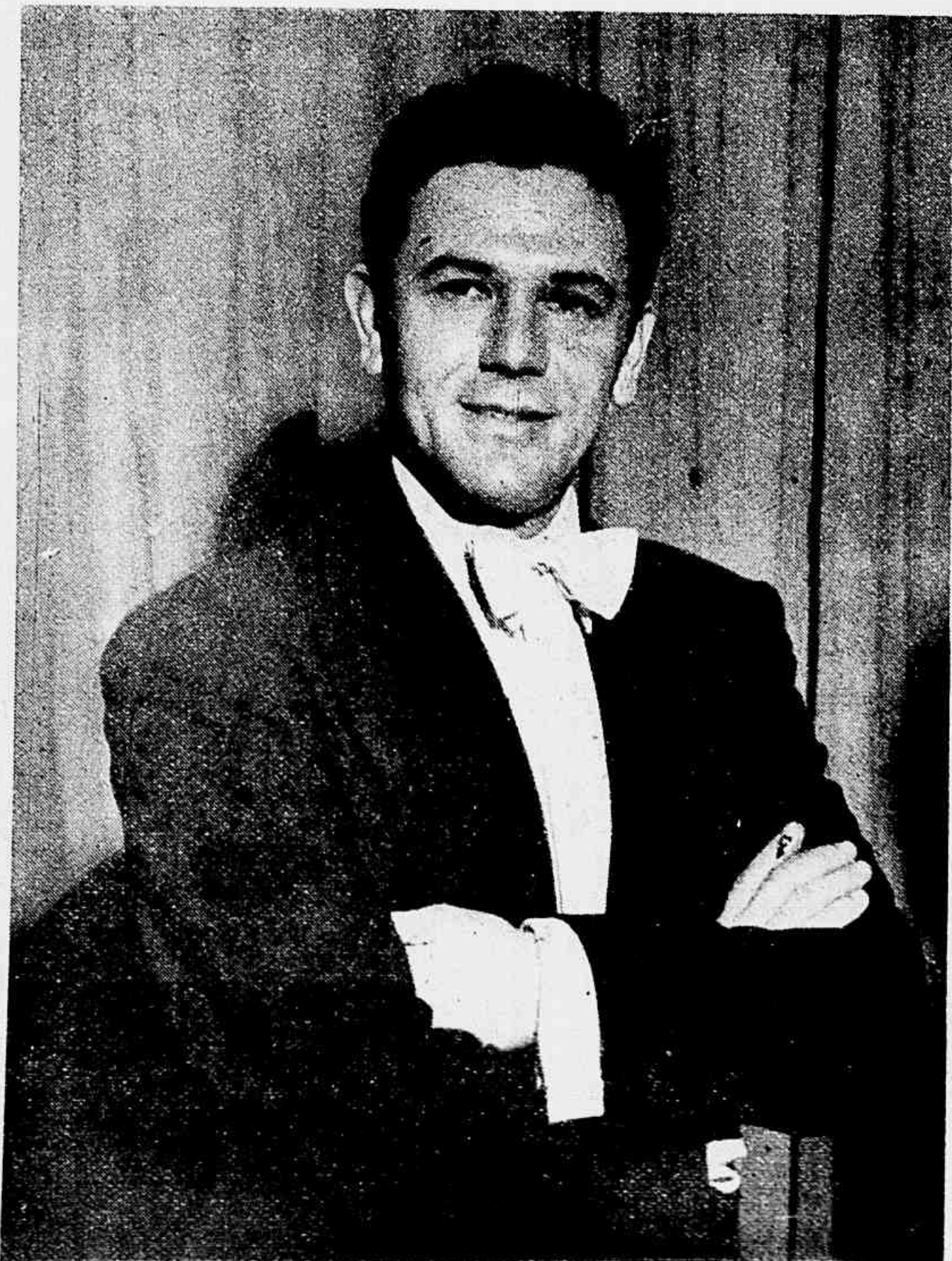
ficando eu com o direito de recusar o que não me parecer bom. Sendo uma companhia nova, quer se distinguir pela originalidade, pelas boas histórias e pelos bons elencos. É uma empresa onde se poderá fazer muita coisa experimentalmente, fora da rotina de Hollywood. O filme em que estou trabalhando, "Body and soul" (Corpo e alma), será diferente de tudo quanto já fiz. Minha companheira, nessa película, é a excelente atriz austriaca Lilli Palmer... Vocês, no Brasil, devem ter gostado dela em "O grande segredo" (Cloak and dagger), o último filme de Gary Cooper.

Em seguida, disse-me John Garfield: — Apresente meus cumprimentos aos "fans" do seu país e diga-lhes que irei ao Rio de Janeiro na minha primeira folga. Ando com os ouvidos cheios de lindas histórias sobre o Rio. Vários dos meus amigos que lá estiveram, — Bing Crosby, Orson Welles, Cesar Romero, Henry Fonda, Douglas Fairbanks Júnior, Lew Ayres, John Ford, Walt Disney e outros, — vivem aqui fazendo uma escandalosa reclamação da capital brasileira... Qualquer dia vou tirar isso a limpo...

A conversa se prolongou e devo dizer que fiquei encantado com os modos afeitos, com a cordialidade e a simpatia de John Garfield. Vão aqui algumas notas sobre a sua vida, para os "fans" que apreciem esses dados biográficos. John Garfield, o festejado artista de hoje, nasceu na cidade de Nova York no dia 4 de Março de 1913 — precisamente a data em que o presidente Woodrow Wilson assumiu pela primeira vez o importante cargo público que por duas vezes ocupou. A coincidência desse grande aconteci-



Ao alto a esquerda: John Garfield e Joan Crawford numa cena amorosa de seu último filme, "Acordes do coração" (Humoresque), que está sendo lançado pela Warner Brothers. A direita: Uma recente pose de John Garfield, hoje um dos galãs mais requestados da capital do cinema. Em baixo à esquerda: Outra foto de John Garfield, o "astro" de tantos filmes de sucessos. A direita: Cena de um filme recente de John Garfield, "Uma luz nas trevas" (Price of the Marines), na qual o artista aparece ao lado da encantadora Eleanor Parker.



John Garfield noutra cena de "Acordes do coração", no papel de um violinista para quem o amor é um eterno tema para a vida...

mento da história política do seu país natal com o dia de seu nascimento fez com que seus pais sentissem muito orgulho e augurassem um glorioso futuro para o recém-nascido. Talvez algum dia chegasse o menino a ser também eleito presidente da grande nação norte-americana... A verdade porém, é que John nunca sentiu nenhum entusiasmo pela vida política...

— Confesso que nunca tivesse interesse nenhum na política — declarou-me ele — O teatro, ao contrário, sempre me fascinou.

John Garfield frequentou as melhores escolas públicas de Nova York. Fez o curso secundário num importante colégio da mesma cidade, no qual começou logo a distinguir-se em todas as representações teatrais levadas a efeito pelo corpo discente. Não tardou muito a aparecer na Broadway, onde fez a sua estréia no palco aos 15 anos de idade. Atuou em diversas peças e logo recebeu a consagração pública. Destacou-se, especialmente, em "Juarez e Maximiliano", de Franz Werfel.

Quando resolveu tentar o cinema foi de uma sorte invejável. Logo à sua chegada a Hollywood foi visto por um "descobridor" de talentos da Warner Brothers e contratado imediatamente. No referido estúdio fez a sua película de estréia, "Quatro filhas" (Four daughters). Bastou este seu primeiro filme para fazer de John Garfield um autêntico favorito da tela. A crítica o recebeu com grandes mostras de entusiasmo. Hoje o seu prestígio artístico e a sua popularidade são imensos. Em seguida à sua estréia no cinema trabalhou em filmes que ainda hoje permanecem na memória de todos e que estão aí para atestar o valor artístico do "astro" que tive o prazer de entrevistar. Entre outros citarei aqui: "Tornaram-me criminoso", "Juarez", "Cruel é o meu destino", "Quatro esposas", "O lobo do mar", "Uma luz nas trevas", "Um passo além da vida", "Rumo a Tóquio", "Graças à minha boa estrela", "Boêmios errantes" e tantos outros que não acoerem no momento.

Recentemente apareceu em "Regeneração", da Warner Brothers; "O destino bate à porta", e "Acordes do coração" (Humoresque).

Pessoalmente, John Garfield é uma das pessoas mais distintas e acessíveis que me foi dado conhecer desde que me encontro em Hollywood. É esposo da encantadora e não menos distinta jovem Roberta Mann, que contribui com sua simpatia e seus encantos para a completa felicidade conjugal em que ambos vivem. Sente-se que naquela casa existe o prazer de viver e perfeita compreensão mútua. O casal tem dois filhos, os quais concorrem com a sua garulice infantil para a alegria de seu lar.

John Garfield se constituiu ultimamente patrono de inúmeras instituições benemeritas e por muitos atos tem demonstrado o seu vibrante patriotismo. Durante o último conflito mundial, por exemplo, além de servir na marinha organizou um escritório de distribuição de revistas e outras publicações interessantes para as forças armadas, com o fim de conservar muito bem informados todos os combatentes, sobre as últimas novidades no domínio das ciências, das artes e da literatura, onde quer que os mesmos se encontrassem lutando em defesa dos princípios democráticos.

Luis Serrano despede-se de John Garfield, após a entrevista que ele concedeu à "REVISTA DA SEMANA"





CONHECERAM-SE assim, sem nenhuma poesia como fôra a vida de ambos desde guris até adultos. Ele, fina de corpo, mãos calorosas, acostumada com privações e trabalhos, não era bonita, antes até feia. Mas desses feios que chamam atenção pela graça de corpo, andar, dos gestos acanhados, da cabeça ereta como a desmentir a vergonha que lhe dava passar por gente desconhecida.

Da infância não tinha nada a recordar, não queria mesmo recordar as noites de inverno, e frio, a fome, as desgraças e misérias que a geada trazia. Não queria lembrar a tosse do pai, que enchera sua infância triste, os ralhos da avó que estava caducando e que por qualquer coisa abria a boca. Não queria recordar nada. Só o presente fazia parte de sua vida, o passado não!

Ele era magro, corpo feito só de ossos e de um punhado de músculos rijos. Começou a trabalhar cedo, logo que o pai desapareceu do rancho, ajudando a mãe a lavar o pedaço de terra cheia de miúdo e de juá. A primeira de suas recordações, que por mais que se esforçasse não encontrava outra mais antiga nem menos dolorosa, era a de guri esfarrapado, faminto, arrastando água da cacembinha, montado numa égua velha de couro esticado pelos ossos pontudos. Depois, logo em seguida, a lembrança da primeira vez que auxiliara a mãe no plantio de milho. Quanto rallo, quanto grito por sua falta de jeito e seu desleixo com aquilo que viria a ser seu alimento! Mais tarde o verde brotando do chão escuro, crescendo, o milho embenecando, e o trabalho insano contra as caturras que queriam roubar e que roubavam, apesar da vigilância desesperada, o alimento que estava nascendo e pouco a pouco tornando-se realidade. De vez em quando uma alegria qualquer em suas recordações, as brincadeiras na sanguinha rasa que a chuva fazia para, a sua delícia e as batidas no matinho atrás de pitanga ou de guabijú.

— Olha só, mãe! Hoje deu!

E ele mostrava o feitiço do chapéu de pano desbotado com a colheita do dia.

— Intão, tu andava de vagabundagem? Tu não sabe que as formigas tão batendo nos cinamomo que foram plantado tão pouco? Passa prá dentro que eu vou mostrar o que é andá pelos mato feio bicho!

João deixava o chapéu ali perto do bamburral e entrava com o coração apertado porque sabia que o trançado que o pai esquecera de levar já estava nas mãos ossudas da mãe. Sabia que ia apanhar bastante como sempre, mas não deixava de ir. Tinha muito medo da mãe não escapar-se.

Toma! Toma, semvergonha! Toma, que é prá tu perdê essas baldas. Toma! Tu vai morrê apanhando e nunca te endereita. Vai cuidá as formigas. E aí que eu te pegue se divertindo com o trotesinho de como da outra vez, que eu te ralhei no lombo.

Ele saía apertando os lábios para não chorar ali na frente da mãe, pegava o gosto as pitangas e ia comer acocoradas, engasgando-se às vezes com um caroço com uma pedra na mão para esmagar as formigas atrevidas que estavam comendo.

Vida Simples

Conto de THEREZA DE ALMEIDA

Ilustração de A. PACHECO

Premiado no Concurso Permanente de "REVISTA DA SEMANA"

os cinamomos antes mesmo dêles crescerem.

— Esperem um pouco, burrinhas, murmurava ele, intão não sabem que se os cinamomos crescem têm mais prá vocês comer? Não comam agora que a mãe fica braba. Esperem só um pouquinho que depois vai ter prá se fartarem e ainda darem pros fio.

E a pedra continuava descansada em sua mão pequena e já calosa e ele continuava conversando com as formigas com pena de matá-las.

— Coitadas! Tão pequenas que são! Óia aqui, saia burra, essa fôia é grande demais prá ti. Pur que é que tu não parte ela pela metade?

Um grito esgançado da mãe vinha interromper-lhe a conversa.

— Sim, mãe. Já matei umas quantas!

Um sorriso calmo e divertido entreabria-lhe os lábios.

Depois a vida de sempre. As sovas menos frequentes porque ele estava pegando corpo, as palavras menos ríspidas da mãe e a alegria de sentir dia a dia aumentar sua força e diminuir a maldade da velha. Na última sova que ela lhe deu assustou-se com o gemido que escapou do peito de João e da raiva que viu brilhar-lhe nos olhos.

— Bamo pará que quarqué dia tá êle me dando de purrete, pensou ela, e desse dia o rebenque descansou e João compreendeu que a mãe estava ficando com medo, criando respeito por ele. "Pudera, se a barba já estava apontando!"

Naquêle mesmo ano conseguiu um lugar de peão durante as marcações na estância de Santa Rita. Como se mostrasse trabalhador e bem disposto para tudo que lhe ordenassem, foi ficando, até que um dia o patrão se chegou sem mais nem menos e perguntou:

— Então, seu João, está gostando?

— Claro! Eu sempre quiz trabalhar numa estância assim, bem grande, mas nunca pensei que era tão bom.

— Queres ficar de peão mensal?

A pergunta veio sem ele esperar e ele ficou sem fala, sem poder ao menos abrir a boca, gritando em silêncio que êsse era o seu maior desejo. Ser mensal de estância grande!

O velho sorriu compreendendo-lhe o brilho desusado dos olhos.

— Bueno, se tu queres falar com a velha primeiro...

— Não!

A palavra quase se engasgou em sua garganta na pressa que teve de dizê-la.

— Não senhor! Eu já sou homem! Fico, seu Belmonte!

— Assim me agrada. Homem que sabe resolver tudo sem o diabo das saias no meio.

João não entendeu bem, mas achou que êle estava se referindo à sua mãe.

— Credo! pensou, quasi falando alto, até êle já sabe como a velha é.

O Belmonte já ia longe quando surgiu

a idéia de agradecer. Levantou-se apressado e correu atrás do velho gordo que ia abanando as bombachas largas e dando pontas pés nas pedras miúdas da frente da casa. Se não fôsse uma pedra firme onde o Belmonte deu com os dêdos, que ainda que forrados pelo couro das botas, se encolheram de dôr, João não teria alcançado o velho. Encontraram-se bem na frente da porta pintada de vermelho.

— Seu Belmonte, eu queria lhe agradecer.

— Ora moço, pois não tem de que.

— Raio de pedras! resmungou êle baixinho.

João voltou-se sobressaltado.

— Que foi, patrão?

— Nada. Era comigo mesmo.

— Ah!

Nessa mesma tarde foi buscar alperceatas na venda e parou no rancho para dar a nova para a mãe.

— Uê, pur aqui? Pensei que não voltasse mais como o teu pai.

Êle se espinhou, pois não gostava que a velha ofendesse o pai e ela o estava ofendendo com êsse tom de voz. Não gostava e ainda mais agora, quando soubesse pelo negro Zeca que o velho fôra laçador de primeira.

— "E prá domá, intão, nem se fala, dizia o negro, era uma cousa bárbara! Cavalado domado por êle não precisava de laço a vida inteira, que o teu pai, guri, não era dêsses que domam a poder de rado de tatú. Era no mansinho no mais. Ia amanonciando, alisando o pêlo com muito cuidado como quem faz carinho prá mulher dengosa, e depois botava os arreios e pulava prá cima. E' verdade que o bicho gambeteava, inchava o lombo, corcoveava e disparava como se tivesse com o diabo no couro, mas ia se amansando com a voz do João. Era uma voz grossa e descansada, dessas voz que parece que foram feita prá dizê agrado e coisa boa, que o teu pai era bom de fato, guri".

E a raiva que lhe dava o negro chamando-o de guri, abrandava-se com os elogios feitos para aquêle pai que êle nunca conhecera.

Havia de ser lindo morar com um homem assim, conversando com êle todo o santo dia. E de noite também, na roda do chinarrão, que êle fazia sua casa com o pai como o galpão, grande, cheia de gente alegre e bem disposta. Nunca imaginara o pai lá no rancho acanhado, cuidando das caturras e das formigas, e discutindo com a velha, que prá se morar com ela tinha que se discutir sempre. Ela não admitia que se fizesse qualquer coisa errada ou se guardasse um xergão fora do lugar de costume. E lá no galpão todos eram irmãos, fazendo o que dava na cabeça, pendurando os arreios em qualquer gancho que houvesse à mão.

Tempos depois, passaram-se muitos anos dêsse aquêle dia em que êle ficara de peão mensal da estância de Santa Rita, numa tardinha de verão, abafada ainda

que envôlta pelas sombras que começavam a espalhar-se pela beira das coxilhas a inundar os grotões, as varzeas amareladas pela sêca, chegou a Bituca, mulatinha ciara, que vinha de vez em quando lavar a roupa das meninas e da "sã" Linda. Todos os verões ela aparecia. Vinha na mesma época em que chegavam as gurias da cidade onde estavam estudando. Vinha porque, com o acúmulo de gente, aumentava também a roupa suja, e "sã" Linda não dava vencimento. As gurias, quem diria, antes faziam todo o serviço, agora... nem mesmo pôr um lenço encardido para coarar. Vieram da cidade assim, todas cheias dos dengues que os velhos não davam quando elas estavam em casa. Parece que foram para a cidade só para aprender que o dinheiro dava prestígio e impedia os ricos de fazerem certos trabalhos por mais leves que fossem.

Nunca um baile alegrára o pessoal da Santa Rita. Nêsse ano, porém, Lindinha, que já estava com dezoito anos, trouxe a idéia da cidade. Era preciso dar um baile, e bem grande! Até já convidara certas colegas ricas do internato. Só faltava avisar o dia.

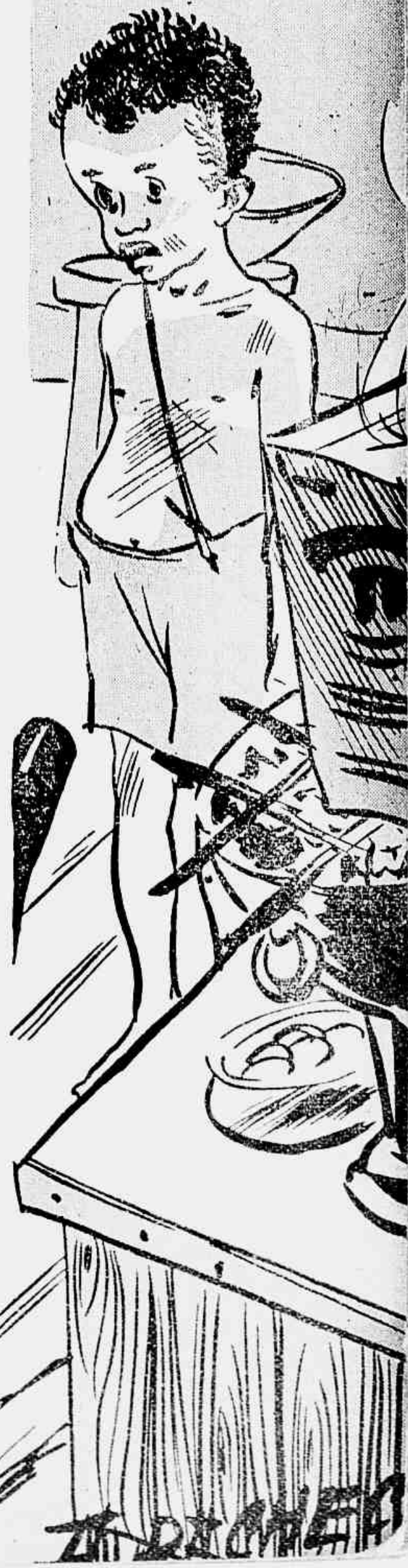
Ao princípio os velhos relutaram. Mas tanto ela insistiu que não houve outro jeito sinão deixar. Era a minosa da casa e tinha um certo modo de bater o pé que ninguém resistia. As outras duas, a Mariana e a Fernina eram estacas dentro de casa, pois além de serem feias, completamente apagadas pela beleza alegre de Lindinha, não tinham jeito para coisa alguma, "verdadeiras nulidades", como dizia a velha.

E o baile tão falando safu em meados de Janeiro. Houve muita bebida, churrasco com couro, muito moço, muita gente alegre vinda da cidade e de toda redondeza e muita comilança de tudo quanto era espécie. Houve baile até para a peonada que a Lindinha andára lendo uns romances onde se dizia que os patrões ricos, quando davam festa para os amigos, faziam baile também para os empregados.

E foi nêsse baile dos peões que a Bituca dançou com o João. Ela era muito sua conhecida, muito mesmo, porém nunca tivera coragem de encará-la e de falar-lhe. Sempre de longe, muito à distância. Achava-a bonita, graciosa, delicada mesmo, mas nunca se atrevera a dizer-lhe mais que "bom dia" e "boas tardes". Só que de noite nunca se encheravam.

Dançaram muito nêsse baile. Quasi em silêncio, que nenhum sabia como sustentar uma conversa. No silêncio porém, se conheceram mais intimamente e se entenderam quasi sem falar. E para que falar? Há muita coisa que a gente sente e que as palavras não dizem. Casariam quando êle tivesse mais dinheiro, porque o guardado não dava para nada ainda. Não passou pela cabeça de João, que Bituca não gostasse dêle. Há tanto tempo que lhe olhava os gestos, o corpo, o vulgar pequeno estendendo roupa lá embaixo, na beira da sanga, que ela era como oze sua propriedade. Sua unicamente. Tantas vezes pensara em casar com ela que até pa-

(Continua na pág. 56)





TREINAMENTO DE DICÇÃO E ORATÓRIA PARA PROFESSORES

Para melhorar a dicção dos escolares australianos mediante a melhoria da dicção de seus professores, foi lançada uma intensiva campanha no "Balmain Teachers' College, em Sidney (no Estado de Nova Gales do Sul), onde 212 professores iniciaram um curso de treinamento de dois anos.

De MARY EVANS-JONES

Especial para REVISTA DA SEMANA



O professor é "solto" entre os meninos pela primeira vez após três meses de estudos no colégio. Os professores-estudantes coligem as pastas de rimas e correspondência de sons ilustrativas dos sons das vogais, e mostram quadros coloridos. Durante o treinamento, os estudantes sentam-se com as crianças e estudam os métodos dos professores diplomados, especialmente selecionados para o ensino.



CONVENCIDAS de que o treinamento da palavra falada deve começar quando a criança se inicia na escola, as autoridades educacionais no Estado de Nova Gales do Sul, na Austrália, decidiram que os próprios professores devem primeiro aprender a falar corretamente.

O Colégio de Professores de Balmain está tentando essa experiência com uma intensiva campanha feita junto a estudantes que desejam tornar-se professores de curso primário. Esses estudantes vêm diretamente da escola são de 17 a 18 anos de idade, e dos 212 que fazem o treinamento, 122 são moças e 90 são rapazes.

O colégio foi fundado em março de 1946 para acomodar o afluxo de candidatos a professores, saídos do "Teachers' College, adido à Universidade de Sidney, onde as matrículas de ex-combatentes, homens e mulheres, no primeiro ano de após guerra, haviam elevado o total dos professores-estudantes a 1.300, comparados com o algarismo normal de 900 alunos nos anos de antes da guerra.

No início de seu curso de dois anos, as vozes dos estudantes são gravadas para comparação com a sua dicção no fim do período de treinamento. O melhoramento da dicção será levado em conta na avaliação dos examinadores quanto à situação dos professores-estudantes, em relação ao seu diploma. O treinamento de dicção têm sido feito com as sílabas, como matéria compulsória para os professores australianos, desde muitos anos, mas até agora não foi considerado um aspecto especializado.

Miss Marion Dallison, lente de dicção e declamação em Balmain, disse que os estudantes são treinados por dois modos: pelo trabalho formal, salientando-se a importância do discurso na própria atuação dos professores-estudantes, e pelo trabalho não formal, como a dramatização, o improviso, a livre expressão oral e a composição oral.

Os estudantes têm duas palestras semanais sobre treinamento de discurso, tal como acontece com as suas outras matérias. Mas a maioria de seu trabalho é feita fora de sala, porque o desempenho de dramas contemporâneos é considerado uma parte do treinamento de declamação, e os ensaios de peças não podem ser feitos numa hora de aula.

Miss Dallison encoraja os estudantes a praticar os exercícios vocais sosinhos, bem como na aula, e participa do trabalho dos alunos, a fim de que se possam ver bons desempenhos no teatrinhos em suas horas de folga. No primeiro ano de seu curso, concentram-se os esforços na articulação e modulação das vozes, a fim de produzir-se um padrão de dicção clara e agradável, sem afetação. Os estudantes aprendem os elementos de pronúncia do discurso formal, dedicando a sua atenção sucessivamente às vogais puras ditongos e consoantes. O resto de seu período de treinamento de dicção é tomado com o ensino de trabalho coral e discurso em público, debate e dramatização.

Durante o segundo ano, os estudantes continuam a praticar todo o trabalho formal do primeiro ano, em número cada vez maior de exercício. Recebem eles mais instrução ainda com o ensino da declamação de versos e dramas, inclusive espetáculos com fantoches, e um breve curso sobre a terapia de dicção simples próprio para crianças que sofrem de pequenos defeitos vocais.



A dramatização é um aspecto importante do curso de treinamento de dicção. Este método está sendo empregado amplamente nas escolas primárias australianas, onde as crianças são incentivadas a realizar dramatizações improvisadas no fim das lições. Após as lições de história, as crianças representam os tipos versados. Isso ajuda a autoconfiança, e a livre expressão e composição oral.



EUGENIA Levy, estrela do "cast" de rádio-teatro da PRA-3, é uma figura atraente, falando com desembaraço e sorrindo com meiguice. Contando apenas dezoito anos de idade, pois nasceu a dez de fevereiro de 1929, sua carreira artística é das mais promissoras. Ingressando no rádio através da PRC-8, na qualidade de interprete de sambas e marchas, veio mais tarde a se revelar uma das nossas mais apreciáveis rádio-atrizes, no "Programa Infantil", então orientado por Alberto Manes. Da Guanabara transferiu-se para a Tupi, onde Sylvia Autuori a incluiu na "Hora do Guri", da qual saíra meses depois para ingressar na PRE-8. Nessa última emissora, viveu papéis de grande responsabilidade, como o de Angela, na novela "Ternura" de Amaral Gurgel. Mas sua permanência nesse prefixo foi curta, uma vez que melhor contrato a esperava na PRA-3. Lá se foi Eugenia Levy e, até hoje, ali se mantém, cercada pelo aprêço dos seus diretores e dos fans. Fazendo rádio-teatro, desempenhou Gloria, da novela "Racilba, mulher sem coração", de Edgard Carvalho, além de tomar parte em "Convite à felicidade", "Anel partido" e "O poder da fé". Afóra as histórias em capítulos, trabalha em "Vespéral" e "Rádio Surpresas A-3", programas em que faz "sketchs". Emprestou seu concurso ao cinema nacional, atuando no filme "Fantasma por acaso", ao lado de Oscarito. No teatro, viu-a em "A Família Barretti", tendo como companheiros Maria Sampaio, Altivo Diniz e outros. É carioca de nascimento e solteirinha da silva.



MARIA de Lourdes Lopes eis o nome de batismo da aplaudida cantora Marilú, uma das caras mais lindas no rádio brasileiro. Interprete de nossa música popular, nasceu em Vila Isabel, a 8 de outubro de 1918. Naquele bairro veio a conhecer pessoalmente Noel Rosa, antes de sua estreia, através da Rádio Educadora, durante a transmissão de um programa português, no qual cantou, com muita propriedade, um dos nossos sambas. Como compensação, recebeu um "cachet" de vinte mil réis. Adotando por divisa a persistência, Marilú logou ingressar na Rádio Nacional, onde teve oportunidade de lançar, entre outros o "Projeto de samba", de José Gonçalves; "Dansa apimentada", maxixe de Cristóvão de Alencar e outros mais. Gravou para a Victor, nessa época, "Maria Perigosa", e "Vim cantar no Rancho Fundo". Mais tarde, botou na cera a marcha carnavalesca "Primavera" e a batucada "Que é que ele tem?". Deixando a PRE-8, ingressou em seguida na Tupi, continuando a linha de sucessos. Excursionou por vários Estados, exibindo-se em casinos e emissoras. Regressando ao Rio, tomou parte nas programações de estúdio da PRA-9, de onde saiu para atuar na Rádio Globo, sua atual estação. Recentemente esteve na Argentina, cantando na "boite" Sagaró, na Rádio Eplendid e no Teatro Smart, obtendo invulgar sucesso, a ponto de Cadicamo escrever uma composição para seu repertório, sob o título de "Muito bem". Da Splendid, a querida artista passou para a Rádio El Mundo, cantando no programa "En las alas del Clipper". Marilú fará uma temporada de 30 dias na PRE-3, voltando em seguida, para Buenos Aires.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

RUY Costa entrou para o rádio por intermédio de Dermeval Costalima, quando este desempenhava o cargo de diretor-artístico da Tupi. Engenheiro arquiteto, decorador, teatrólogo, diretor cinematográfico e compositor, não lhe foi difícil habituar-se no rádio. E em pouco passava a produzir trabalhos para a Tupi, a Nacional e a Difusora de São Paulo. Como compositor, seu grande sucesso é "Formosa", marcha carnavalesca, feita em parceria com Nassara. "O homem que chutou a consciência" e "Acontece que eu sou bahiano" (esta com Eurico Silva), são dois dos seus êxitos teatrais, criados por Jaime Costa. No rádio, "A marquezia de Santos", criada por Amélia de Oliveira e transmitida pela Nacional, representa o ponto alto de sua carreira de "rádio-man". Também adaptou "Dracula" e "A filha adotiva", novela ora irradiada pela PRE-8. Em cinema, colaborou no filme "Limite", na versão brasileira de "Branca de Neve e os sete anões", em "João Ninguém", "Tristeza não pagam dívidas", etc... No jornalismo, prepara-se para fazer humorismo em "O Papagaio", revista dirigida por Vão Gogo. Seu nome verdadeiro é Jayme Ruy da Costa Abollo Martinez, reduzido para Rui Costa ou J. Ruy. É torcida do Botafogo. Aprecia as novelas de Amaral Gurgel e gosta dos trabalhos teatrais de Oduvaldo Viana e Joraci Camargo. Quando mais moço, o nosso biografado jogou "futebol", "volley-ball" e praticou o atletismo, ganhando diversas medalhas. Hoje, porém, dada sua atividade intelectual, pratica marcha a pé...

LAURENTINO SAIS, ou melhor Lauro Borges, é uma das figuras mais populares do "broadcasting" nacional. Explorando com invulgar talento sua veia humorística, sem lançar mão de piadas inconvenientes, em curto espaço de tempo tornou-se absoluto no gênero. Artista exclusivo da Rádio Nacional, onde continua apresentando, juntamente com Castro Barbosa, a impagável "PRK-30", Lauro Borges começou no rádio através da PRA-2, onde dirigia a "Hora Kubro-Negra" que, por sinal, durava quarenta e cinco minutos... Nesse programa o nosso biografado interpretava tangos. Mais tarde, passou para o "Programa Casé", atendendo a um convite que lhe foi dirigido por Cristóvão de Alencar, seu cunhado. Ai começa a contar anedotas, participando da "Hora so...rindo", e da "Hora Sertaneja", ambos criados pelo Renato Murce. Nasceu, então, o Manduca, interessante personagem que era vivido por Lauro Borges. Da PRE-3, transferia-se para a Mayrink Veiga, lançando "A Busma", pitoresco jornal humorístico que marcou época. Dai passou para a PRP-4, ingressando a seguir na Rádio Club do Brasil, onde animou o "Colégio Lero-lero", "Piadas do Manduca" e a "PRK-30". Nesse prefixo permaneceu até 1944, quando voltou a integrar a família mayrinkuiana e, mais tarde, o elenco da Rádio Nacional, sua atual estação. Além do rádio, Lauro Borges tem trabalhado no cinema, aparecendo em "Banana da Terra", "Laranja da China", "Abacaxi Azul", e outros. Também gravou "Vovô não gostava de Carnaval", "Ai, Mocinho!", "Casa de Maribondos" e "Maria do Nada". Casado, possui dois filhos: um menino e uma menina. Gosta muito de doce de abóbora e cria periquitos australianos.



O CENTENÁRIO DE VIEIRA FAZENDA

(28 DE ABRIL DE 1847 - 1947)

As cidades, como as pessoas, contam amigos devotados. Se de número reduzido não sei, mas sei que ainda os há. Amigo devotado de sua cidade natal carioca foi quem se chamou José Vieira Fazenda cujo centenário natalício ora transcorre entre umas tantas manifestações de varia espécie e proveniência.

No Rio de Janeiro de outrora coexistiram duas cidades em tudo distintas, a Cidade Velha e a Nova, aquela histórica, correndo até o Campo de Santa Ana, a Cidade Nova principiando no mesmo Campo divisor e de entrada para arrabaldes.

Vieira Fazenda, tradicionalista, fazia questão de ter nascido na Cidade Velha onde passaria a maior parte de existência, morando longos anos em modesta casa de angusta rua pública de nome pitoresco, a rua do Cotovelo, de futuro fadada a rua Vieira Fazenda.

Vinda da rua de S. José, cortando a da Misericórdia, a rua do Cotovelo na sua estreiteza representava uma dessas vias públicas do tempo colonial cujo preço de frescor em cidade tropical melhor o transeunte e o morador avaliavam quando o sol de verão lhes despidia quase mortais graus de temperatura, de Réaumur onde Fahrenheit pouco importa a quem foge de insolação.

A vida inteiramente carioca de Vieira Fazenda ficou sobretudo ligada a duas instituições, a Santa Casa da Misericórdia, da qual médico, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual bibliotecário.

Bacharel em letras pelo Colégio de Pedro Segundo em 1865, médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Vieira Fazenda armado de cultura enfrentou a vida, dispondo-se alevá-la com a de pretensão e bonhomia tão do seu gosto e fétio.

Vieira Fazenda, entre os seus companheiros da Comissão Executiva do Primeiro Congresso Nacional de História no Brasil, reunido no Rio de Janeiro de 7 a 16 de Setembro de 1914. — Sentados da esquerda para a direita: Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro; Dr. Manoel de Oliveira Lima, vice-presidente; Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, presidente; Dr. Martin Francisco Ribeiro de Andrada; Dr. Cleto Peregrino da Silva. Em pé da esquerda para a direita: Dr. Alberto Rangel, secretário; Dr. Luiz Gastão d'Escagnolle Dória, secretário; Dr. José Vieira Fazenda; Dr. Gastão Ruch Sturzeneker, secretário; Dr. Norival Soares de Freitas, tesoureiro, e Dr. Max Fleiuss, secretário geral.

Inclinou-se a estudos especiais, os que entendiam com a história, os costumes, as tradições da cidade natal. E começou cedo.

Significativamente a tese inaugural de Vieira Fazenda tratou de assunto relativo ao Rio de Janeiro. Intitula-se do "Mentalismo dos esgotos em relação à cidade do Rio de Janeiro e sua influência sobre a Saúde Pública".

Em princípio de carreira clínica, Vieira Fazenda estabeleceu consultório médico e nele praticou para depois passar a continuar medicina no Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia quando ainda bem de perto higienizado pelo sopro variável da barra do Rio de Janeiro e suas rajadas.

No hospital da instituição secular pioneira da assistência pública no Rio de Janeiro, é só ler-lhe os anais para convencer-se logo, coube a Vieira Fazenda chefiar enfermaria por onde de hábito mandava enfermas idosas. Aí iam ter às vezes pessoas de alguma notoriedade pelo rigor dos anos ajuntado ao designio da sorte eram conduzidas a pedir socorro, todo gratuito como era dever o da Misericórdia.

Assim recebeu Vieira Fazenda, a tratamento na sua enfermaria, Adelaide Amaral, a consagrada atriz que rival de Eugénia Camara tanto dissídio público provocou entre Tobias Barreto e Castro Alves. É muito comum, quanto a atores, o sie transit gloria mundi no tablado cênico.

Obedecendo à irresistível inclinação de pesquisador, Vieira Fazenda deixou à Misericórdia, o atestado daquela inclinação. Deu-o sua obra Os Provedores da Misericórdia. Trabalho fruto de paciência, esculpido, feito à vista do opulento documentário do arquivo da Santa Casa, de tanta contribuição à história carioca

ainda por escrever. A obra de Vieira Fazenda, ajustada a outra de Felix Ferreira, patenteando os serviços da Santa Casa, evidencia quanto a instituição preocupou o autor no informar certo.

Em últimos tempos de vida, Vieira Fazenda veio a ocupar lugar na imprensa, publicando muitas e muitas crônicas históricas, mais tarde reunidas pelo Instituto Histórico e Geográfico. Em boa hora entendo que as crônicas de Vieira Fazenda versando passado, sucessos, figuras, usos, costumes e singularidades do Rio de Janeiro, mereciam passar das folhas soltas de jornais a compacto de volumes.

Tiveram estes os títulos de Antigualhas, de prestimo em história cidadina, prestimo de complemento aos trabalhos de Pizarro, Baltazar Lisboa, Gonçalves dos Santos, Moreira de Azevedo.

No de tudo um pouco das Antigualhas haverá sempre o que consultar por quem almejar saber Rio de Janeiro do passado e a consulta é tanto mais proveitosa quanto o consulente conta de antemão com a proibidade da pesquisa do informante.

Vieira Fazenda, com um risinho especial, costumava referir-se com expressão realista aos que calcando trabalhos quais exclusivamente em informações orais de Fazenda tinham depois fraca memória, a ponte de nem uma só vez citar o informante.

Lembraram-se um dia, proclamada a República, de escolher Vieira Fazenda para o Conselho de Intendência Municipal do Rio de Janeiro. O intendente Fazenda estava mais que habilitado para dizer a colegas sobre o Senado da Camara, que tivera por presidente José Clemente, e acerca da Ilustríssima Camara Municipal do Município Neutro e Corte, prestida por Ferreira Viana.

Feita primeira experiência a e dil, Vieira Fazenda contentou-se com passagem

única pela arte de votar e ser votado, exercida com frenesi no Brasil onde à política uma frase feita atribui "arrales".

Sem deixar cargo profissional na Santa Casa, foi Vieira Fazenda desempenhar outro em casa de natureza e fins inteiramente diversos, a Misericórdia e o Instituto Histórico Brasileiro. Nas sedes deste, no antigo Palácio Imperial da Cidade e no Syllogen, zelou Vieira Fazenda, cheio de amor aos livros, zelou como próprios do Instituto, entrou a conhecer a fundo as obras e manuscritos entesourados pela instituição, decana de nossas academias de letras pelo número e qualidades de poetas e escritores que o Instituto reuniu, sempre.

Em certa ocasião, discretamente, na sede do Instituto, no antigo largo do Paço, apareceu o presidente Rodrigues Alves. Entre os que o receberam figurava Vieira Fazenda.

Conversando êle com Rodrigues Alves deu a este, de continuo, o tratamento de Excelência dispensado a chefes de Estado republicanos.

A cabo de certo tempo, Rodrigues Alves disse ao interlocutor:

— Mas para que tantas Excelências, dixe-se disto, nós somos sempre os colegas de ano e turma de grau do Colégio de Pedro Segundo.

E a conversa prosseguiu em tom familiar, o episódio honrando Rodrigues Alves, ao compreender que fóra do oficialismo os companheiros de infância, de colégio e de academia têm direito a tratamentos de amizade e coração.

Algumas testem unhas da cena aqui lembrada ainda estão vivas e a recordam com prazer Vieira Fazenda dela jamais se gabou, não querendo ultrapassar fronteira de sua invariável modestia debôa aliança com a noção do dever.

Só força maior impedia Vieira Fazenda de comparecer de manhã à Santa Casa e após meio dia ao Instituto. Nas tardes deste, como nas manhãs da Santa Casa, Vieira Fazenda era o palestrador animado, sabendo manter conversa sem nela se impôr como figura egocêntrica, monopolizadora da palavra.

Vieira Fazenda, homem do tempo dos escrupulos, sempre se recusou a sócio do Instituto Histórico, por instado que fosse.

— Sou bibliotecário da casa e como tal de maneira não me é lícito participar da agremiação que aprecio e respeito.

Sem qualidade de sócio do Instituto, e assim mesmo bastante solicitado, do que damos fé, Vieira Fazenda anuncia a realização de conferência sua no Instituto onde de figura constante discorreu sobre a época da Regência, tratando o assunto com a facilidade de quem o conhecia de há muito, senhor pois da matéria histórica do tumultuoso tempo regencial.

Em 1916 a saúde de Vieira Fazenda começou a fraquear, o seu ânimo a abater-se. Obrigado a deixar a casa da rua do Cotovelo onde tanto habitara e a transferir-se para nova residência na Lapa Vieira Fazenda sentiu não pouco a sua separação da Cidade Velha cuja história conhecia a valer.

A enfermidade, anuviada de tristeza, foi se chegando cada vez mais perto da morte prevista sem ilusões por um enfermo médico.

A 17 de Fevereiro de 1917, um médico e amigo de Vieira Fazenda, o dr. Marcos Baptista dos Santos tomava compungidamente a pena para atestar que na casa da rua Joaquim Silva 71, deixara de existir quem passara a vida estudando o Rio de Janeiro.

ESCRAGNOLLE DORIA



DIRSEIA que em vez do sangue, a música fuisse nas veias dos Bachs. O primeiro d'êes foi um moleiro que tocava flauta. Sabemos tão pouco da qualidade da sua música como da qualidade dos seus cereais. "Como quer que seja", observou Johann Sebastian referindo-se ao avô moleiro "êe deve ter aprendido a marcar o tempo segundo o bater ao vento das pás de moinho".

Dos outros membros da dinastia musical dos Bachs, catorze foram consumados organistas em Lenc, Anstadt, Ohrdurf, Magdeburg, Mühausen, Weimar e Lahm; doze cantores ou diretores musicais; um d'êes foi músico oficial da corte do Conde Ludwig Gunther em Anstadt; outro, da corte do Duque de Saxe Eisenach; um terceiro, da corte do Duque de Saxe Meiningen; ainda outro, da corte do Conde Hohenlohe; e outro ainda Kapellmeister do Duque de Weimar. Dez dentre êes pe'o menos foram compositores de prelúdios corais, cantatas, missas, suítes, fugas e concertos; dois d'êes, n.áveis tocadores de oboê; três outros tocavam a viola da gamba; e dois eram peritos violonistas. Em realidade durante várias gerações, todo músico profissional era conhecido, em certos distritos da Alemanha, como um "Bach".

II

"O objeto de toda a música devia ser a glória de Deus", observou Johann Sebastian. "Tod. e qualquer homem piedoso poderia fazer quanto fizesse nisto se empenhasse como me empenho". Como bom veterano Sebastian fora educado na tradição protestante de trabalho árduo. Ninguém pode esperar tornar-se um dos eleitos de Deus no céu se não se contrair a longa e laboriosa candidatura aqui na terra. Trabalho árduo queria dizer levantar cada qual o seu fardo da terra, alçar os ombros e carregá-lo com firmeza na jornada para o santuário do Senhor. A vida era luta áspera. Forças tremendamente pesadas empenhavam-se para conservar o homem preso ao pó que he represava a mortalidade. Mas, naturalmente o verdadeiro caminho do homem era para a frente e para cima — e isso a despeito do seu fardo ou melhor, em razão do seu fardo...

Os maiores obstáculos contra o progresso de um homem não são, às vezes, forças impessoais senão humanas pensava Bach. A estupidez dos semelhantes. Estes é que por amor de suas regras e preceitos ridículos, não permitem à gente elevar-se. Êe fora por exemplo empenhado no cargo de organista da igreja de Anstadt onde havia um órgão magnífico, que respondia, como animal sensível, ao seu toque. Os funcionários da igreja, porém, não respondiam com a mesma cordialidade. Não he apreciavam a maneira de acompanhar os hinos da congregação, nunca tendo, até então, quaisquer dificuldades com os organistas anteriores. Era coisa perfeitamente simples seguir o compasso da congregação e executar sempre as mesmas melodias. Mandaram-lhe uma queixa formal. "Durante anos os nossos organistas executaram, sem variações, a música coral dos domingos. Mas, persistis em fazer variações, e entremear uma porção de sons estranhos que confundem a congregação inteira". Que diabo estaria êe fazendo das árias sagradas da música da igreja? E mais ainda Bach fora no meio de uma explícita condição de ensinar os meninos do coro e ensinar os pacientemente. Até aquêe instante, contudo, quedara-se êe egoisticamente com o seu órgão e não perdera um minuto com os meninos. "Em vista disso, deveis declarar se pretendeis ou não, de ora em diante ensinar os meninos. Se não vos envergonhais de receber vosso salário não deveis também ter vergonha de lecionar os estudantes".

Cedo, porém, findou-se a disputa. Os funcionários da igreja viram-se livres do "preguioso" organista. Bach obteve um cargo em outra igreja, com um bom salário. O antigo organista não podia queixar-se. Obteve cinco florins doze alqueires de cereais seis feixes de grãos. Chegaram a ponto de enviar-lhe uma carroça para transportar os seus bastos à nova cidade. E como benfiteção, pois parecia um sujeito agradável, ofereceu-lhe a junta administrativa da cidade três libras de peixe por ano.

A VIDA DE BACH

(JOHANN SEBASTIAN BACH — 1685 - 1750)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

Imagine-se, porém, a audácia daquele homem! Tanto que avistou o órgão declarou não gostar d'êe. Era pequeno demais. Não obstante, satisfizera até então todos os outros organistas. Estes não he tinham queixado da insuficiência da pressão nos tubos nem da impropriedade do sistema de ar. Que é que tinha que falasse o trigésimo segundo registro pedal? Os outros organistas não haviam torcido o nariz. Afinal, de contas, que espécie de homem era aquêe, que exigia que se ajustasse aos pedais um jogo de sinos — um Glockenspiel? Os membros da junta administrativa soltaram um suspiro de alívio quando Bach desistiu do cargo.

Sem embargo o povo começava a murmurar que êe era bom organista. Tinha mãos enormes pois alcançava d'êe notas com a esquerda enquanto executava passagens com os três dedos do meio. Havia quem visse que era capaz de triar com o polegar e o indicador e ao mesmo passo, tocar uma melodia com o quarto e o quinto dedos. E que carpanzil! Maior e mais vigoroso que o de qualquer outro organista na Alemanha. Ainda assim, um companheiro sempre agrido, sempre disposto a tapar com qualquer um diante de uma caneca de cerveja. Em nada se parecia com aquêes velhos musicosinhos temperamentais, escarifrados e distantes; era um homem do povo — robusto, cordial e musculoso seme-

lhando muito mais um ferreiro diante dos foros de uma forja do que um organista diante dos tubos de um órgão, e dando a impressão de que estaria muito mais à vontade soprando uma chama do que acionando uma corrente de ar.

Além disso não se esquecia o povo da maneira por que êe mostrara o seu lugar àquele organista francês adventício, Jean Louis Marchand. A história passava nos círculos familiares de uma geração para outra. Louis considerava-se o primeiro organista do mundo. A corte de Versalhes virara-lhe a cabeça. Chegado à Alemanha, os príncipes cumularam-no de meda-lhas por suas execuções. Diante disso principiou a erguer-se entre a gente que gostava de discutir essas coisas, o bato de que Louis era superior a Sebastian. Os amigos de Bach, entretanto, não se mostravam dispostos a fazer concessões de qualquer espécie. Peruadiram-no a escrever uma carta a Marchand desafiando-o para um duelo musical. Aceitou Marchand o desafio com bastante benignidade. Instituiu-se um júri de músicos e concertaram-se a data e o local do duelo. Grande concorrência de gente acudiu para assistir ao certame. Bach apresentou-se no momento aprazado. Mas onde estava Marchand? Êe tomara a primeira diligência para deixando a Alemanha, voltar à sua muito amada França. A reputação de Bach tornou-se, a partir de então inquestionável.

BACH



Mas a fama é um vento caprichoso. A grimpada do favor público principiava de improviso, a girar em sentido contrário para Sebastian. Dizia-se que o excesso de homenagens já he estava virando a cabeça, que a própria importância e ensoberbecera demasiadamente, e que, ao tocar, êe se entretinha de tal maneira a admirar o anel que lhe dera de presente o herdeiro do trono da Suécia que se esquecia de atender ao teclado. Era uma pena, murmuravam alguns dos seus detratores, que Sebastian não pudesse conhecer o grande Handel. Se o fizesse, haveria de reconhecer a própria pequenez.

Molindrava os sobreto o que êes mesmos denominavam a desarrazada arrogância de Johann Sebastian. Uma vez tendo Bach solicitado um cargo de organista de igreja, disseram-lhe ser preciso pagar determinada soma de dinheiro à tesouraria da igreja — costume necessário, que o tempo sancionara. Como Bach se recusasse a cumprir com o que determinava o tal costume, admoestou-o severamente o funcionário encarregado: "Se um dos anjos de Belém descesse dos céus... e desejasse ser organista da Igreja de São Jacó e não tivesse o dinheiro suficiente para pagar à tesouraria, outra coisa não he restaria a fazer senão voar de novo para os céus". Sebastian, contudo, não parecia amigo dos anjos. Persistiu na teimosia e declinou do cargo.

E quando obteve o emprego seguinte disse-se, à boca pequena, que os seus pensamentos se concentravam muito mais na adega da igreja do que em coisas mais elevadas. "Não conseguimos entendê-lo. Engorda cada dia mais, de pura preguiça. Composições originais? Frioleras! Êe que cumpra como homem honesto as suas obrigações regulares — obrigações pelas quais está sendo pago. Dedique mais tempo aos meninos do coro em vez de mandar por aí — só Deus sabe onde. Toque o órgão, tema o Senhor e satisfaça-se com o seu salário — pois, em caso contrário, arranharemos outro organista para substituí-lo".

Alguém teve a audácia de murmurar: "Meus bons amigos, vocês não compreendem êsse Bach. Êe um gênio".

"Gênio? Os gênios não nos interessam. Precisamos de um chorão que toque a música religiosa de forma respeitosa e convencional".

III

A parte estas disputas, no entanto, levava uma vida feliz reposta de música. Organista em Ohrdurf, Anstadt, Mühausen, Lübeck, Leipzig; músico da corte de Weimar; favorito de Frederico o Grande. Durante muitos anos o rei Frederico, ativo soldado poeta e músico, que lançava os alicerces do poderoso império alemão insistia com Bach para que desse um concerto de órgão em Berlim. Afinal, Sebastian concordou em penetrar o Valhalla terrestre e acalmar, com as suas árias, o rei guerreiro cheio de cicatrizes das batalhas. Ao ter notícia de sua chegada, iluminaram-se os velhos olhos de Frederico. "Senhores" disse êe ao grupo de cortesãos à sua volta "o dia de hoje é um dia cheio. Sebastian Bach encontra-se aqui!" O velho organista entrou na corte com o seu fardo de viagem e pôs-se a percorrer, arrastando os pés cansados, uma sala após outra, respeitosamente acompanhado de toda a corte e executando sucessivamente qualquer coisa em cada um dos sete pianos do imperador. Frederico ouviu dizer que Bach era "meio compositor". Modesto Sebastian confessou: "Escreva-me o tema de uma fuga e buscarei desenvolvê-la em seis partes", sugeriu. Frederico escreveu o tema num pedaço de papel. O velho músico com os ombros curvados e cansados mas com aedos que não haviam, jamais perdido a mocidade sentou-se ao teclado e transformou o tema do imperador num milhar de cascatas de melodia. "Meu Deus!" bradou, admirado Frederico "existe apenas um grande Bach!"

Um grande Bach mas muitos pequeninos. As suas faculdades procriadas eram tão prolíferas quanto as crianças. Casado duas vezes educou uma família de vinte rebentos. Brincalhão como as próprias crianças, estava sempre junto dos jovens, visto que além da própria descendência, vivia rodeado de uma legião de alunos. De todos os cantos da

(Continua na pág. 53)



A verdade concernente a PYECRAFT

ELE está sentado ali, e, deitando um olhar sobre o ombro, posso avisá-lo. Si então os nossos olhares se cruzam, — o que não raro acontece — o seu toma tal expressão! Um olhar suplicante, tendo, principalmente, um pouco de desconfiado.

— Levem à breca as desconfianças! Si eu quizesse falar, há muito o teria feito. Nada digo, não abro a boca, e ele devia sentir-se à vontade... Mas, como se há de exigir que um ente tão grande e tão gordo possa estar à vontade? Quem me daria crédito, se eu falasse? Pobre velho Pyecraft! Enorme pilha de gelatina a quem tudo incomoda! O mais alentado clubman de Londres!

Ele está sentado diante de uma das mesinhas do club, em um grande vão, não longe do fogo, e ali está a empanurrar-se. Mas como? Olho com cautela para o lado onde se acha e surpreendo-o a morder um bolo quente e cheio de manteiga, e ele tem os olhos fixos em mim! Com a breca! Tem sempre os olhos fixos em mim! Isto infunde-me uma decisão, Pyecraft! Já que continuas a ser abjeto, já que procedes como se eu não fosse um homem de honra, — aqui mesino, diante dos teus olhos intumescidos, vou relatar o caso... a verdade verdadeira concernente a Pyecraft, o homem que eu auxiliei, a quem socorri, e que, para me recompensar, tornou o meu club intolerável, absolutamente intolerável, em consequência dos seus olhos úmidos, em consequência do perpétuo "não diga nada" dos seus cuidados... Além disso, porque teima ele em comer eternamente?

Tanto pior para ele! Vou soltar a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade!

Foi nesta mesma sala de fumar que travei conhecimento com Pyecraft. Tinha eu sido recentemente admitido, e ele percebeu a minha timidez um pouco nervosa.

Sentado sozinho, a um canto, pensei que seria agradável conhecer maior número de membros do club, e, de repente, ele se chegou a mim, com a sua grande fachada de faces pendentes, de queixos e de abdomen. Com um grunhido, ele se deixou cair em uma cadeira próxima da minha, resfolegou um instante, riscou laboriosamente um fósforo e acendeu um cigarro. Em seguida dirigiu-me a palavra. Esqueceu-me o que me disse... provavelmente qualquer coisa a propósito de fósforos que nunca acendem; prosseguindo na conversação, ele detinha os criados um após outro, e, com a sua voz aflautada, queixava-se dos fósforos. Eis de que modo encetamos a conversação. Ele falou de diversos assuntos, e particularmente do jogo. Daí passou ao meu físico e depois à minha tez.

— O senhor deve ser de primeira força no cricket, não é verdade? — acrescentou.

Eu sou franzino é verdade e franzino a ponto de haver quem me qualifique de magro, e sem dúvida sou mais moreno que claro. Todavia, com quanto não me envergonhe de ter tudo uma bisavó de raça indú, não tolero que estranhos logo à primeira vista, me façam lembrar essa origem remota. De modo que, desde o princípio, já experimentei por ele uma espécie de hostilidade. Ele, porém, não havia travado aquela conversação a não ser para entrar em si mais facilmente.

— E' de presumir, — disse, — que o senhor não faça mais exercício do que eu, e que não coma menos. (Como todas as pessoas obesas em excesso, ele pensava que não comia nada). E no entanto... — prosseguiu, com um sorriso contrafeito, — nós somos bem diferentes.

Principiou então a falar do seu peso, e ainda do seu peso, contando tudo quanto havia feito para combater o seu peso, tudo quanto ia fazer para reduzir o seu peso, o que lhe tinham aconselhado a respeito do seu peso, e o que ele havia sabido que algumas pessoas tinham feito para diminuir um peso mais ou menos igual ao dele.

— A priori, — explicou depois, — da melhor vontade se acreditaria que uma questão de nutrição possa ser resolvida pela dieta, e uma questão de assimilação, por meio de medicamentos.

Esta conversação era sufocadora, abafadora. Eu sentia-me inchar ao escutá-lo.

Uma ou outra vez, muito raramente, pode-se suportar, no club, um desprazer desse gênero, mas chegou o momento em que se me afigurou haver já supor-

tado o bastante. Ele imiscuia-se com a minha pessoa de um modo evidente em demasia. Eu não podia pôr o pé na sala de fumar sem que o visse logo bordejar em direção a mim, e, às vezes, vinha sentar-se à minha mesa para empanurrar-se enquanto eu almoçava. Havia dias em que se enganchava positivamente em mim. Era um sinistro importuno, embora se limitasse a uma só vítima; e, desde o primeiro instante, viu-se no seu todo qualquer coisa que indicava quasi que ele presentia em mim um auxiliar provável; adivinhava que comigo tinha uma probabilidade longínqua, excepcional, que ninguém mais lhe proporcionava.

— Eu daria nem sei o que para diminuir este peso... nem sei o que!

E fixava-me os seus olhinhos intumescidos, por cima das bochechas inchadas.

Pobre velho Pyecraft. Nesse momento, ele toca a campainha para ordenar que lhe trouxessem outro bolo com manteiga!

Um dia ele revelou a sua verdadeira preocupação.

— A nossa farmacopéia, — disse, — a nossa farmacopéia ocidental é nada menos que a última palavra da ciência médica. Disseram-me que no Extremo Oriente...

Calou-se e olhou para mim, com os olhos arregalados, como se eu fôra um animal exótico dentro de um aquário. De súbito, a cólera invadiu-me todo.

— Ouça, — articulei, — Quem lhe falou nas receitas de minha bisavó?

— Palavra que... balbuciou ele.

— Todas às vezes que nos vemos, e, há uma semana, isso tem acontecido frequentemente, o senhor nunca tem deixado de aludir ao meu pequeno segredo.

— Palavra que, — disse ele, — já que o senhor lembra isso, confesso, sim, é verdade. Sei do caso por...

— Por Patisson?

— Indiretamente, — respondeu ele, coisa que, creio, era uma mentira.

— Patisson, — expliquei, — experimentou uma dessas receitas com seus riscos e perigos...

Mordeu os lábios e inclinou-se.

— As receitas de minha bisavó, — continuei, — são de uso delicado. Meu pai esteve a ponto de me dar a conhecer...

— Então não o fez?

— Não. Mas avisou-me. Ele próprio outr'ora arriscou-se a experimentar uma delas.

— Ah!... Julga então que?... Suponha... que se encontre uma...

— São uns curiosos documentos, e o seu cheiro só por si... Não!

Depois de me ter feito chegar até ali, Pyecraft estava resolvido a impelir-me mais adiante. Eu receava sempre que, si abusasse demasiado da sua paciência, ele se deixasse de imprevisto cair em cima de mim e me sufocasse. Confesso que fraqueei. Mas foi porque Pyecraft enfastiava-me. Cheguei ao ponto de experimentar contra ele uma espécie de irritação que me incitou a dizer:

— Pois bem, risque do sentido a probabilidade.

A pequena experiência de Patisson, a que eu me referira, era uma coisa muito diferente. Pouco importa de que natureza ela fosse, mas, em todo caso, restava-me a certeza de que a receita de que me havia servido então era inofensiva. Contudo, mesmo se Pyecraft se envenenasse... Cumpro confessar que o envenenamento de Pyecraft se me antolhou uma obra colossal.

Nessa mesma noite, tirei do meu cofre forte a extraordinária caixinha de sandalo, de perfume exquisito, e principi a folhear os pergaminhos rumorosos. A personagem que reduziu as receitas de minha bisavó, tinha evidentemente um fraco pelos pergaminhos de origem heteroclita, e a sua letra era desigual e minúscula em supino grau. Há algumas dessas receitas que são para mim completamente indecifráveis, e nenhuma delas é facilmente legível, posto que em minha família, composta de funcionários das Índias, é costume transmitir de geração a geração um conhecimento assás profundo do hindustani. Não me foi pois muito difícil achar o que procurava. Sentado no soalho ao pé do meu cofre forte, fiquei a contemplar o pergaminho durante algum tempo.

— Aqui está! — exclamei no dia seguinte, dirigindo-me a Pyecraft, mas tive que retirar a folha de que ele tentava avidamente apoderar-se. — Tanto quanto me é possível decifrar estas garatujas,

Conto de H. G. WELLS
Ilustração de ORLANDO MATTOS

— disse-lhe eu, — aqui está uma receita concernente à "perda do peso".

— Ah! — suspirou Pyecraft.

— Não tenho absolutamente certeza de que seja isso, apenas penso que seja, e, se quiser seguir o meu conselho, absteinha-se de lhe tocar, porque, compreendendo, os meus antepassados do lado dessa bisavó, a falar com franqueza, eram uns indivíduos exquisitos. Bem vê, Pyecraft, que não hesito em deprimir a reputação da minha raça em proveito seu.

— Deixe-me experimentar, — implorou ele.

Eu encostei-me na cadeira, enquanto a minha imaginação tentava um esforço tremendo.

— Em nome de Deus! exclamei. — Não imagina a que poderá assemelhar-se depois de haver perdido o seu peso?

Ele não ouvia o menor argumento. Compeli-o a prometer que nunca mais falaria da sua repugnante obesidade, acontecesse o que acontecesse: e afinal estendi-lhe o pequeno pedaço de pergaminho.

— E' uma mistura ascorosa, — disse eu.

— Pouco importa! — replicou ele, e tomou da receita.

Percorreu-a com expressão de grande pasmo.

— Mas... mas... — gaguejou ele.

Acabava de descobrir que ela estava escrita em caracteres para ele desconhecidos.

— Tanto quanto m'o permitem os meus conhecimentos, — disse-lhe eu, — vou dar-lhe a tradução.

Fiz o mais que pude. Depois disso, não trocámos mais palavra alguma durante uns quinze dias. Todas as vezes que ele se aventurava aproximar-se de mim, eu franzia as sobrancelhas e lhe fazia sinal para que se afastasse. Ele respeitou o contrato: porém, passados quinze dias, continuava corpulento e gordo com antes. Então rompeu o silêncio.

— Cumpra que eu fale. Isto não é justo, há qualquer coisa que não regula. Eu não tenho obtido o mínimo resultado, e o senhor deve-me uma explicação, pela honra de sua bisavó.

— Onde está a receita? — perguntei.

Percorri as diferentes prescrições.

— O ovo estava pôdre? — inquiri.

— Não. Era preciso que o estivesse?

— Já se vê. Em todas as receitas de minha bisavó, sempre que o estado e a qualidade não estiverem especificados, é preciso tomar o pior. Ela é energética, pelo menos... E, além disso, há uma ou duas alternativas possíveis para algumas das outras prescrições. Era fresco o veneno de cascavel de que se forneceu?

— Comprei uma cascavel em casa de Jamrac... Ela custou-me... custou-me...

— Isso é com o senhor... Aquela última menção?...

— Conheço um homem que...

— Sim... está bem... Então, vou dar-lhe uma nova cópia das diversas alternativas... A ortografia desta receita é particularmente atroz... A propósito, o cão, aqui, deve ser evidentemente um cão pariah.

Durante o mês seguinte, vi constantemente Pyecraft no club, mais gordo e mais inquieto do que nunca. Ele observava as nossas conversações, mas, uma vez ou outra, infringia o espírito delas, abarando com a cabeça em atitude de completo desânimo. Depois, um dia, no vestiário, arriscou:

— Sua bisavó...

— Nem uma palavra contra ela, — interrompi, e ele calou-se.

Imaginei que ele tivesse renunciado às experiências, e, uma noite, ouvi-o falar do seu peso a três novos membros do club, como quem estava em busca de receitas inéditas. Enfim, de imprevisto, recebi um dia um telegrama.

— Sr. Formalyn! — bradou junto de mim um jovem mensageiro.

Peguei na correspondência e abri-a logo. Li: "Em nome de Deus, chegue até aqui, Pyecraft."

— Hum! exclamei, e a dizer a verdade, fiquei tão satisfeito pela reabilitação que aquilo prometia à reputação de minha bisavó, que almocei copiosa e suculentamente.

Na Secretaria do club, informei-me sobre a moradia de Pyecraft e parti imediatamente, depois de ter engulido o meu

café e o meu cálice de Beneditino. Nem mesmo aguardei que o meu cigarro fôsse terminado. Pyecraft habitava o andar superior de uma casa de Bloomsbury.

— Sr. Pyecraft? — inquiri á porta da entrada.

— Está doente, — responderam-me, — e há dois dias que não sai.

— Ele está à minha espera, — assegurei, e deixaram-me subir.

Chegado ao primeiro andar, toquei a campainha em uma porta engradada.

"Ele não devia ter experimentado, o caso é este, dizia comigo. Um ente que se empanturra como um porco, deve, com toda a justiça, assemelhar-se a um porco."

Uma mulher de aspecto respeitável, com uma expressão ansiosa e com a touca descuidadamente posta na cabeça, apresentou-se por trás das grades e examinou-me. Dei o meu nome, e, presa de grande inquietação, ela entreabriu a porta.

— E então? — perguntei, ao chegar ao patamar que precedia o aposento.

— Ele disse-me que o fizesse entrar assim que chegasse, — explicou ela, e olhou para mim sem se apressar a introduzir-me. Depois, confidencialmente, acrescentou:

— Ele está fechado á chave.

— Fechado á chave?

— Sim, senhor: fechou-se ontem de manhã e não permitiu que ninguém entrasse. E a cada instante, solta uma praga! Oh! meu Deus!

Voltei os olhos para a porta que ela me indicava com a cabeça.

— Neste quarto? — perguntei.

— Sim, senhor.

— Que foi que lhe aconteceu?

Ela abanou a cabeça tristemente.

— Ele não acaba de reclamar alimentos, senhor, cousas pesadas. Apresento-lhe o que é possível. Tenho-lhe dado carne de porco, pasteis, salchichas, e tudo quanto à desse gênero, mas pão, nunca. "Faca o favor de deixar isso do lado de fóra", ordena ele, e tenho de me ir embora. Ele come de um modo horrível, meu senhor.

Ouvi chamar-me do interior uma voz aflautada.

— E' o senhor, Formalyn?

E o senhor, Pyecraft? — perguntei, e principi a bater na porta com a mão fechada.

— Diga a ela que se vá embora.

Obedeci. Então ouvi uma curiosa série de batidelas na porta, como se alguém estivesse procurando a fechadura ás apalpadelas: ao mesmo tempo reconheci os grunhidos familiares de Pyecraft.

— Pronto, — exclamei. Ela já se foi.

Mas ainda por muito tempo a porta permaneceu fechada.

Ouvi a chave girar na fechadura. A voz de Pyecraft proferiu o seguinte:

— Entre depressa.

Dei a volta ao trinco e abri a porta. Naturalmente, eu esperava ver Pyecraft. Pois bem, ele não se achava ali. Nunca em minha vida experimentei um choque semelhante. A sala em que me achava era o seu gabinete de trabalho, e notava-se nela uma desordem indescritível. Pratos de mistura com livros e objetos de escrita; varias cadeiras derribadas... Mas, que era feito de Pyecraft?

— Vou indo bem, meu caro! Feche a porta, — disse ele, e avistei-o por fim.

Mantinha-se no ar, de encontro á cornija no ângulo próximo da porta, como se alguém o tivesse pregado no tecto. Tinha a fisionomia aterrorizada e cheia de cólera. Ele arquejava e gesticulava.

— Feche a porta, — repetiu. — Se esta mulher percebe o que se está passando...

Fui fechar a porta e, do ângulo oposto, pus-me a contemplá-lo.

— Se qualquer coisa cede, e o senhor cái daí a baixo, — disse eu — com certeza quebra o pescoço.

— Bem o quizera eu! disse ele bufando.

— Na sua idade, e com o seu peso, ninguém se deve arriscar a semelhante gênero de acrobacia...

— Ah! Cale-se, — implorou ele com expressão de profundo sofrimento. — Vou contar-lhe o que se passou.

— Como diabo se arranja o senhor para se manter lá em cima? — perguntei.

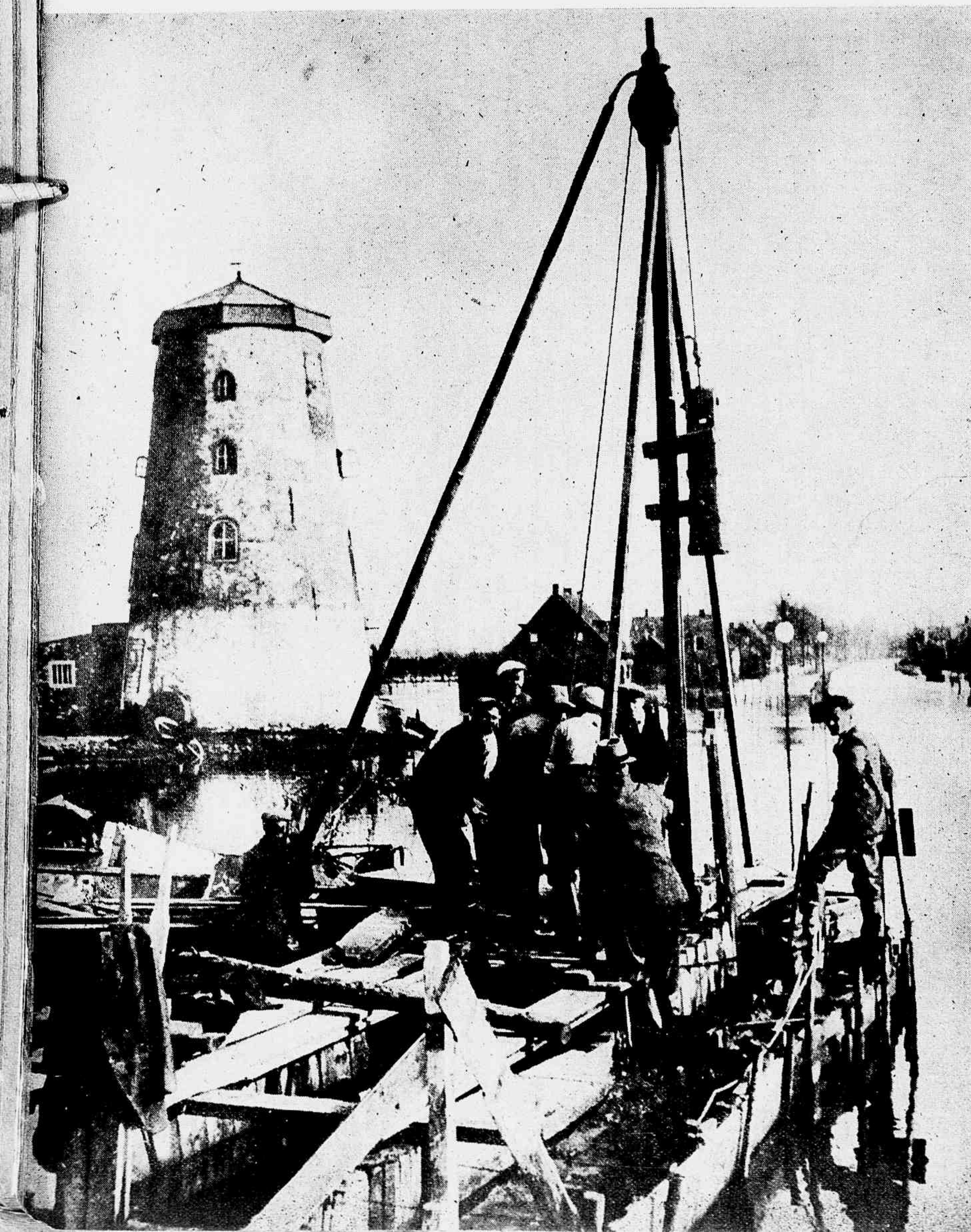


OS HOLANDESES FIZERAM A HOLANDA

E AGORA A RECONSTRUIRAM — REABREM-SE OS BANCOS E MUSEUS HOLANDESES — TRABALHA INTENSAMENTE O PCVO DOS PAÍSES BAIXOS, NA RESURREIÇÃO DE SUA PÁTRIA, DEVASTADA PELOS ALEMÃES — UM POUCO DA HISTÓRIA DO GRANDE POVO QUE VIVE NUMA PEQUENA NAÇÃO.



Estes homens executam uma tarefa importantíssima: Concertam os encanamentos d'água através de ruas ainda inundadas da ilha de Walcheren.

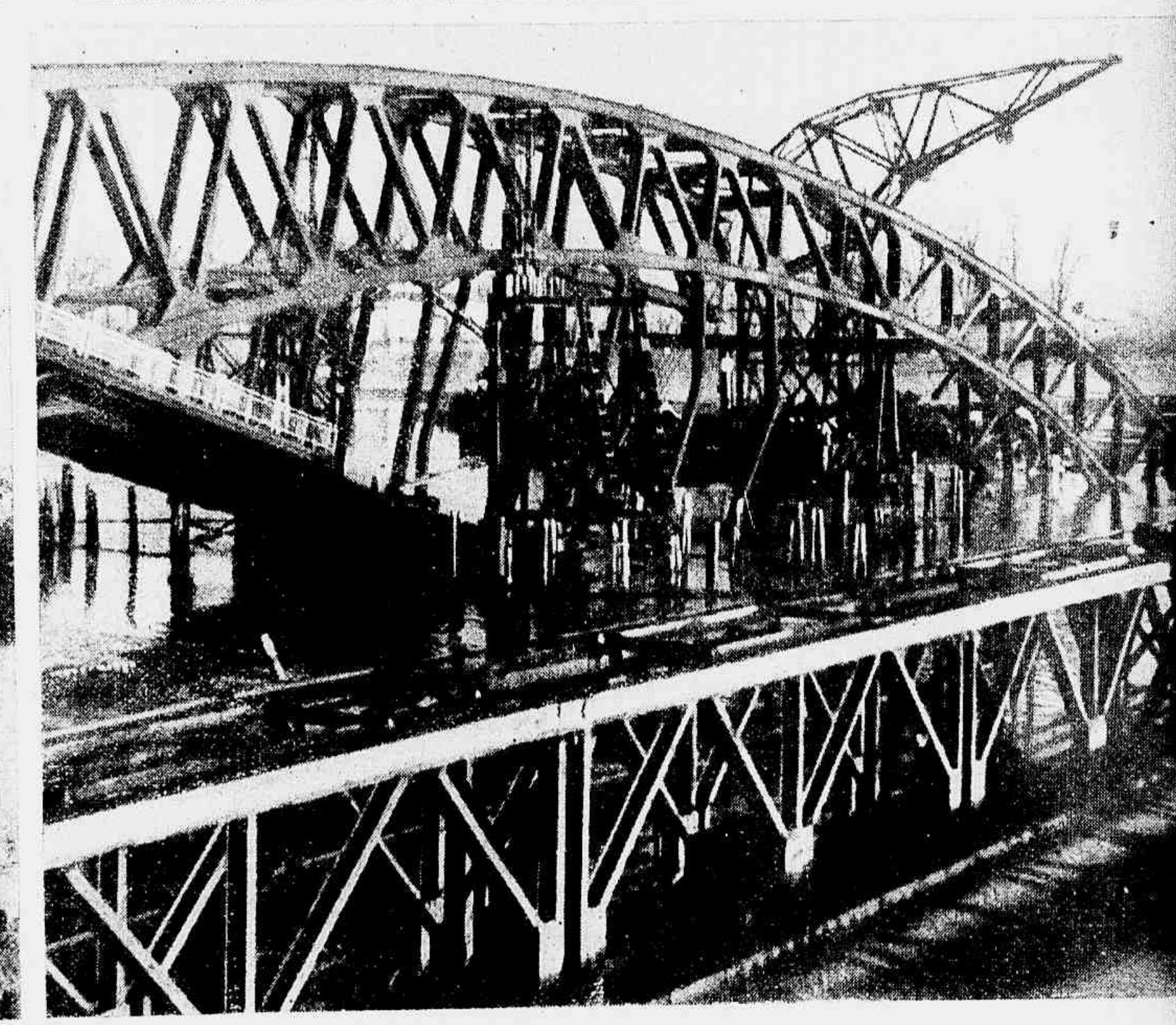
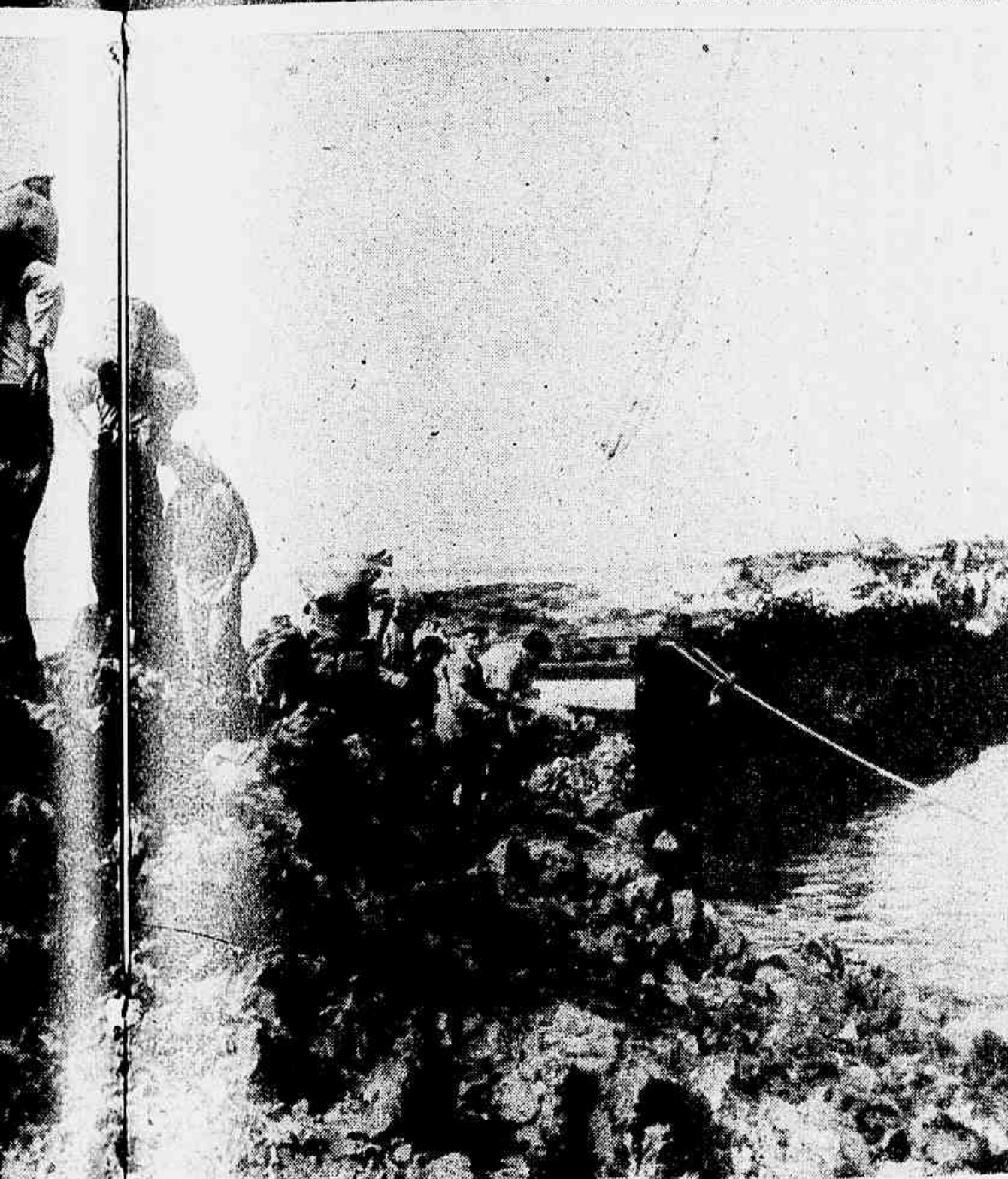
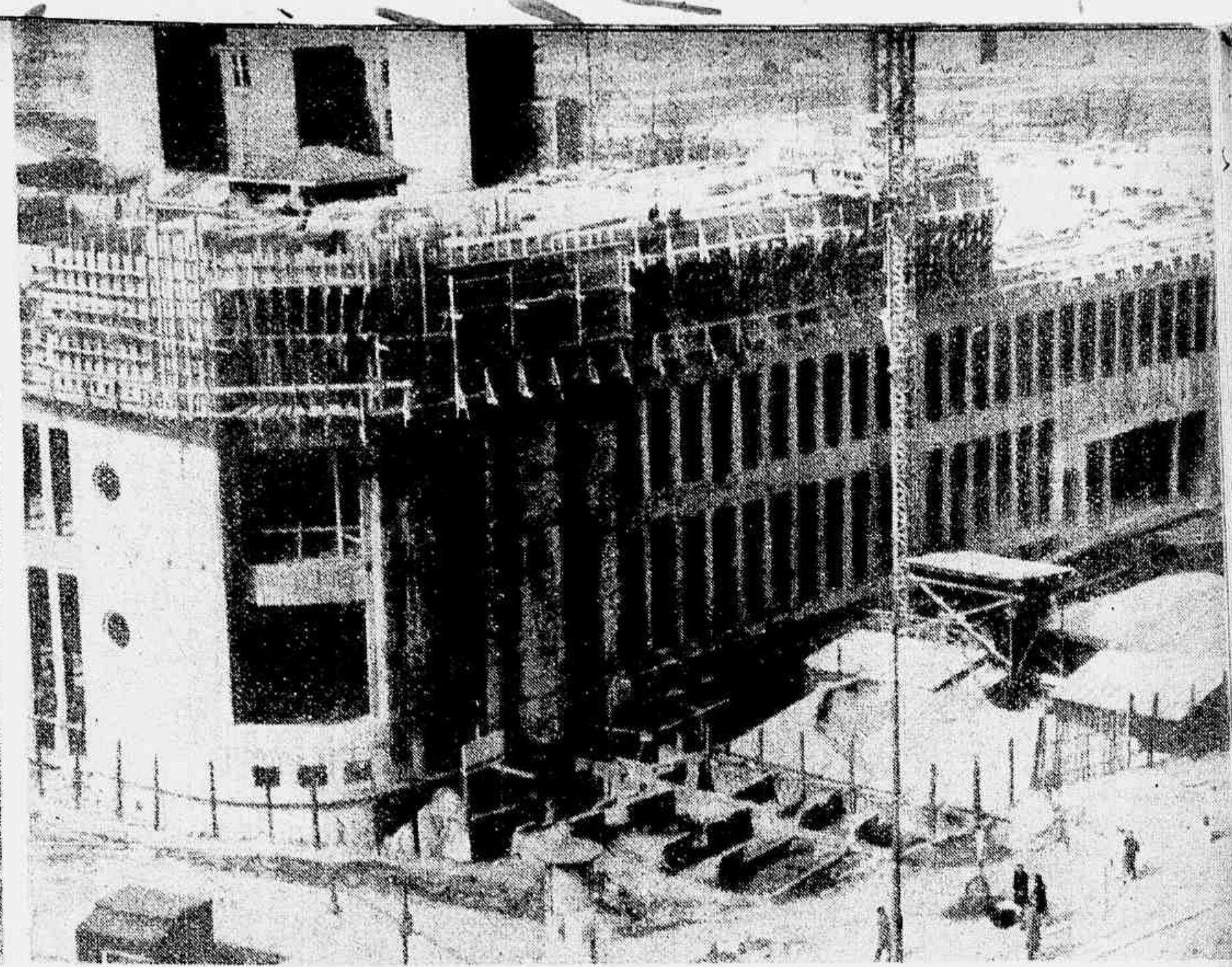
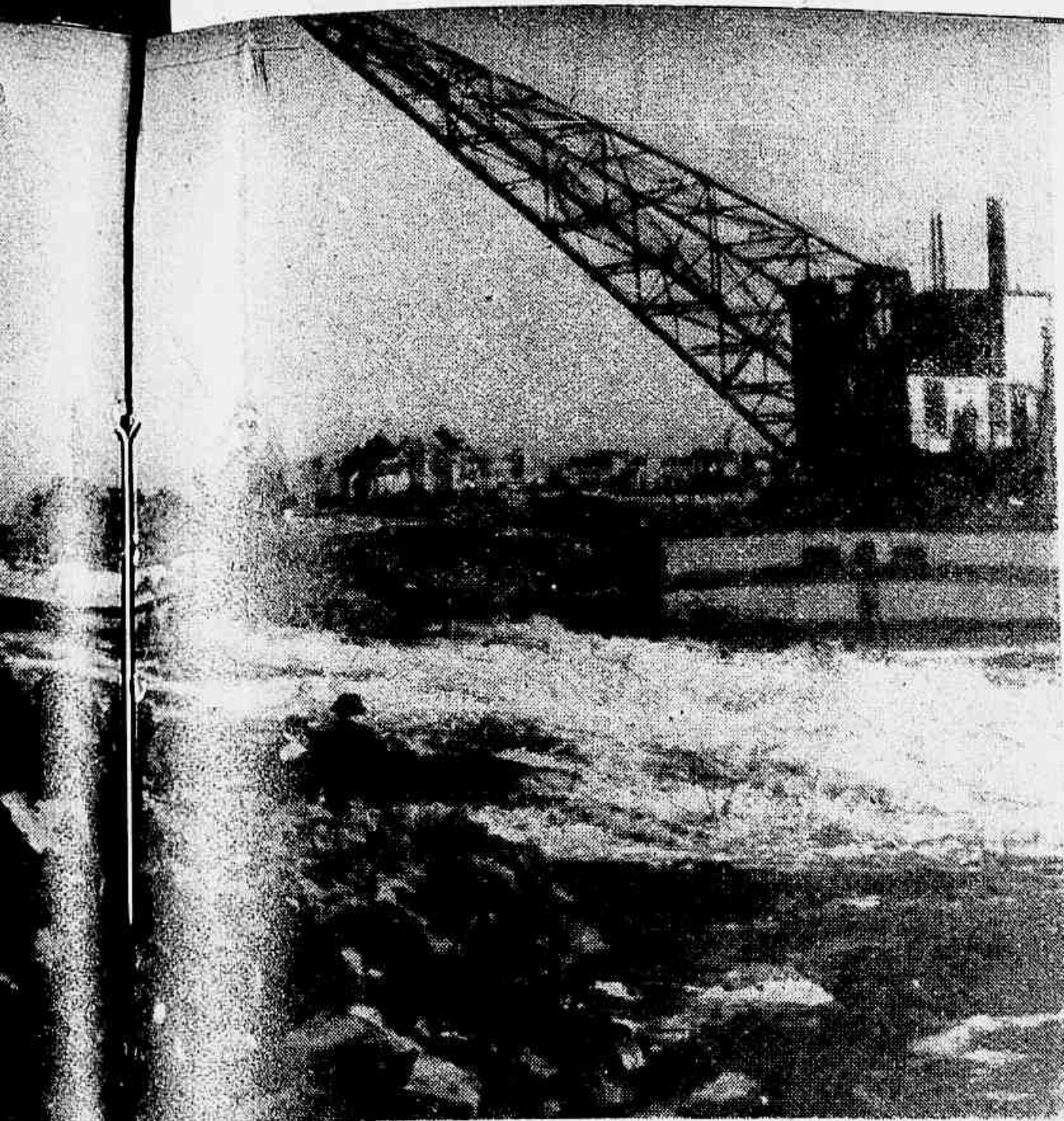


Ao alto à esquerda: Fecha-se a última brecha do rei de A direita: Aspecto da reconstrução de um grande edifício ram o castigo dos bombardeios. Em baixo à esquerda:

D EUS fez o mundo e os holandeses fizeram a Holanda — eis uma frase muito vulgarizada e cheia de pitoresco, mas que, nem por isso, é menos verdadeira. Apenas, agora, terá de ser modificada. Porque a Holanda de outrora foi destruída, foi arrasada pelos alemães e os holandeses tiveram de reconstruí-la, trocando as suas pontes, seus diques, seus edifícios públicos que haviam sido postos abaixo pelos bombardeios. As obras-primas dos seus grandes pintores, os quadros que tornam os seus museus holandeses, foram desenterradas e foram desenterradas onde haviam sido escondidas para iludir a fúria e a covardia do inimigo, — e já figuram outra vez nas galerias em que turistas do mundo inteiro iam admirar. Embora cercada da nossa simpatia e nosso respeito pela sua conduta na guerra, a Holanda não é menos considerada entre nós e acreditamos que as notas que ela nos contribuirá para fazer com que os nossos leitores conheçam ainda mais o povo holandês, através do conhecimento da terra e da gente dos chamados Países Baixos — denominação decorrente do fato de que o território do país está abaixo do nível do mar.

A FORMAÇÃO DA HOLANDA

A história da Holanda está cheia de fatos interessantes. Desde a luta pela conquista da soberania do país...



última brecha de um dos diques da ilha de Walcheren, destruído no curso da guerra. Em baixo à esquerda: Há lugares em que o trabalho de reconstrução dos diques

é extremamente penoso, porque são inacessíveis às máquinas. Mas os holandeses, que já fizeram a Holanda uma vez, não de fazê-la de novo. A direita: Esta ponte era considerada perdida, mas os holandeses souberam como aproveitá-la outra vez, com paciência e tenacidade.

deses fir...
arizada...
so, é ne...
ada. Por...
arrasas...
trui-la...
públicos...
As res...
que tor...
radas...
iludir...
utra v...
m ad...
respeito...
é m...
as que...
nossos...
vés de...
chamado...
o de a...

menstração do valor da gente holandesa, bastará acentuar, armos que, há 300 anos, durante a guerra de independência holandesa, a cidade de Leiden repeliu, sem qualquer auxílio, um exército espanhol, durante 131 dias. A tenacidade holandesa se tempera ao fogo, como o aço, especialmente quando está em jogo a sua liberdade. Orgulhosamente os vênus de Leiden aludiam à fome e às doenças sofridas ao gravarem na legenda de suas moedas: Haec Libertatis Ergo. (Isto pela liberdade!)

Nada foi fácil aos holandeses que pagaram caro pelas suas conquistas. O preço de sua vantajosa posição geográfica na embocadura do Reno, a mais importante via fluvial interior da Europa, foi uma fronteira indefensável. O pre-íon de seu litora' e dos portos que atraíram o comércio mundial foi uma terra perigosamente situada sob o nível do mar. Não obstante, há 2.000 anos, quando as legiões de Cesar invadiram a Holanda, encontraram uma população já adaptada ao caráter peculiar da terra, e ferozmente intriga dos invasores.

Ao desmoronar-se o poderio romano, a Holanda foi incorporada ao império de Carlos Magno. Este deu certa coesão aos Países-Baixos que então eram uma comunidade de feudos e propriedades de terras, divididas pelas discórdias. Sob o governo benigno de Carlos Magno, os holandeses começaram a desenvolver o seu gênio para o comércio e manufatura, e descobriram, nos séculos seguintes, quando

as tribus escandinavas saqueavam o país, que a tirania e o comércio próspero não podem coexistir um ao lado do outro. Desde a morte de Carlos Magno e a subsequente divisão de seu império, até a ascensão de Carlos V ao trono, o norte da Holanda ficou sob a vassalagem do imperador da Alemanha, enquanto que a seção meridional era dominada pela França. De fato, a Holanda era regida pelos seus próprios duques e barões, que estavam demasiado afastados dos estados alemães e franceses para serem controlados. Os poderosos condes de Holanda e Flandres fomentaram o comércio e manufatura. Concederam cartas especiais às cidades e foi durante esses séculos que o holandês desenvolveu um ódio implacável contra toda ingerência em seus negócios ou religião.

A tarefa de unificação da Holanda começou em princípios do século XV, apesar da oposição de certos estados facciosos que eram tão zelosos de suas liberdades como as treze colônias norte-americanas originais. Felipe, o Belo, Duque de Borgonha, obteve a soberania sobre quase todos os Países-Baixos, graças ao matrimônio, os direitos de sucessão, etc. Sob seu governo se reuniram os primeiros Estados Gerais que estavam compostos de representantes de todas as províncias. A união se tornou mais estreita quando Carlos V subiu ao trono, já que ele prestou mais atenção a outras partes de seu império, deixando o governo da Holanda em mãos de sua irmã e de um conselho de esta-

do formado por holandeses. Tanto este conselho como os Estados Gerais existem ainda hoje em forma modificada.

A prosperidade gozada pelos holandeses sob Carlos V terminou ao iniciar-se o reinado de seu filho, o intransigente Felipe II. Este nunca compreendeu o temperamento holandês, o que provocou naturalmente ressentimentos mútuos. A predileção crescente da Holanda pelo protestantismo enfureceu-o de tal modo que impôs uma das iniquidades mais desumanas de que se tem notícias.

Os holandeses lutaram oitenta anos por sua liberdade. Os estados uniram todas as suas forças sob a direção de Guilherme de Orange, e por fim derrotaram decisivamente os exércitos de Espanha.

Ao terminar um período tenso e instável, durante o qual foi assassinado Guilherme, a jovem República Holandesa emergiu, firmou uma trégua com a Espanha, em 1609, e inaugurou a Idade de Ouro da Holanda. Apesar de que a trégua tenha durado apenas doze anos, já livre das restrições do regime espanhol, o comércio holandês se desenvolveu até que chegou a contar com a metade dos navios de todo o mundo. Em 1602 o monopólio holandês no comércio do Extremo Oriente havia se firmado por meio da primeira grande corporação mercantil: a Companhia Unida das Índias Orientais. A marinha mercante levava produtos de todo o mundo para a Rússia, Turquia e até China. Não



Na página, à esquerda: "Claes Duyst Van Voorbout", — retrato de Franz Hals, um dos mestres da pintura flamenga.

é estranho, pois, que os holandeses tenham chamado ao seu século XVII a Idade de Ouro.

Era inevitável que a Holanda tivesse de passar outra vez por tempos difíceis. Quatro guerras terríveis com a Inglaterra, precipitadas pelas medidas desastrosas que os ingleses adotaram contra o comércio holandês, e uma guerra com a França, exgotaram a pequena república. Por outro lado, a aliança da Holanda e Inglaterra sob Guilherme III, de Orange, serviu a este para organizar a resistência contra Luis XIV e salvar a Holanda e Europa em geral do domínio de França, embora a custa de conflitos adicionais com esta e a Espanha. A medida que avançava o século XVII deteriorava-se a coesão das províncias holandesas, tão arduamente obtida, enquanto que a França e Inglaterra absorviam o comércio holandês. Por estar demasiado debilitado para resistir, o país teve que aceitar a ocupação do exército revolucionário francês em 1795. Mais tarde ficou incluído no império napoleônico e não logrou libertar-se dos franceses até 1813. Uma revolta incitada por Gysbert Karel van Hogendorp levou ao restabelecimento de uma Holanda e uma Bélgica independentes, unidas sob uma monarquia constitucional.

O renascimento da Holanda, como a conhecemos hoje, se inicia com as obras públicas para recuperar a terra inundada e com o fomento da debilitada indústria. A Sociedade Comercial de Holanda foi organizada em 1824 sob a égide do governo, e mais tarde fortaleceu substancialmente a posição da Holanda no comércio mundial. Enquanto isso o atrito entre a católica Bélgica e a Holanda protestante, que havia se intensificado, culminou na separação em 1839.

A primeira de uma longa série de vitórias em prol da reforma liberal se registrou em 1848, quando se estenderam os poderes dos Estados Gerais a fim de dar solidez ao governo constitucional. Sua sequência lógica foi a fundação de escolas públicas e a ampliação do sufrágio. A Holanda aprendeu que a independência e a prosperidade não são problemas que se resolvam uma vez e depois se esqueçam; mas antes surgem da disposição profunda e pronta a aceitar sacrifícios. Da mesma forma que os cidadãos de Leiden, os Holandeses de hoje dizem: "Isto pela liberdade".

NOVE MILHÕES DE HOLANDESES VIVEM NA EUROPA

Nove milhões de holandeses vivem na Europa... nove milhões de almas numa região de 192 quilômetros na parte mais larga e 228 em seu maior comprimento. Mesmo neste estreito território podem observar-se diversos grupos étnicos entre a população.

Ocupa o rico e importante delta do Reno, Mosa e Escalda, e goza do clima fresco e agradável da Europa Ocidental.

A Holanda se divide em três regiões: uma estreita faixa de dunas ao longo da costa do mar do Norte, uma zona de terras baixas ao norte e sudeste limitada pelos rios e o Zuiderzee, e uma região de altiplanos a leste.

As dunas costeiras protegem uma vasta extensão de território mais baixo que o nível do mar. Pelo ocidente se estendem as grandes praias dos banhistas da moda, assim como as aldeias de pescadores, mais apegadas à terra. Nessa região se acham os melhores terrenos para semeadura e para o cultivo das famosas tulipas holandesas.

Em nenhum sentido constituem as dunas costeiras uma barreira impenetrável. O mar do Norte logrou atravessá-las e formar o Zuiderzee há dez séculos. Somente em tempos recentes começaram os holandeses a magnífica empresa de recuperar essas terras. Até agora se logrou arrebatrar às águas 74.000 hectares de terras cultiváveis. Quando se terminar o projeto, mais de 224.000 hectares de terrenos produtivos terão sido acrescentados à nação.

O mar do Norte também invadiu o extremo meridional das dunas, transformando a terra firme numa série de ilhas. O mesmo ocorreu na costa frisia, onde numerosas ilhas bordam o litoral. Os três grandes rios cortam as dunas e até os próprios holandeses lograram construir, perfurando-as, saídas para o mar, para Amsterdam e Rotterdam.

A terra baixa da região dos "polders", a leste das dunas costeiras é digna de consideração quando se pensa no crescimento dinâmico do solo. Apesar de que os célebres moinhos de vento holandeses estão sendo substituídos por bombas impulsionadas por motores Diesel, os métodos de criar "polders" não variaram fundamentalmente. Constrói-se um dique ao redor de um lago que vai ser secado. Mais para cima um canal. A água do lago é levada então ao canal por meio de bombas, fertilizando-se o fundo, e, em seguida, surge outra plantação atrativa. No país dos "polders" prospera a indústria leiteira, e a batata e beterraba crescem em abundância. O Reno, e o Mosa, com diques em ambas as margens, fluem através de zonas agrícolas, oferecendo facilidades de transporte, e ao próprio tempo seus diques laterais impedem as inundações durante a época das chuvas torrenciais.

A leste destas ricas regiões agrícolas estão os altiplanos, com suas colinas arenosas, seus páramos e seus bosques. Ali a Holanda encontra abundantes reservas de pinho, carvalho e faia.

Ao alto: Quadro de Adriaen Van Ostade, — "A vendedora de Peixe", — existente no Rijksmuseum, de Amsterdam, aberto novamente ao público. Em baixo: "A leiteira", quadro de Jan Vermeer, que pode ser outra vez admirado no Rijksmuseum, de Amsterdam.





Os museus holandeses já foram reabertos. No Rijksmuseum de Amsterdã, os turistas já podem admirar este magnífico quadro de Jan Vermeer, um dos grandes nomes da pintura da Holanda.

Nem a Frísia nem o Limburgo se parecem geologicamente às outras províncias da Holanda. Na Frísia se vislumbram numerosos lagos, pântanos e "terpen" ou sejam as colinas onde se erguem as granjas. Limburgo é uma província comprida e estreita, como uma cunha, entre a Bélgica e Alemanha, possuindo colinas de mais de trezentos metros de altura. Além disso, conta com riquíssimos depósitos carboníferos e pedra útil à indústria de construção.

CARACTERÍSTICAS DA GENTE HOLANDESA

O holandês é um povo robusto, vigoroso e resistente às enfermidades. Sua saúde é, em grande parte, natural, mas também se deve às leis de higiene que são rigidamente obedecidas. Todos os alimentos que se vendem na Holanda, importados ou não, são inspecionados antes. O leite, até o café e o chá têm que satisfazer os requisitos fixados pelo estado. Toda carne importada é examinada cuidadosamente nas alfândegas, enquanto que as autoridades locais de cada cidade inspecionam a carne do país. Os alimentos são, com o tempo, com uma dieta equilibrada, à qual se acostumaram os holandeses, melhoraram apreciativamente a saúde nacional.

Para combater as enfermidades, a Holanda pôs em prática um sistema igualmente eficaz. Os distritos rurais, da mesma forma que as cidades, mantêm hospitais e clínicas onde qualquer paciente é atendido sem se considerar os seus recursos. E o governo protege o operário enfermo com uma lei de seguros que concede ao trabalhador 80% de suas diárias, durante a enfermidade.

Os requisitos das escolas de medicina holandesas já são bem conhecidos. Poucos estudantes há que dominam tão bem o campo da medicina como os de Holanda. Assim o testemunha alta reputação de que costuma gozar os médicos diplomados em Amsterdã e Leiden. Os farmacêuticos têm que se submeter a exames severíssimos, pelo que não é raro encontrar, no campo, médicos que também são farmacêuticos. O corpo médico recebe grande ajuda de um corpo de enfermeiras seguro e eficiente. O povo está protegido contra as práticas indesejáveis por uma Junta Nacional que examina os dentistas, médicos e enfermeiras acusados de algum abuso.

Algo devemos ainda dizer relativamente ao trabalho da Cruz Branca e da Cruz Verde. A Cruz Branca foi fundada quando o princípio de quarentena para os casos de enfermidade contagiosa se fez lei em 1874. A organização construiu alojamentos para os pacientes, administrou remédios para melhorar a assistência caseira e lutou contra a

(Continua na pág. 52)

Um dos quadros mais famosos de Rembrandt. — "A ronda noturna", outra vez em exibição ao público nos museus da Holanda.





Muito bonita esta blusa que Teresa Wright, "estrela" de "Os melhores anos de nossa vida", aqui apresenta às nossas leitoras. É executada em "faille" branco, ombros nus, decote bem caído, com babadinho de renda franzido ao redor. A mesma renda forma um outro babado pouco mais abaixo e também arremata as mangas. Cordão de seda vermelha, amarra a blusa na frente, terminando em laço.

VOCÊ é nova e gosta de se vestir. A dança, a praia, são cousas que a deixam louca. O que você não compreende, no entanto, é que não sendo menos feita do que as outras, não é tão procurada nem tão popular. Você se olha no espelho, se acha até bem melhor do que a "fulaninha" do lado, mas as atenções dos rapazes se voltam para ela. "Porque? O que há de errado em mim?" Pergunta você um tanto espantada. "Porque não brincam e não dançam comigo?" "Porque não me tratam com a mesma delicadeza?" Por que? A resposta é simples. É porque você, apesar de bonitinha, não sabe ser atraente (Espere aí, menina, só porque eu disse isso não vá agora fazer póse de "vamp", não, não é nada disso)... O que quero dizer, é que você não conhece ou então não se preocupa com certos detalhes muito importantes que contribuem para torná-la uma figura popular. Em primeiro lugar, olhe para a sua roupa. Ela não precisa ser cara ou luxuosa, o que é necessário é que seja sempre adequada à ocasião. Numa reunião, não seja a única a estar de vestido de noite, ou então não seja a única a estar de "slacks". Procure sempre saber o que vão vestir as outras e guie-se por elas. Desista de ser original.

NOS BASTIDORES FEMININOS

Se você vai usar chapéu, lembre-se de que o rapaz com quem você vai dançar, não gostará de ter uma pena a lhe roçar a todo o instante o nariz. Use um chapéusinho elegante e discreto, que não incomode a ninguém.

Se, pelo contrário, vai sem chapéu, arranje um penteado que não obrigue o par a se afastar a cada instante das "ondas esvoaçantes"...

O seu "make-up" também é importante. Pinte-se com naturalidade e discreção; "mascara" só no carnaval... Evite também manchar os ombros do companheiro com o seu "baton". Difícilmente ele poderia perdoar isso a você... Perfume-se também com discreção. Cheiros fortes

e enjoativos têm desfeito muitos "flirts". Use um perfume suave e jovial. Se é alta, use saltos baixos e se é baixa, use saltos altos. Assim não haverá o perigo de fazer figura ridícula ao lado de um rapaz muito mais alto ou mais baixo do que você. E agora que a aparência está aprovada, vamos ao resto. Não fale demais; não fale alto, não gesticule, não fale da vida alheia, não faça perguntas indiscretas, não critique as roupas ou os modos das suas amigas? Não se torne logo muito íntima... Também não se mostre carrancuda, indiferente e superior... Não vá procurar demonstrar que acha tudo muito fútil, que se julga melhor do que as outras, que não faz isto ou aquilo que as outras fazem, enfim, não queira fazer parecer que está ali contra a sua vontade, porque não havia outro "remédio"... O que você deve fazer é sorrir... Dansando ou conversando, sorria como um anjo... Com um sorriso simpático, com gestos sóbrios e distintos, com uma figura jovem e alegre e com a firme vontade de agradar, você verá dentro em pouco aumentar a sua popularidade e já não terá que perguntar: "Por que? Que é que está errado em mim?"

KITTY

SUGESTÕES DE

★

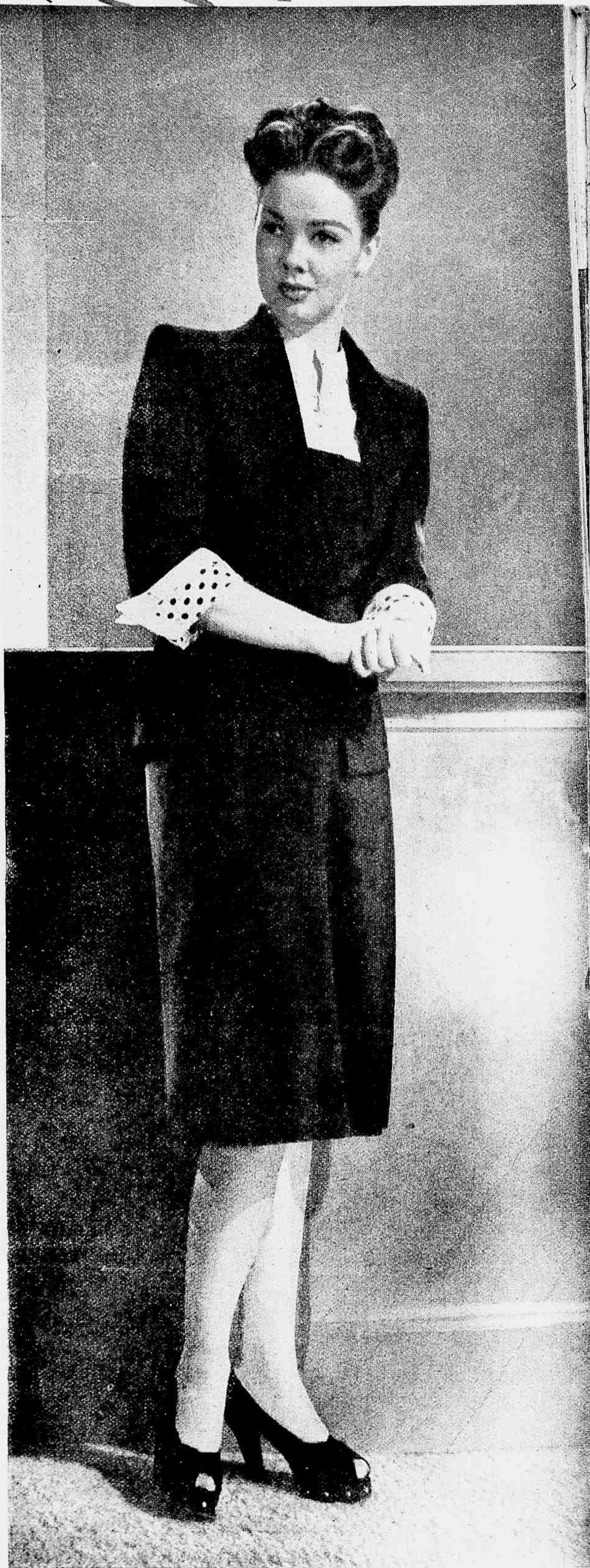
PARA você mocinha que trabalha, Kathryn Grayson, a encantadora "estrela" da MGM sugere estes modelos juvenis e elegantes, próprios para realçar a graça da sua idade. Da esquerda para a direita: Vejam o quanto é gracioso este traje da bonita cantora. A saia é de lã preta, o casaco de lã quadriculado preto e branco, de linhas retas, e a blusa branca forma gola dupla com o casaco e deixa ver o interessante "jabot". Com uma saia cinzenta, que pôde ser a do seu "tailleur", Kathryn usa uma blusa de seda, com decote quadrado e



KATHRYN GRAYSON

★

malhas curtas com bordado inglês na beira. De um lado há um delicado bordado em rosa e verde. Esta encantadora estrelinha apresenta aqui um casaco curto, de lã vermelha, com gola alta, linhas retas, mangas "raglan" e bolsos embutidos. Tanto pôde ser usado com saia e blusa como com vestido. Para o trabalho ou mesmo para um passeio ou cinema, ela sugere este "duas-peças", de "faille" negro, com decote quadrado, deixando aparecer a blusa feita em "laise". Os punhos são do tecido da blusa. A saia é simples, ligeiramente "godet" na frente.







A esquerda : De corte impecável é este "tailleur" que a loura Leslie Brooks, da Columbia Pictures, aqui ostenta. O tecido, do mais puro desenho inglês, se presta para a execução desse elegantíssimo costume. Para completar, ela usa luvas e bolsa de pelica marron. A direita : Leslie Brooks exhibe agora a "sweater" havana que ela usa com o seu "tailleur". Observem o quanto é original o seu cinto de couro marron. Outra coisa digna de nota, é o penteado de Miss Brooks. É levantado, com "boucles" no alto e franjinha sobre a testa.

INVERNO





CHAPÉUS DE INVERNO

E IS uma nova coleção de modelos vindos diretamente de Hollywood. Não esqueça o nosso conselho: antes de escolher qualquer um destes modelos estude bem o seu tipo, a fim de que o chapéu condiga com ele. Ao alto à esquerda: Inspirando-se nos modelos de 1970, Barbara Britton, da Columbia, sugere este encantador modelo de veludo negro com véu também negro. O chapéu é colocado no meio da cabeça. À direita: Esta garota bonita é Dorothy Malone, da Warner Bros. Seu chapéusinho é de feltro branco, bem caído para a frente, coberto com original véu preto e penas também pretas. À esquerda: Esta é Constance Moore, da Republic, com um chapéu de veludo preto, enfeitado com pedras de diversas cores. Na página ao lado: Edwina Stevenson, figurinista da RKO, criou para Madge Meredith este chapéu de "bruxa". É executado em feltro preto, com um "vassoura" atravessando a aba. Observem também os bróches de Miss Meredith, simulando o rosto da bruxa.



MISS CHAPMAN

A MULHER inteligente, e bonita em qualquer época do ano. Quer no verão, no outono ou no inverno, ela sabe sempre escolher aquilo que lhe vai bem. No inverno, não é necessário se restringir aos clássicos "tailleurs", pois os costureiros do mundo são ferozes na criação de modelos verdadeiramente originais e encantadores. Aqui alguns exemplos. Da esquerda para a direita: Marguerite Chapman, essa pequena bonita da Columbia Pict. apresenta-nos um vestido de lã bege, apelidado por ela de "o cocheiro". A razão está nos botões duplos que enfeitam o vestido. A gola é muito interessante e a saia tem franzidos na cintura. O cinto é de couro marrom com dois grandes medalhões dourados.



APRESENTA...

Em fina lã preta é executado este "duas-peças" que Marguerite usa para ocasiões mais cerimoniais. O casaco, todo fechado na frente, tem recortes na gola e na parte inferior. Botões de vidro ou de prata. Saia "godet". O chapéu é bege escuro, com flores de veludo negro sob a aba. Muito "chic" este conjunto composto de saia de lã azul marinho, blusa de seda listrada azul marinho e branco e bolero de lã vermelha. No bolero, quatro grandes botões dourados, mangas compridas com punhos virados. Modelo muito elegante de jersey de lã bege. O cinto é marrom com bordados dourados. Os demais acessórios também marrons. Grossa corrente de ouro enfeita a "toilette" de Miss Chapman.





ELEGANTES

SIM, elegantíssimos são estes dois modelos aqui apresentados: Para o outono, Marguerite Chapman selecionou este conjunto executado em tecido quadriculado branco verde e vermelho. A saia, é belíssima, tendo na frente um grupo de pregas soltas que lhe aumentam o volume. A blusa é de seda branca e o casaco é de linhas retas, com pequenos botões verdes. Na página à direita: casaco de lã azul marinho, de talhe muito original. As mangas "raglan" são largas, ajustando-se apenas aos pulsos. Fila dupla de botões dourados. "Godet" e franzidos em toda a roda. Para quebrar a monotonia do azul, Marguerite Chapman usa ao pescoço, um lenço de seda branca.



ELEGÂNCIA INFANTIL

APRESENTAMOS aqui uma coleção de graciosos vestidos para meninas de 2 à seis anos de idade. 1 — Modelinho de algodão listrado azul e branco com viés vermelho. 2 — Vestidinho estampado com pala recortada de "piqué" branco. Sobre a mesma, aplicações em vermelho. 3 — Este é em tecido quadriculado enfeitado com goinha de fustão branco e babadinhos de bordado inglês. 4 — Vestidinho de alpaca estampada com enfeite de rendas. É completado com calcinhas "bombacha". 5 — Muito gracioso este modelo em shantung estampado, enfeitado com "piqué" branco. Recortes na saia. 6 — Modelinho muito bonito em tecido quadriculado com "plastron", tiras enviezadas e babadinhos do mesmo tecido. 7 — Modelinho de piqué branco, com babadinhos, "rouche" e bordado em cores.





A esquerda: De muita classe é este "duas-peças" em lã beije. O casaco é longo, sem botões, e com gola de peles verdadeiras. Saia com "machos" formando "godet". Creação de Jacques Costet. A direita: E também de Jacques Costet, este modelo em lã-beige com bolsos pespontados, caindo de todas as pontas, borlas marrons.

MODELOS EM LÃ

A MALDIÇÃO DO ARTISTA

1880...

— Onze horas. E Lina ficou de vir às oito. Que estúpido fui em acreditar que ela pudesse fugir comigo. Mas eu tinha prometido que iríamos nos casar. Mulheres! São todas iguais. Vá alguém tentar compreendê-las... Tornam-se ainda mais complicadas. Por que será que não veio? Depois de ter me feito mil promessas... Na última hora faltou a coragem. Não, na certa o pai impediu tudo. Deve ter sido isso. Essa gente de sociedade prefere ver a filha morta do que casada com um artista. Que mal há em ser artista? Uma profissão como outra qualquer. E que importa a profissão quando se é honesto e bom? Eu amo Lina e ela me ama; quem poderá impedir que nos casemos? Ninguém. Oh, meu Deus por que é que ela não vem? Será mesmo possível que eu tenha de partir sozinho? Sim, porque se ela não vier é sinal de que tudo está acabado entre nós. Eu mesmo lhe propuz isto. Ela tinha de escolher entre a família e eu. Se não aparecer até agora é porque escolheu a família. É lógico. Mais claro do que água. Que é que você ainda está esperando, Lúcio? Não tem mais vergonha! Vá embora. Esqueça Lina. Entre no trem e deixe logo esta cidade maldita. Maldita... Ah, se maldição pegasse, juro que amaldiçoava toda a família. É a minha única vingança. Tomara que uma descendente desta maldita família se apaixone por um artista como eu, e que ele nem a ligue! E que ela sofra, sofra bastante. Por que se minha maldição pegar ela não terá descanso. Amará terrivelmente alguém que a desprezará. E não adianta nem dinheiro, nem posição, nem nada. Porque haverá uma força maior do que tudo isso e muito mais poderosa que será a força da minha maldição!

1947...

— Que vestido usam? Este verde é tão engraçadinho... Mas este vermelho também não é nada mau... Não, prefiro aquele azul. E', vou com ele. Estou tão nervosa. E não haveria de estar? Logo no meu primeiro encontro com ele... Primeiro, propriamente, não é... Já nos encontramos várias vezes, mas sempre com outras pessoas. Esta é a primeira vez que nos encontramos à sós... Não quero nem pensar, porque senão sou capaz de nem ir. E deixá-lo esperando? Não. Isso nunca. Vou me vestir bem depressa.

— Pronto, agora é só me encaminhar para o lugar marcado. Ainda são quatro horas. Marquei com ele às cinco. Que devo fazer? Chegar atrasada não quero. Tenho medo que ele fique impaciente e vá se embora. Chegar cedo e ele me encontrar esperando, também é feio. Ele pode ficar prosa e pensar que estou ansiosa por vê-lo. Mas isso é verdade mesmo. De que me serve negar? A gente pode mentir para os outros, mas não para nós mesmos... Por isso vou tratar de apanhar o bonde, em vez de ficar aqui falando sozinho. Não, vou a pé. O passeio me fará bem. Terei mais tempo de sonhar com ele... Que prazer esquisito sentimos ao recordar cenas agradáveis. Tenho-as todas concatenadas na memória. E quando penso em qualquer uma delas logo surgem outras e mais outras, aca-

Conto de ANA MARIA
SUSSEKIND DE MENDONÇA

★

bando a gente por perder a noção de tudo e entregando-se toda a esta contemplação interior. O dia em que o vi pela primeira vez... Como poderei esquecer-me daquele rápido momento em que meus olhos contemplaram sua figura no palco? Lembro-me tão perfeita e exatamente, que chego até a sentir o arrepio igual ao que experimentei naquela hora. Não pude despregar os olhos daquele vulto moreno e alto, de cabelos despenteados, caindo-lhe pela testa. E quanto mais o olhava, mais agradava o que via! Tudo nele me fascinava: seus olhos grandes pretos e brilhantes, sua boca molhada e sensual, suas mãos compridas e nervosas, seu corpo forte e viril, tudo emfim me empolgava. Saí do teatro quase febril de entusiasmo, o que não passou despercebido à minha família. Ninguém deu muita importância, no entanto, pois estavam longe de calcular até que ponto meu entusiasmo chegaria. Talvez se não estivessem tão cegos, poderiam ter me impedido de escrever aquela perigosa carta... Aquela carta... Acho que ninguém poderia ter me proibido de escrever, tal era a vontade de comunicar ao artista, o meu entusiasmo! E a carta dele em resposta à minha? Por que estou me lembrando disso agora? Que atitude terei junto a ele? Oh, meu Deus acho que vou ficar tão boba que nem conseguirei olhá-lo... Ainda faltam duas ruas para a praia. Deixem-me sonhar mais um pouquinho... Que é que eu estava mesmo recordando? Ah, sua carta. Sua primeira carta, tão agradecida e exultante? Que felicidade imensa me proporcionou aquele pequenino pedaço de papel! Acho que foi aí que principiei a amá-lo... Talvez pudesse tê-lo evitado, não lhe escrevendo novamente. Mas enquanto minha consciência assim me aconselhava a proceder, meu coração me impelia a lhe responder. E eu segui o indiscreto, mas sincero conselho do último... Veio então a segunda carta. A mais bela de todas. Nela ele me contava toda sua vida, tratando-me como amiga e chamando-me de princesa. (Em duas cartas somente eu já era sua "princesa"). Se tive receio de responder-lhe desta vez, foi sua própria carta quem me impôs a fazê-lo e não meu coração. Uma terceira carta dele chegou logo depois... E assim foram chegando a quarta, a quinta e várias outras. Que variação de temas escolhemos para nossas cartas! Que galanteios agradáveis sabia dizer-me o meu querido artista, sem nunca tê-lo visto... Parece que cheguei ao lugar marcado. Estava tão distraída que nem reparei. E' aqui mesmo. Em frente ao posto seis... às cinco horas. Será que ele vem mesmo? Ainda ouço perfeitamente sua voz prometendo-me não faltar... Sua voz... E' idêntica a do paico... Lembro-me bem do seu espanto quando lhe telefonei... Com que familiaridade conversamos! Pensei que não poderia dar uma palavra... Não sei porque tudo não continuou assim... Por que tinha de acontecer aquilo? Pensando bem era inevitável. Mais tarde ou mais cedo eu teria de encontrar-me com ele. Não podia continuar sempre sua admiradora incógnita, apesar de ser esta a minha vontade. Nunca poderia esquecer a horrível sensação de que me vi tomada,

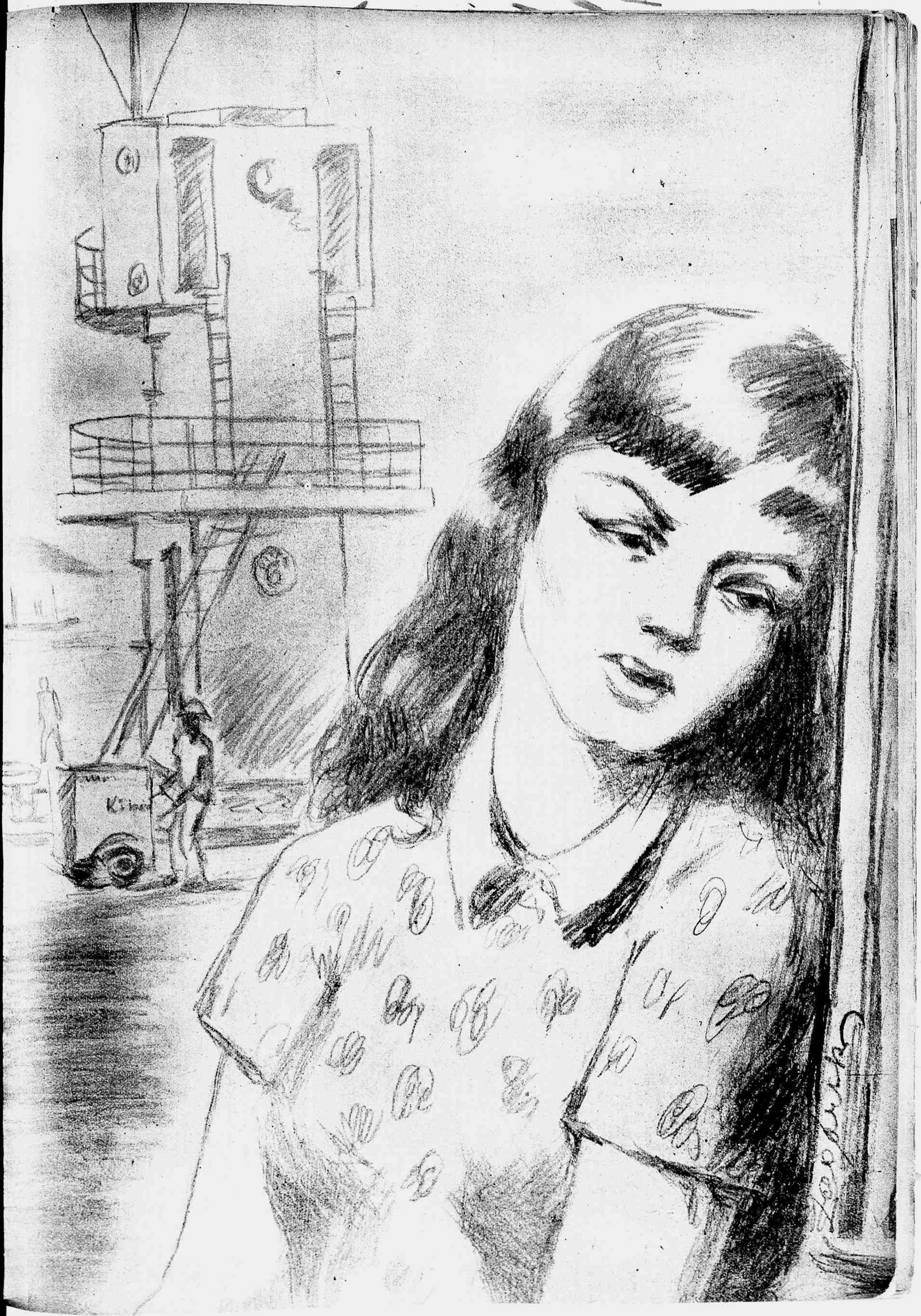
quando deparei com ele face a face. Foi depois de uma maninêe. Eu e algumas amigas, estávamos esperando que a chuva passasse. Não havia mais ninguém, não ser o pessoal do teatro... Excitadas pela peça, que não era lá muito própria, minhas amigas faziam uma algazarra medonha. A chuva continuava implacável. Eu sabia que dentro em pouco ele haveria, forçosamente, de aparecer. A idéia de encontrá-lo ali com minhas amigas, aterrorizava-me. Mesmo assim não podia afastar-me delas... Ele, como era de esperar, apareceu. Lançou um rápido olhar para o nosso grupo já se retirando, quando ah, que raiva me deu! uma de minhas graciosas amiguinhas bradou seu nome. O rapaz voltou-se e sorrindo aproximou-se de nós. Elas, que estavam loucas por isso, foram logo se apresentando. Quando chegou a vez de dizer meu nome o fiz tão baixo, que ele nem ouviu. Minhas amigas eram alegres e conversadas. Imediatamente começaram a comentar a peça e elogiar o ator. Ele ouvia os elogios perfeitamente à vontade. Só eu não articulava uma palavra. Eu que tinha lhe escrito tanta coisa, não conseguia lhe dizer nada naquele momento. Como me odiei! Como detestei minha timidez, que me impedia de falar. Ele estava tão distraído com minhas amigas que nem reparou quando saí. Depois deste incidente senti-me tão inferior, que não tive coragem de lhe telefonar, ou mesmo lhe escrever. Torturava-me em pensar na terrível impressão que deveria ter lhe causado. "Então era assim a autora daquelas cartas"? Esta era, provavelmente, a pergunta que ele fizera a si mesmo. Desesperada resolvi telefonar-lhe para certificar-me da verdade. E qual não foi agradável surpresa quando ele me declarou não ter percebido meu nome? Depois marcou um encontro, um verdadeiro encontro aonde só estaríamos nós dois... Exultei de contentamento e agora aqui estou. Já ia me esquecendo das horas. Cinco e meia e ele ainda não apareceu. Naturalmente atrasou-se um pouco. Não me custa nada esperar... E eu o faço com todo prazer... A tarde está tão linda!

— Seis horas... Estou começando a me assustar. Daqui a pouco acabo me convencendo que ele não vem mesmo... Será possível? Não, por que ser pessimista? Ele há de vir como me prometeu.

— Seis e meia... Que estou vendo? Parece-me que é ele que vêm vindo... Alto, andar apressado... Não consigo vê-lo, mas acho que é ele. Valeu a pena esperar. Como está simpático naquele terno azul marinho! Ande mais depressa para eu poder me certificar se é você mesmo. Ah, agora posso distinguir melhor o rosto. Não é ele. Que decepção. Terei de esperar ainda mais.

— Sete horas... Decididamente estou fazendo um papel de tola! Agora é evidente que ele não virá mais. Já é noite. Está tudo tão escuro! Curioso. Eu achei a tarde linda só porque pensava que ele vinha... Vou-

(Continuação na pág. 52)



TRABALHOS MANUAIS

CARTEIRA DE CROCHET

2143

Material Necessário:

Linha Mercer — Crochet
"Corrente" n.º 40.

3 novelos de 20 gramas
de uma cor escolhida.

3 novelos de 20 gramas
de uma cor contrastante.

1 agulha de aço para
crochet marca Milward
n.º 3.

(Usar fio duplo)

Tensão — 12 dc = 2,5
cm.

Abreviações — ch —
trancinha — dc — ponto
de crochet duplo.

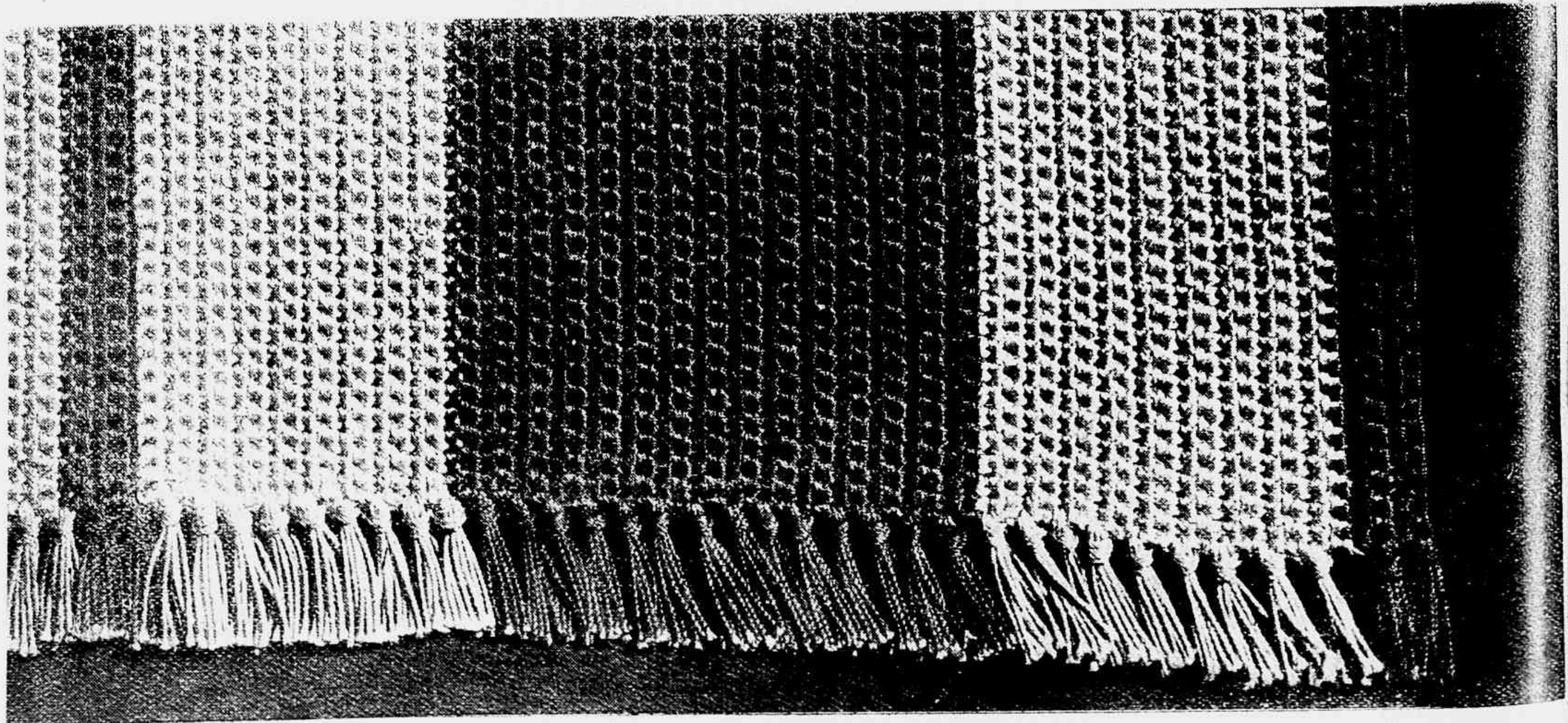
Fazer 256 ch com a cor
escolhida.

1.ª carreira — 1 dc na 2.ª,
dh da agulha, 1 dc em cada
ch, 1 ch voltar.

2.ª carreira — 1 dc em
cada dc, 1 ch, voltar. Re-
petir a 2.ª carreira mais
duas vezes.

Emendar a cor kontras-
tante e arrematar a cor es-
colhida. Repetir a 2.ª car-
reira mais 18 vezes. Emen-
dar a cor escolhida e arre-
matar a cor contrastante.
Repetir a 2.ª carreira mais
29 vezes. Emendar a cor
contrastante e arrematar
a cor escolhida. Repetir
a 2.ª carreira mais 18 ve-
zes. Emendar a cor esco-
lhida e arrematar a cor
contrastante repetindo a
segunda carreira mais uma
vez e então, repetir a 2.ª
carreira outra vez. Repe-
tir a 2.ª carreira mais três
vezes pulando o ch da vol-
ta na última carreira. Ar-
rematar.

Armar a carteira de con-
formidade com a ilustra-
ção fotográfica. Fazer uma
pequena franja na aba da
carteira.



A vida de SPINOSA

(Conclusão do numero anterior)

Sabemos o que fazemos, mas não temos liberdade nem forças para fazê-lo diferentemente. Estamos ligados ao nosso destino. É-nos dado sermos espectadores interessados no dramazinho de nossa vida, mas não temos voz ativa em sua direção. Tendo a capacidade de assistir aos nossos atos, confundimo-la com a capacidade de querê-los. São as nossas decisões o resultado, não apenas de nossa vida passada, mas das vidas passadas de todos os nossos ascendentes.

Compreendamos, pois, as nossas limitações. Compreendamos que não somos agentes livres mas partes de u'a máquina divina que pensa e procede segundo as leis eternas da natureza. E, compreendendo isto, tornemos ao propósito pelo qual vivemos. Este propósito, como vimos, consiste em sermos felizes, buscarmos o prazer e evitarmos a dor. O nosso interesse principal na vida é amar-nos a nós mesmos. "Todo homem", escreve Spinoza, "deve amar a si mesmo e procurar o que lhe é útil".

Isto sôa como o cúmulo do egoísmo. Prosseguindo, porém, prova Spinoza ser este o cúmulo do altruísmo, pois, como aponta Spinoza, para que amemos a nós mesmos devemos de amar aos outros. O amor, o prazer, a felicidade — esses aspectos da alma, são melhor fruídos quando mais generosamente repartidos. Já topamos esta doutrina de egoísmo esclarecido na filosofia de Aristóteles. Amplia, Spinoza, a idéia e aplica-a à vida moderna. O homem sábio, declara Spinoza, conhece que só pode ajudar a si mesmo ajudando aos outros. Compreende que a felicidade individual é a felicidade mútua. Evita a inveja, porque esta não produz a felicidade senão a dor. Evita o ódio, porque o ódio gera o ódio. Evita ferir os outros, porque sabe que a injúria e paga com a injúria, e que aquele que com ferro fere com ferro será ferido. Evita a conquista, porque compreende que cada vitória militar semeia os germes de uma futura guerra de vingança. "As nossas maiores vitórias", escreve Spinoza, "são obtidas não pelas armas mas pela grandeza de alma".

O homem verdadeiramente bom, e, portanto, o homem verdadeiramente feliz, será o homem verdadeiramente sábio. Será generoso para com os outros porque sabe que, dest'arte, será generosíssimo para consigo. E assim o nosso objetivo último na vida, é buscar a felicidade através do conhecimento, através da aquisição da sabedoria, através da compreensão esclarecida da inter-afinidade vital que existe entre homem e homem. Quem compreende, não odiará, não desprezará, não ferirá e não temerá. Viverá uma vida não de ambição individual, mas de mútua cooperação. Professará o ensinamento dos antigos profetas e o princípio da Regra de Ouro. "Nada desejará para si mesmo que não deseje também para o resto da humanidade".

Pois todos os homens são partes igualmente importantes, de Deus. E assim, assevera Spinoza, para serdes felizes deveis amar-vos a vós mesmos. Mas amar-vos a vós mesmos significa amar a humanidade, e amar a humanidade é amar a Deus. E esta é a razão pela qual viemos ao mundo.

IV

O amor, declara Spinoza, é aquilo que transforma a nossa vida temporal num êxtase eterno. É a emoção suprema que nos empresta significado real à existência. Em presença do amor desaparece o sofrimento da morte. Porque "aquele que ama os seus semelhantes não é tocado do temor da morte". A morte é apenas um incidente, momento de transição, passagem da vida mortal para a imortalidade. Morre o corpo, mas a alma continua a viver. Porque a alma do homem é parte da alma de Deus. Cada vida humana é como o reflexo do sol num tanque de água. A água seca. Já não vêdes refletida nela a luz do sol, mas não se perdeu o sol. Ele ainda resplandece em todo o seu esplendor entre as estrelas. Semelhantemente morre o corpo individual mas a alma universal continua a viver. "A alma humana", escreve Spinoza "não é destruída com o corpo, mas dela permanece algo que é eterno".

E que é esse algo eterno? É a essência divina que vive no corpo mas não pertence ao corpo. É o pensamento visível do poema divino de Deus impresso na página do tempo, assim como o pensamento visível de um poema homérico é impresso na página de um livro. Quando lançado fora o livro e a página destruída, não é o poema, porém o seu exemplar impresso, que perece. O pensamento de Homero está impresso em muitas páginas. Podem-se rasgar as páginas mas não se rasga o pensamento. Para modificar a metáfora, somos, cada um de nós, um pedaço de vidro colorido do caleidoscópio da vida. Quando se parte o vidro não se perde a cor, mas esta se funde no alvo resplendor da imortalidade.

Cada ser humano, portanto, é uma parte relacionada de unidade divina. Quando morre um indivíduo é a sua alma como uma gota de água que torna ao oceano, simples nota que se funde no esplendor de uma sinfonia, pensamento sublime arrancado à sua contextura temporal e colocado no vigamento da eternidade.

E é apenas nêsse vigamento, sub espécie aeternitatis, que podemos compreender as verdadeiras dimensões de nossa própria existência. Aprendamos, recordando o nosso destino unido, a satisfazer-nos com pouco, a pagar o ódio com amor e a aceitar com sorridente coragem o que quer nos possa apresentar o nosso destino individual. E' esta a sùmula e a substância da vida feliz, "o método todo", como diria Spinoza, da sabedoria do homem superior. Acima de tudo, insiste ele, aprendei a apreciar as vossas relações íntimas com o resto do mundo. Trazei, constantemente, no espírito, que a vossa existência e a existência de vosso vizinho, por insignificantes que possam parecer-vos, são fios necessários no entrançar da tapeçaria da vida universal. "O maior bem é o conhecimento da união do espírito com o conjunto da natureza". Se o mundo não foi feito para vós, sede felizes pensando que fostes feitos para o mundo. Sois uma página importante do livro da vida. Sem vós o livro seria incompleto.

V

Foi bela a página da vida de Spinoza, posto que não impressionasse os seus contemporâneos — nobre manuscrito publicado em edição barata. A sua aparência era tudo, menos extraordinária — o corpo pequeno, a pele escura, o cabelo preto encaracolado, as longas sobrancelhas negras, os olhos a arder com o brilho enêrmo da consunção. Não curava de seus trajes. "Um artigo medíocre", dizia ele, "não deve ser colocado dentro de um envólucro precioso." E não o preocupava a sua valorização temporária por estar tão seguro de seu valor eterno.

Passou pela vida na obscuridade. Um poucas almas perspicazes souberam, contudo, reconhecer-lhe a grandeza. A pedido desses amigos que o apreciavam mudou-se ele para Hala, onde permaneceu durante o resto da vida. Vivia, como antes, num único quarto. Era esta sua loja, sua residência e sua sala de recepções para os poucos visitantes que lhe vinham render tributo à grandeza. Entre os que assim o honraram com as suas visitas contavam-se o inventor alemão, Von Tschirnhaus; o secretário da Real Sociedade Britânica, Henry Oldenburg; o cientista holandês, Huygens; o filósofo Gottfried Leibniz; e o rico mercador de Amsterdã, Simon de Vries. Tentaram, esses homens, arrebatá-lo à sua obscuridade e protegê-lo contra a pobreza. Mas debalde, porque ele nada fez por ajudá-los. Quando De Vries lhe ofereceu um presente correspondente a mil dólares, Spinoza repugnou a oferta. Depois, quando De Vries propôs deixar-lhe, por sua morte, toda a sua fortuna, o "tolo sábio" recusou pela segunda vez. E, finalmente, quando esse mercador, ao morrer, legou a Spinoza uma anuidade correspondente a duzentos e cinquenta dólares, insistiu Spinoza para que fosse reduzida a soma a cento e cinquenta. Nêsse entretimentos, recusou, Spinoza, mércê muito maior — uma pensão de Luiz XIV, caso o filósofo dedicasse o seu próximo livro à Sua Resplandecente Alteza. Spinoza, recusando a pensão, observou, calmamente, que não lhe fôra possível lisonjear um homem que não admirava.

(Continua na página 58)

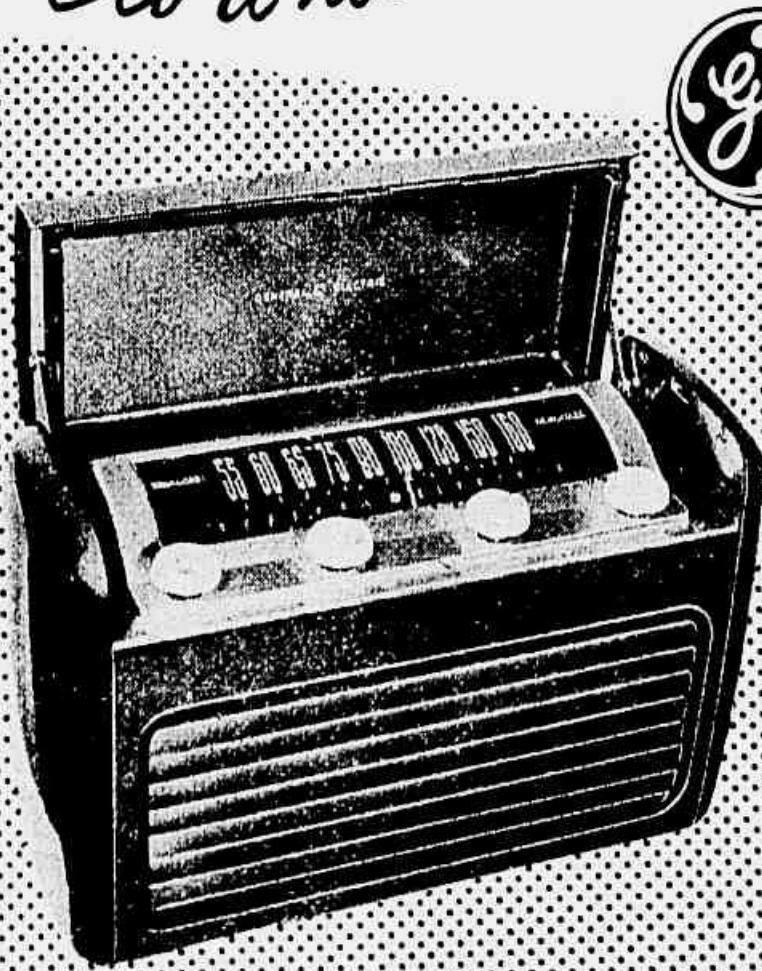
Distinção...



NA SOCIEDADE
E NO PRÓPRIO
LAR, A DISTINÇÃO
E O ASSEIO DOS
MÓVEIS, NECES-
SITAM DE CUI-
DADOS ES-
PECIAIS...

MANTENHA A LIM-
PEZA E VIDA DOS
SEUS MÓVEIS COM
O ÓLEO DE PEROBA

Eis a nova maravilha



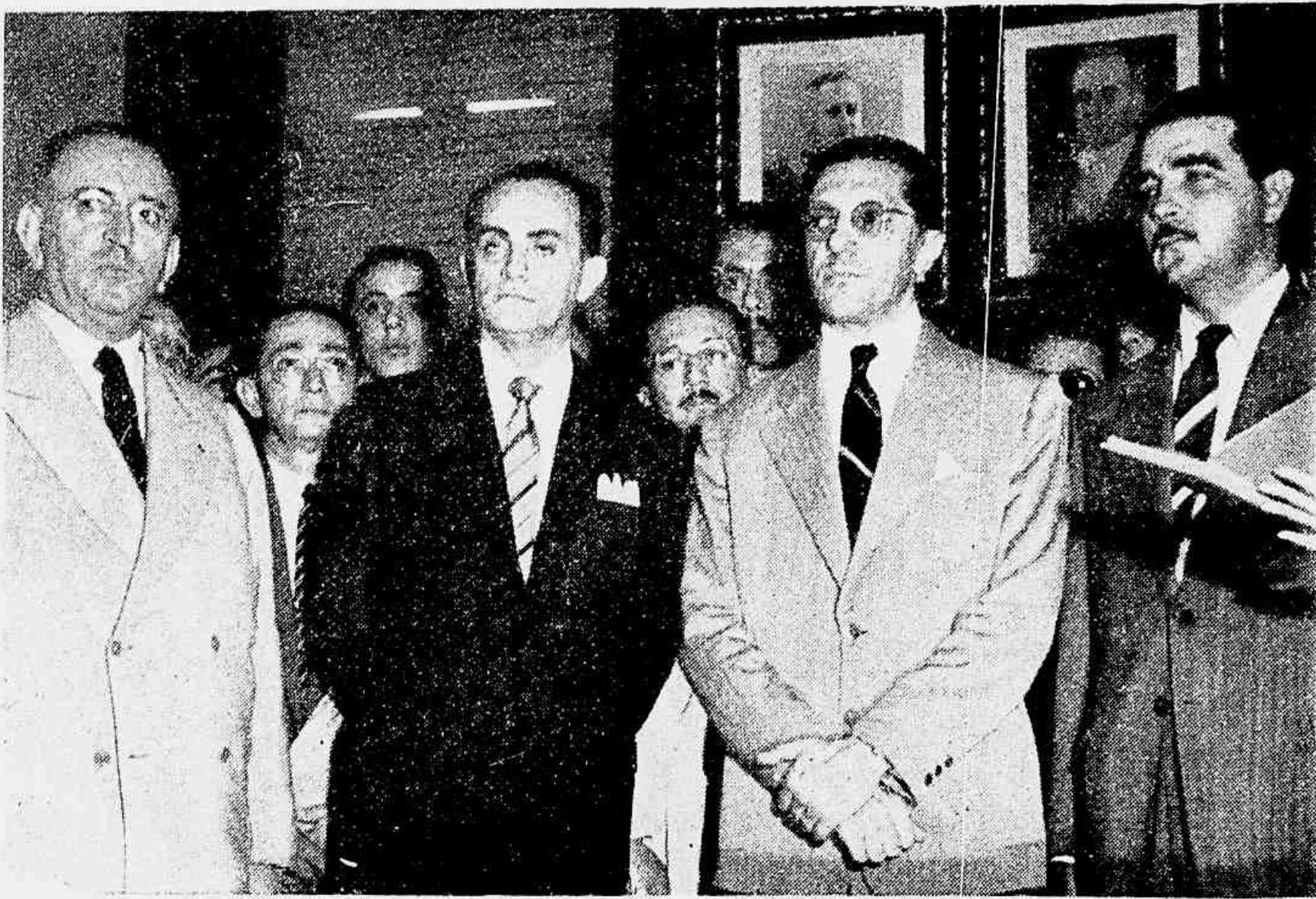
Um rádio portátil que
dispensa a substituição de baterias!

— O primeiro e unico automaticamente recarregável!

A mais notável característica do novo rádio portátil G. E. de 5 válvulas para recepção em ondas médias, é a extrema facilidade de carregar automaticamente seu proprio acumulador sem que seja preciso substituí-lo. Equipado com todos os aperfeiçoamentos G. E., inclusive o famoso alto-falante "Dynapower", este modelo lhe oferece entretenimento durante 20 horas consecutivas sem recarregar. No lar, basta ligá-lo a uma tomada de corrente para que o seu acumulador se carregue automaticamente sem qualquer interrupção do programa que se esteja ouvindo.

O RÁDIO EM MALÉTA INTEIRAMENTE DE ALUMÍNIO.
VÁ VER E OUVIR HOJE MESMO O NOVO RÁDIO PORTÁTIL G. E.

GENERAL  ELECTRIC



O SR. ALCIDES CARNEIRO NA PRESIDENCIA DO I. P. A. S. E.

ESTES flagrantíssimos foram apanhados no Palácio do Trabalho, nesta capital, por ocasião da posse do Sr. Alcides Carneiro, recentemente nomeado Presidente do Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Servidores do Estado. Na primeira fotografia, acima, vemos, da esquerda para a direita, o Sr. Morvan Figueiredo, Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio; o novo Presidente do I. P. A. S. E.; e Sr. Samuel Duarte, Presidente da Câmara dos Deputados e o Sr. José Joffily Bezerra, Deputado Federal pelo Estado da Paraíba. O outro aspecto fotográfico é uma vista de conjunto da solenidade, que contou com a presença de grande número de funcionários, elementos de todas as classes sociais, conterrâneos, amigos e admiradores do Sr. Alcides Carneiro.



A MALDIÇÃO DO ARTISTA

(Continuação da pág. 48)

me embora. Quero sair daqui correndo. Quanto mais depressa melhor. Sem poder pensar nêlo que farei? Como poderei arrancá-lo dos meus pensamentos?, se durante tanto tempo ele foi o senhor absoluto?... Que ingênua fui em acreditar em promessas de artistas! Eles devem ser os mais temíveis mentirosos! Acostumados a encarnar diversas personalidades no palco, mentem sem sentir na vida real. Eu não sou a primeira que ele enganou, nem tão pouco a última... Com tanta pessoa no mundo fui logo me apaixonar por uma que não me ligia. Bem que mamãe me disse que artista é só para ser admirado no palco... Vou tentar esquecê-lo. Tentar sómente. Quem quiser que me chame de sem vergonha por gostar de um homem que me despreza! Haverá alguém capaz de me explicar por que? Ninguém. Tenho de continuar amando-o secreta e silenciosamente. Sei que

vou sofrer, que não terei descanso. Talvez algum dia ele volte para mim. E' bem certo o ditado: "Enquanto há vida, há esperança"...

E a maldição tornou-se realidade...

OS HOLANDEZES RECONSTROEM A HOLANDA

(Continuação da pág. 34)

malária. Vinte-e-seis anos mais tarde se criou a Cruz Verde com os mesmos fins, e logo ambas as instituições semelhantes acabaram, se fundindo — numa só. Desde então se dedicam infatigavelmente a divulgar os princípios de higiene, de medicina preventiva e de puericultura entre o povo.

A Holanda se preocupou muito em reduzir a mortalidade infantil. Através de suas seções dedicadas a dar instrução prenatal e de métodos de aperfeiçoamento de lactação artificial, o governo logrou diminuir o índice de mortalidade de 13 para 6 criaturas, em cada cem nascimentos, durante o período de 1908-1928. Os médicos nomeados pelo governo se preocupam em atender constantemente

às crianças das escolas, enquanto que as sociedades privadas estimulam o cuidado médico na casa e nos banheiros da juventude. Todos os anos, milhares de macilentas crianças da cidade são enviadas para o campo pela Sociedade Central de Lares Infantis de Convalescência e Descanso.

Não obstante o problema maior da beneficência pública de Holanda é a tuberculose. O estado dá subsídios aos médicos que examinam as crianças de idade escolar, os operários e as amas de casa, a fim de descobrir os primeiros sintomas de enfermidade. Em todo o país surgiram numerosos sanatórios para pacientes e convalescentes de tuberculose. Zonnestraal, um dos mais famosos, oferece todas as facilidades aos pobres, já que a pobreza não é na Holanda, obstáculo para receber o melhor tratamento médico. Como resultado, a proporção de mortes por tuberculose foi somente de 8,86 por cada 10.000 pacientes na etnia 1928-1930, em comparação com 19,04 durante 1901-1905.

A tuberculose teve somente uma consequência boa e positiva: uma Lei da Vivenda que resultou na medida legislativa mais extensa que já se tenha aprovado neste setor. Já em princípios do corrente século, o Governo holandês se deu conta de que os arrabaldes sem sol do país embaraçariam os benefícios de qualquer número de sanatórios. Logicamente, a medicina preventiva mais eficaz era a de construir as vivendas mais saudáveis. Em 1935, já a Holanda havia erigido 220.000 casas novas com cômodos espaçosos, inclusive para os trabalhadores que não podiam pagar um aluguel superior ao de cinquenta cruzeiros por semana. Cada ano se demoliam cerca de 37.000 casas deterioradas para substituí-las por modernas construções. Quando os municípios ou os indivíduos particulares não podiam fornecer o dinheiro necessário, o estado ajudava a resolver o problema. Os conselhos municipais aproveitaram o êxito, e começaram a condenar edifícios, insistindo na ereção de outros novos.

Enquanto isso, a Holanda contemporânea começava a dar-se conta das possibilidades estéticas da Lei da Vivenda. A cidade e o campo holandeses adquiriram uma fisionomia moderna. A lei obrigou as cidades a criarem quarteirões agradáveis para sua crescente população. Floresceu uma geração de finos arquitetos. Os planos de J. J. P. Oud para Rotterdam e o Canto de Holanda estabeleceram normas elevadas na construção de casas baratas. Com o tempo, os arquitetos puderam fazer casas excelentes a um preço equivalente a pouco mais de 32.000 cruzeiros. E, o que é mais importante, aprenderam a aproveitar os espaços pequenos sem sacrificar lugares de recreio, jardins ou até as belas relações entre as árvores, as casas e a rua. Eliminaram os pátios interiores para que cada lar pudesse gozar de mais sol, e desenvolveram um estilo limpo, claro, e vigoroso que influuiu na arquitetura de todo o mundo.

A medida mais precisa da eficácia da Lei da Vivenda é dada pelo fato de que Amsterdam confiou desde 1900 sua urbanização aos arquitetos mais progressistas. Estes foram erigindo quarteirões sucessivos, que culminaram nos dois projetos gigantescos que fizeram famosa a cidade: o Zuud Amstel Kanaal e o Slotermeer. Nesses, os holandeses denotaram bom gosto, senso prático e preços módicos. Os planos de expansão do parque de Slotermeer, que era o plano mais grandioso do mundo, havia sido desenvolvido somente em parte quando o país foi invadido, mas o seu estilo já se tinha comprovado como sumamente prático. Sessenta por cento dos edifícios serão de mais de quatro pavimentos, deixando espaço necessário para os seus jardins modelo.

O alto nível de vida imposto pela Lei de Vivenda contribuiu para que o Governo holandês reafirme sua fé nas reformas sociais. Depois da guerra continua a ereção de edifícios mas o esforço terá de ser ainda maior, já o conflito agravou até o desespero o problema do alojamento.

AS BELAS-ARTES NA HOLANDA

Por temperamento, a pintura é arte peculiar dos holandeses. Estes têm o dom de ver os objetos mais humildes como formas organizadas no espaço, com valores tatis e cores coordenadas, algo mais que em função de percepções óticas a serem reproduzidas fielmente. Todos os pintores holandeses, — místicos, satíricos, românticos e clássicos —, participam desta faculdade.

Isto já era evidente no século XV, quando Jerome Bosch utilizava seu sentido da cor para acentuar o aspecto duro e satírico da vida holandesa. Bosch se deleitava no macabro e no exêntrico, fazendo de suas telas súplicas estridentes em favor da reforma social. A mesma destreza na textura e no tom vincula Bosch com Geertgen tot Sint Jans. Este se dedicou à pintura de temas religiosos, e aproveitando seus protótipos como modelos, produziu, num marco bíblico, uma versão prematura dos grandes retratos que haviam de aperfeiçoar-se dois séculos mais tarde.

Lucas van Leyden, mestre do século XVI, deu aos seus patrocinadores um tipo de quadro para suas paredes: cenas de jogadores de xadrez e de advinhos que eles conheciam na vida cotidiana. Abriu o caminho para a grande pintura de costumes de Vermeer, no século seguinte.

Vermeer se preocupou principalmente com a cor, com a interrelação das texturas, com o caráter intrínseco das coisas que pintava. Ao recriar o jogo de luz sobre um jarro, ou a cara de uma mulher numa janela, encontrou a beleza quasi absoluta.

Rembrandt van Rijn, seu grande contemporâneo, também pintou cenas de lar, mas sua intenção era revelar a condição espiritual de seus modelos melhor do que o efeito de uma luz serena e fresca sobre os objetos. A obra de

(Continua na pág. 54)

FEMININAS

CONTROLE AUTOMÁTICO ELÉTRICO NAS COZINHAS

LONDRES — Para satisfação das donas de casa, o controle automático elétrico que até agora se havia usado exclusivamente na indústria se aplica, agora aos aparelhos de uso doméstico. Os novos fornos elétricos, os esquentadores, as pranchas, as máquinas de lavar as tostadoras as marmitas, os aquecedores e refrigeradores têm controle automático.

O termostato de controle opera de acordo com o princípio bi-metálico, em virtude do qual dois metais, com diferentes coeficientes de expansão, atuam sobre um comutador, fazendo-o funcionar no momento necessário.

É interessante advertir que o controle automático surgiu na indústria britânica de gás de iluminação, onde, devido às

flutuações na pressão do gás durante as horas de preparar a comida, se impôs a aplicação de métodos para obtenção de uma temperatura uniforme.

As donas de casa que possuem cozinhas controladas termostaticamente não necessitam de vigiar o termômetro, porque o termostato ajusta a temperatura de maneira uniforme ao nível desejado.

Bolo Baiêta

Conteúdo: 400 gramas de açúcar; 400 gramas de farinha de trigo; 100 gramas de manteiga; 2 côcos; 5 ovos; 1 colher, das de sopa, de banha; raspa de um limão.

Preparação: Batem-se muito bem os ovos com o açúcar e a

raspa de limão e em seguida acrescentam-se a farinha, o leite dos côcos extraído com 3 xícaras das de chá de água morna, a manteiga e a banha. Mistura-se tudo muito bem, põe-se em uma forma untada com manteiga e assa-se em forno regularmente quente.

Bolo de Areia

Conteúdo: 500 gramas de açúcar; 500 gramas de araruta; 500 gramas de manteiga; 1 cálice de conhaque; 3 ovos; 3 colheres das de chá, de fermento "Royal"; 1 colher, das de chá, de caldo de limão.



Preparação: Bate-se a manteiga até ficar como um creme e depois junta-se-lhe o açúcar e torna-se a bater. Adiciona-se-lhe então alternadamente uma colher das claras em neve, uma de araruta, peneirada três vezes com o fermento, uma das gemas e assim se continua, acrescentando-se por último o conhaque e o caldo de limão. Mistura-se tudo muito bem, põe-se em uma forma, untada com manteiga, e leva-se para assar em forno regularmente quente.

A VIDA DE BACH

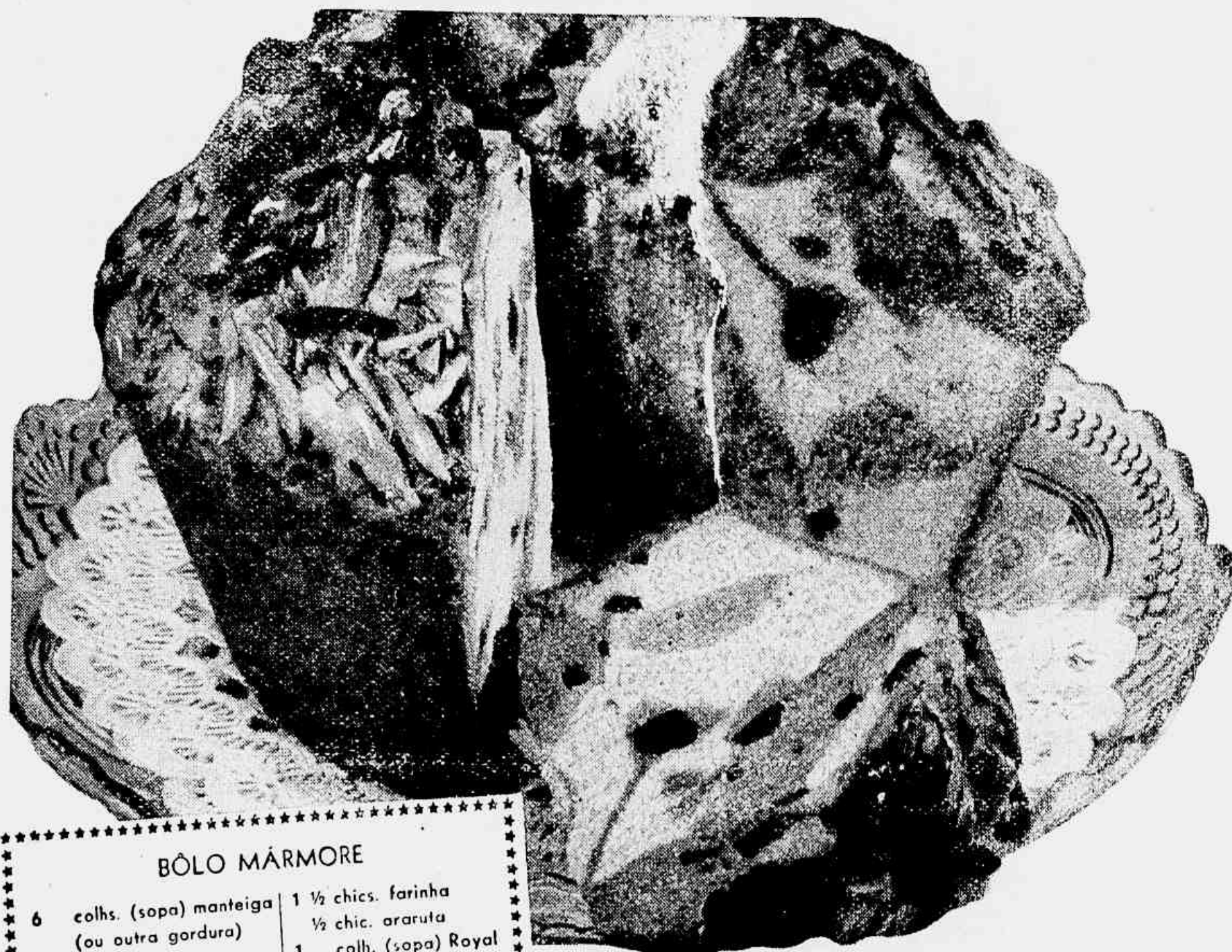
Europa acorriam estes para aprender o mistério de sua mágica técnica. Adoravam-no e porfiavam em apanhar alguma coisa da perícia do mestre ao executar os exercícios para os dedos que este lhes dava. Era um velho e excêntrico pateta com um turbilhão de idéias novas. Fasinava-os, por exemplo a usar o polegar e o dedo mínimo no teclado como os outros dedos é violação de que nunca se tinha ouvido falar da maneira convencional de tocar as escalas. E com que surpreendentes resultados!

Mas era árduo trabalho essa constante utilização de toda a mão, com o pulso e o cotovelo mantidos sempre horizontalmente em relação ao teclado. Destarte, sempre que os alunos se cansavam de seus monótonos exercícios, Sebastian esboçava preludizinhos melódicos para que eles executassem à guisa de relaxação. De vez em quando, lançava mão de um dos seus estudos de técnica mais complicados e sobre ele fazia improvisações, numa espécie de devaneio. Depois ao terminar, "Você precisa aprender a tocar como eu, Christoph Transchel. Assim é que é". Assim de feito, é que era; mas que poderia fazer um pobre diabo de aluno com um louco que improvisava em claves completamente estranhas ao ouvido humano e que saltava de uma clave para outra dispendente, sem a menor pausa na torrente de sua melodia?

Sem embargo, havia quem o compreendesse. Os filhos por exemplo. Johann Sebastian e Karl Emanuel, dois rapazes que tinham herdado a loucura que habitava o sangue do pai. Não era, pois, para admirar que se quisessem tanto, esse pai e esses filhos. Costumavam sentar-se na saleta de visitas e quedavam-se, por largo espaço, a cantar intermináveis corais. Ou então cada um deles tocava de um instrumento e improvisava um tema em harmonia e contraponto, confundindo-se com os outros numa salva orquestral de música. Enquanto aos outros membros da família, estes também tinham parte do círculo encantado de compreensão musical. As próprias letras do seu sobrenome, B-A-C-H, formavam uma sucessão melódica.

Família de estranhos talentos e nervos sensitivos, esses Bachs. Especialmente Papai Sebastian. Quando alguém sente a música com profundidade, com demasiada profundidade, força é que se mostre irritado em relação a esses organistas profissionais, cujas notas desajeitadas são ouvidas tantas punhaladas no coração da gente. Fôra impossível não atirar a pedra na cara deles e dizer-lhes que deviam ser sapateiros em vez de músicos. E eis ainda por cima, dava à gente a impressão de ser um velho maníaco intratável. Velho maníaco intratável! Que poderiam esses parvos compreender no instante a superioridade da visão alheia? A gente sentia-se ao órgão ao mesmo tem-

(Continua na pág. 55)



BÓLO MÁRMORE

- | | |
|---|----------------------|
| 6 colhs. (sopa) manteiga (ou outra gordura) | 1 1/2 chics. farinha |
| 1 1/4 chics. açúcar | 1/2 chic. araruta |
| 1 colh. (chá) essência | 1 colh. (sopa) Royal |
| 3 ovos | 1 colh. (chá) sal |
| | 1/2 chic. leite |

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire junto 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os, aos poucos, à massa alternados com leite, batendo sempre. Coloque 2/3 da massa na forma untada. Misture ao restante uma pasta feita com 2 colhs. (sopa) cacau com água. Ponha a mistura às colheradas sobre a massa na forma, mexendo só um pouco para obter um efeito de veios de mármore. Use forno regular cerca de 50 minutos.

Faça Bolos...

...e seus filhos pularão de alegria!

As crianças adoram bolos... E dêsse modo, dando-lhes alegria, a senhora ainda enriquece a alimentação de seus filhos! É claro! Vale a pena fazer bolos! E a senhora ficaria esperando esta ou aquela data se desde já soubesse que, com bolos, seus filhinhos viveriam numa alegria permanente? Para garantia do êxito utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança e de qualidade, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC. RIO DE JANEIRO



GRÁTIS!

Peça hoje ao seu fornecedor um "Cartão-Royal" com as instruções para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Ou escreva para: Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro.



Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

OS HOLANDEZES RECONSTROEM A HOLANDA

(Continuação da pág. 52)

Rembrandt tem o impacto e a tensão de um drama cujas ilações tenham sido completamente desenvolvidas. Isto o conseguiu ao reforçar a magnitude de suas figuras mediante uma habil distribuição da luz, situando-as para tanto exatamente no lugar que lhes competia. Seus retratos psicológicos, suas paisagens, suas cenas bíblicas e alegóricas o situam no pináculo da pintura holandesa.

No século XIX, os Países-Baixos produziram pintores tão distintos como Josef Israels e Vincent van Gogh. Israels recolheu em suas telas o patético da vida que o rodeava, aumentando constantemente sentir com sua atitude romântica. A intensidade de emoção de van Gogh se expressou em suas vigorosas pinceladas, e em sua cor dura e autêntica. Sua pintura é violenta e poderosa, disciplinada somente por sua capacidade de sentir o tom e a forma que eram parte de seu patrimônio holandês.

HOMENS DE CIÊNCIA E FILOSÓFOS

Na Holanda sempre houve homens de ciência e de letras que influíram no mundo. Seria impossível mencionar todos os nomes ilustres, mas entre eles recordamos especialmente a Geert Groote, místico do século XIV. Predicava o retorno ao cristianismo fundamental, que, segundo ele, a Igreja mundanizada havia esquecido. Através das escolas que fundou, e dos estudos minuciosos de seus seguidores, ajudou a provocar um Renascimento Cristão na Holanda. Tomas à Kempis estudou numa das escolas de Groote, e escreveu depois a Imitação de Cristo, o grande livro devoto somente superado em circulação pela Bíblia. No século XV nasce Erasmo, o maior dos humanistas. Também ele quis que a Igreja voltasse aos fundamentos do cristianismo. Devido à sua atitude liberal e acolhedora de todo pensamento, Erasmo contribuiu muito para criar uma atmosfera de tolerância religiosa que mais tarde faria da Holanda um asilo para os perseguidos. Dirk Volkertszoon Coornhert, continuou a obra de Erasmo no século XVI, defendendo a liberdade religiosa, apesar das perseguições e encarceramento. Fez excelentes traduções de Cícero, Seneca e Boécio e fez com que alguns pensassem que os autores clássicos "pagãos" estavam tão próximos de Deus como os cristãos. No século XVII, Hugo Grocio colocou a pedra angular do direito internacional com suas obras "A Liberdade dos Mares" e "De Jure Belli ac Pacis". Abri-gou a esperança de reunir as nações cristãs em discórdia sob o espírito liberal de Erasmo e Coornhert.

Erasmo de Rotterdam é sem dúvida alguma o maior humanista do Renascimento, defensor dos valores da liberdade e da dignidade do homem diante do apaixonado extremismo que caracterizava o conflito religioso de seu tempo. O maior filósofo holandês foi Benedictus de Spinoza, monista que desenvolveu um sistema racionalista e mis-

tico em filosofia. A liberdade religiosa recém-lograda na Holanda tornou possível a Spinoza reter a sua liberdade, embora seus pontos de vistas tivessem sido condenados como heréticos. Apesar de ter sido excomungado, permitiu-se-lhe escrever suas grandes obras. O mais conhecido dos poetas é Joost van den Vondel, que escreveu poemas líricos e finos dramas do tempo senequista. Por ter sido essencialmente um homem do povo, Vondel é capaz de prender a atenção dos públicos futuros, pois suas obras evidenciam qualidades eternas de fé e entusiasmo. De origem humilde, também foi Antonie van Leeuwenhoek, que descobriu os primeiros micróbios com um microscópio. Explorou o olho humano e descobriu a causa pela qual os cristais de diferentes formas modificam a visão. Tudo o que podia observar com seu instrumento — a água, — a pele, o leite — caiu sob sua lente. Sua infinita paciência permitiu-lhe estudar com precisão os "bichinhos" como ele chamava aos seus micróbios. O grande astrônomo, matemático e físico do século XVII foi Christian Huygens. Formulou a teoria da luz, base para todas as aplicações da ótica ondulatória até que a teoria de Plank sobre o "quantum" eliminou a discrepância entre a teoria corpuscular e a ondulatória. Sua devoção apaixonada pela ciência não pôde ser modificada nem pela guerra nem pelas considerações pessoais. Sustentava: "O mundo é minha pátria; fomentar a ciência minha religião".

Um precursor no campo da engenharia hidráulica foi Jan Adriaansz Leeghwater. Começou como ebanista, mas não tardou em fazer-se famoso na Holanda por seus projetos de recuperação de terras. Seu gênio inventivo construiu com facilidade os moinhos de água, relógios e carrilhões. Fez até um escafandro com o qual submergiu, permanecendo sob a água três quartos de hora.

Suas grandes obras de engenharia foram tão respeitadas que seus planos para recuperar a terra do enorme lago Haarlemmermeer, entre Haarlem e Amsterdam, permitiram realizar a obra duzentos anos depois de sua morte.

DELÍRIO NUMA SEXTA-FEIRA À TARDE

caça-dote, então, foi um insulto banal. O pai nervoso, olhando os móveis à espera dos compradores; "só mandando dar uma surra naquele tipo". Ao juntar Marina chorava: "não sei porque tá todo mundo contra mim. Vou m'em-bora..." Batia o pé, batia, deixava a comida no prato e ia chorar na varanda: "Qualquer dia dessas vou m'em-bora", repetia, e fôra. Uma noite — me contou sorrindo — a tia chegou, veio de mansinho: "Porque tá chorando, menina?" Respondeu que não era nada, depois falou umas bobagens sem sentido, o nariz da velha parecia um bico de ave má, não adiantava explicar: "Você vai acabar é se casando com ele".

Durante as aulas ficava perdida, os olhos jogados num ponto vago, dúvidas em seu cérebro: "Gosto ou não gosto dessas brigas, desse inferno, de viver assim em sobressaltos? Não gosto e pronto, vamos acabar com a brincadeira". Aí é que ficava zangada: "Tire a mão de meus cabelos", dizia. Nada havia de sensato ou muito certo, me sentia muito mais homem quando Marina perguntava: "Você não tem vergonha de me beijar assim na vista de todo mundo?" "Soltava uma risada e um não muito rápido, até que sua zanga me invadisse também, no dia seguinte procurava Célia e contava tim-tim-por-tim-tim, fantasiando um pouco, era apenas desejo de ressaltar os fatos mais importantes daquela longa história. Célia ouvia tudo e falava: "Continuo a entender menos essa geringonça de vocês", eu não sei porque não falávamos a mesma língua, e ia beber para me libertar da consciência de que estava errado, também Marina não se importava, tinha a certeza de que no dia seguinte o mundo não se acabaria nem nós tão-pouco. Somente é que meus atos ficaram, semana a semana, mais incompreensíveis. Marcávamos encontros e não íamos, desejo de espezinhar o outro, ou criar novos destinos, todos os roteiros fechados implacavelmente, somente a cabeça estalava dentro da noite, duas horas da manhã ia entrando em casa e corria depressa para apanhar o bonde vazio. Fumando sozinho pelas ruas ou palestrando com as sombras dos postes. Se tivesse dinheiro bastante voltava para o engenheiro nesse momento mesmo, metia os pés na bagaceira, não haveria limitações: isso é proibido, não se pode fumar, não jogue papel no chão, o cavalo correndo pela campina, rios ou as pontes de madeira, sol escaldando ao meio-dia, pássaros que se escondiam nas sombras e nem vestígios de Marina. Liberto. Inteiramente livre se Célia não me convidasse: "vamos bater um papo?" Sentávamos na amurada e ela começava o interrogatório. Chorava

mansinho quando tinha os seus aborrecimentos. Não se explicava: era assim, muito sossegada, apenas tentando resolver os problemas alheios que os seus seriam insolúveis e tinha que animá-la, fazê-la sorrir quando a ideia do suicídio voltasse: "Para você deixarei meus livros e meus diários, quero que escreva um romance bem bonito com eles".

○

Foi quando Marina partiu que começaram a dizer, "você tá se acabando, tá magro que nem esqueleto", os conselhos eram simples e primários, trabalhe menos, beba menos, não faça farras, o médico muito carrancudo citava nomes estrangeiros, esgotamento físico e nervoso, metendo Freud em minha vida, complexos, recalques, além de tudo ficava imponente: "Frustrações, meu amigo, frustrações. Precisamos combater-las e passe aqui amanhã".

Nunca mais passei, não podia ouvir aquelas lenga-lengas de sempre, quero paz, senhores, descanso. Nem cigarros nem aspirina, apenas não permitam que existam bolinhas verdes penduradas em minha roupa, pulando no chão, e deixem que minhas mãos fiquem comigo, imóveis, obedecendo à minha vontade. Ficaram todos espantados porque escrevi cartas a Marina e a Célia, os diabinhos se inquietavam: "Vamos acabar com essa pantemima sórdida de amor?". Acabava e dormia tranquilo, de manhã começava a trabalhar, era como se nada tivesse acontecido. só pelas três horas da tarde é que a febre lançava um véu espesso entre minhas pupilas e a luz, bebendo um copo de água gelada melhorava. Foram as chuvas e os ventos que trouxeram aquela dor aguda para a testa. Jamais ela me abandonou, nem mesmo quando Marina passava a mão pelos meus cabelos: "Tá melhor agora? Diga que está que eu fico alegre..." Não sei o que respondia pois Marina chorava e seu choro não era calmo como o de Célia, mas convulso, irritante, fungava o nariz muitas vezes, eu achava uma graça enorme quando ela pedia o lenço e dizia:

"Não quero usar o seu, não quero..."

○

Restou a música. Sons descontraídos, semifusas vermelhas e sustentados azuis. Bombos, tamborins e pandeiros, como macumba de negro. Estava era ficando doido. Todavia os diabinhos tomaram férias e me convenci do contrário.

Andava, comia, até escrever escrevia. Só não podia conversar, pois a música atrapalhava as palavras e ninguém compreendia os sons que saíam de minha garganta. Nem Célia que balançava a cabeça, punha os cabelos rebeldes no lugar e não ouvia absolutamente as pancadas das zabumbas nem o grito estridente do pífano. Potentados e cientistas me visitaram nessa época, tinham sigilosas conferências comigo e resolvíamos o futuro do mundo e dos seres. Uma noite me aborreci com aquele excesso de intimidades, dois Napoleões apareceram de uma vez só e rompi com os espíritos. Só o mundo material me interessava, afinal de contas as pedras e as árvores são tão sábias como os deuses criados pelos homens, e mesmo muito mais lúcidas que as pessoas que vão ao cinema ou tomam sorvete, bastante complicadas em suas atitudes e gestos.

○

Ninguém me responde, nenhum olho assustado me fita, o rosto de Marina era apenas uma mancha de tinta na parede e as lágrimas de Célia pingos de chuva escorrendo na vidraça. As melodias foram se integrando no barulho cotidiano da cidade — gritos de meninos, apitos de guardas, carroças puxadas por burros sonolentos, carros, bondes, blocos carnavalescos —, os diabinhos saíram pela clareira e foram para o telhado só minhas mãos é que estão longe de mim, passeando na chuva, posso vê-las agora distintamente sob minha janela me acenando, andando de um lado para outro, sem poder atravessar os vidros.

Talvez eu abra o postigo para que elas entrem. Mas, como poderei mover as chaves e ferrolhos se meu corpo está dentro do quarto e minhas mãos estão na rua, separadas de mim pelo vidro molhado?

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA BRASIL

manha era a boa vontade de todos que o espírito geral era o da mais absoluta harmonia. Cada opinião individual constituía importante contribuição à mútua compreensão da família inteira. Ao cantarem os seus corais o princípio era o mesmo. Cada voz improvisava livremente a própria melodia, e todas as vozes se confundiam numa unidade condescendente.

E foi este precisamente o princípio que ele aplicou à harmonização de suas composições. A aspiração ascendente do homem — a ascendente aspiração da música. Mas enquanto o homem permanece em terra, embaraçado em sua ascensão pelo teto horizontal da própria mortalidade, há de a sociedade que ele habita ser livre harmoniosa e democrática pois somente na beleza da variedade reside a unidade verdadeira. Tal era o espírito do organista compositor ao escrever as suas cantatas religiosas e a sua música da Paixão. Pois esse músico, ao sentar-se diante do seu instrumento encantado, falava diretamente ao homem comum através da linguagem

universal de seus prelúdios e de suas fugas. "Quero demonstrar ao mundo, na arquitetura da minha música, a arquitetura da uma nova e bela comunidade social. O segredo da minha harmonia! Só eu o conheço. Cada instrumento em contraponto, e tantas partes contrapontísticas quantos instrumentos existirem. A autodisciplina iluminada das várias partes — cada qual se impondo voluntariamente a si mesma os limites de sua liberdade individual para o bem-estar da comunidade. Tal é a minha mensagem. Nem a autocracia de uma única e teimosa melodia, de um lado nem a anarquia de ruídos desentreados de outro. Não — um delicado equilíbrio entre ambos — uma liberdade esclarecida. A ciência da minha arte. A arte da minha ciência. A harmonia das estrelas no céu, o anseio de fraternidade no coração do homem. Tal é o segredo da minha música".

IV

O corpo gasto, os olhos fraquejantes, a cabeça inclinada sob o peso do ses-

A VIDA DE BACH

(Continuação da pág. 53)

que milhares de outros, não sente as coisas, mas que permanece as coisas néscias que sentem aqui com os pés pregados à terra e lançam um olhar horizontal e fixo às paredes vazias que têm à sua frente. A mente faz o mesmo, também de princípio. Um belo dia, no entanto, um pensamento estranho nos perturba e tudo, então, surge claro como o dia. O homem não deve apenas olhar fixo ante si, senão para cima também. Não, são, acaso, as igrejas todas as igrejas para rebrirem ao sol? O próprio plano da vida — pois vivemos em pé direitos sobre as pernas — é todo ele de linhas verticais. Assim também há de ser a música. Da mesma forma que a criança ergue o corpo, buscando a direção paterna, assim também deve a melodia que cantam os mens elevar-se para o alto, sempre para o alto. As notas sobem as escalas, repem as vertiginosas oitavas e em seguida, deitam-se delas abaixo para tomar o chão. A estrutura da música, como a arquitetura das igrejas, há de obedecer às leis de ascensão e descensão. A melodia cumpre fazer uma estrada que ligue a terra aos céus e os céus à terra. Quando um grupo de notas enceta a sua jornada ao longo da estrada, prepara-se um segundo grupo para seguir-lhe a estrada. E tanto que este segundo grupo não a caminhar, preparam-se para acompanhá-la por seu turno, um terceiro grupo. E a qualquer momento, as linhas eternas e periódicas subidas e descidas encontram-se, nas várias etapas da jornada, exercitinhos de notas, para subir ou a descer, prestes a tomar pela estrada novos destacamentos na gloriosa jornada. E pôsto que cada destacamento cumpre a caminhada partindo com perfeita pontualidade do ponto final — isto precisamente no horário marcado e em intervalos iguais — algumas das linhas mais impetuosas alcançam as mais altas de sorte que se estabelece um constante movimento de misturas e separações para baixo e para cima das notas. Escapadas e perseguições, capotes e escapulas — origem das fugas de Sebastian Bach.

Se não havia, não se contenta em deixar as coisas desse jeito. É-lhe preciso achar para que não haja confusão a discórdia nessa sucessão e interperção constantes de sons. Não de deixar as notas umas com as outras em perfeita harmonia.

Se era essa a palavra — harmonia. Como conseguilo? Aqui aproveitou o organista a própria experiência. Quando os numerosos membros da família se reuniam, aos domingos, para as visitas conversavam e cantavam bastante. Cada qual tinha o seu grupinho próprio de idéias e expressões, corajosamente, diante dos outros. Ninguém que desejasse falar impedito de fazê-lo. Tinham todos a liberdade de exprimir-se à vontade. Em parte das vezes, contudo, faziam diversos ao mesmo tempo. Mas ta-

O SABONETE IDEAL PARA O BANHO!

VALE QUANTO PESA

RIO

Beijador

● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

Beijador

Mitigal



CABELLOS BRANCOS

CASPA Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Carapoz
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA PARTE



Ginosedol

O "REMÉDIO
DAS SENHORAS"

senta e cinco anos, não lhe era possível, mesmo assim, acreditar no fim próximo. Havia tanta coisa ainda que fazer! Outro coral para escrever, outro concerto entre fuga. Já agora, no entanto, lhe falecia quase de todo a vista. Via-se obrigado a citar a sua música. "Das profundidades do abismo chamei por ti, Senhor". O derradeiro brado. Depois, o silêncio.

Mas ele estava contente. Fizera um bom serviço. Aos trinta e oito anos de idade alcançara o auge de suas faculdades criadoras. Escrevera a **Paixão segundo S. Mateus** e a **Paixão segundo S. João** — tremendos dramas musicais em que pintara os sofrimentos do Cristo. Existia, antes dele a música da Paixão, assim como existira, antes de Esquilo a tragédia grega — simples cânticos cristãos e cores populares gregos. No entanto, Bach, à semelhança de Esquilo, transformara essa tradição popular heterogênea de arte. E aquela portentosa **Missa em Si Menor**, dedicada ao rei católico da Polónia! Sim, ele servira bem a Deus com a sua música. Duzentas e composições para órgão, prelúdios, fugas, cantatas para orquestra e cânticos e concertos para instrumentos de corda e de sopro. E a sua música, como ele mesmo, fora sã, despresticiosa e devota. Simples como o canto dos pássaros ao sol que nasce ou que morre.

Agora, após um dia tranqüilo, a tranqüilidade da noite. Morreu rapidamente, de um insulto apoplético. Foi enterrado no cemitério de São João para ser esquecido por mais de um século. A **Crônica de Leipzig** estampou o seguinte laconismo obituario:

"Faleceu a 28 de julho, às oito horas da noite o deuto músico, Herr Johann Sebastian Bach, compositor de S. Majestade o rei da Polónia, chantage das cortes de Gothen e Weissenfels, regente e chantage da escola de S. Tomás".

Isso foi tudo. A junta administrativa da cidade expressou breves condolências. "Herr Bach era um grande músico, sem dúvida mas nós precisávamos de um mestre escola e não de um regente musical". A viúva a cujo cargo ficara o fardo da enorme família, cedo esgotou as economias do marido. Transformada em objeto da caridade pública foi, depois de morta sepultada na vala comum. A música escrita por Bach jazia na obscuridade num armário na sacristia de São João. E sempre que um aluno de catecismo precisava de um pedaço de papel para embrulhar a merenda, ia ao armário e arrancava uma folha dos manuscritos de Bach. Enquanto que Ludwig van Beethoven compunha as notas imortais da sua **Quinta Sinfonia**, a última filha de Sebastian Bach vivia os derradeiros dias de sua vida num asilo.

"O velho era tão modesto que não conhecia sequer o próprio valor", observou um dos alunos que o admiravam, ao companheiro junto à sepultura do mestre. "É possível que vários séculos se passem ainda antes que o mundo se advirta da existência dele".

Do livro "Vidas de Grandes Compositores".

A VERDADE CONCERNENTE A PYECRAFT

(Continuação da página 29)

Repentinamente, compreendi que não era por um meio ordinário que ele se conservava, lá em cima, porém sim que flutuava, por assim dizer, como uma bexiga cheia de ar poderia flutuar na mesma posição. Então principiou a debater-se para se separar do tecto e descer ao longo da parede até junto de mim.

— Foi a... receita, — articulou ele. A sua bis...

Enquanto falava, agarrou-se mal à moldura de uma gravura e esta caiu abaixo. Ele tornou a subir de um salto, ao mesmo tempo que o quadro ia quebrar-se sobre o encosto de um canapé. Pyecraft bateu no tecto com um ruído surdo, e compreendi então a razão por que ele estava pintado de branco nas curvas e nos ângulos mais salientes da sua pessoa. Ele recomeçou com mais cautela, desta vez servindo-se da chaminé.

Era realmente um espectáculo extraordinário ver aquele homem volumoso e de aspecto apoplético, tentando, de cabeça para baixo, descer do tecto para o chão.

— Aquela receita... muito bom resultado, — murmurou ele.

— Como assim?

— Perda de peso... quase completa...

Então, como é de supor, compreendi.

— Com a breca, Pyecraft! exclamei, — o que o senhor queria era então um remédio contra a obesidade — Mas falava sempre no seu peso!

Sem saber porque, eu estava maravilhado. Nesse momento, eu experimentava de veras uma afeição ilimitada por Pyecraft.

— Permita que o auxilie, — disse-lhe, e, tomando-lhe da mão, puxei-o para baixo. Ele agitava as pernas em todos os sentidos, tentando tomar pé em qualquer parte que fôsse. Aquela figura fazia lembrar uma bandeira em dia de muito vento.

— Esta mesa, — implorou ele, indicando o movel com o dedo, — é de madeira massiça e pesadíssima. Si o senhor me ajudasse a meter-me em baixo dela...

Lá o instalei, e ele ali ficou como um balão cativo, enquanto conversávamos um com o outro, achando-me eu de pé em frente do fogão.

— Conte-me o que lhe aconteceu, — disse eu, acendendo um cigarro.

— Tomei a mistura.

— Que gosto?

— Abominável!

Todas as misturas obtidas pelas receitas de minha bisavó eram do mesmo género. A considerar os ingredientes componentes, o composto provavel e os seus resultados possíveis, todos esses remédios me haviam parecido muito pouco apetecíveis. Da minha parte...

— Tomei primeiro um pequeno gole... E, como, passada uma hora, me senti melhor e mais leve, resolvi engulir o resto...

— Meu pobre Pyecraft!

— Eu puxei as narinas, — explicou ele, — e então senti-me cada vez mais leve, e, a contragosto, como deve supor...

Inopinadamente, ele deixou-se apoderar de um acesso de cólera.

— Mas, com a breca! Que hei de fazer?

— Há uma cousa que me parece mais mais ou menos evidente e que o senhor não deve fazer, observei. — Si fôr lá fóra, principiará a subir, a subir, a subir... E agitei os braços na direção do céu. — Seria preciso enviar Santos-Dumont atrás do senhor para trazê-lo.

— Suponho que o efeito acabará por desaparecer. Eu sacudi negativamente a cabeça.

— Julgo que não se pode contar com isso.

— Então ele teve um novo acesso de raiva: atirava ponta-pés contra os móveis adjacentes e batia com os calcanhares no chão. Portou-se muito mal, como era de esperar de um homem corpulento e gordo, intemperante. Expressou-se a meu respeito e a respeito de minha bisavó em termos que careciam absolutamente de discreção.

— Mas nunca lhe pedi que tomasse aquela decoção, — objetei-lhe.

Desdenhando generosamente os insultos que ele me prodigalizava, instalei-me na sua poltrona e principiei a falar-lhe com voz tranqüila e amistosa. Expliquei-lhe que aquele incômodo fóra ele mesmo quem o atraía a si, incomodo esse que assumia o caráter de justiça compensadora. Ele comia em demasia... Confrontou este ponto e, durante um momento, discutiu com vivacidade. Chegou mesmo a tornar-se ruidoso e violento: por isso renunciei a expor-lhe a moral do seu caso.

— Depois, — acrescentei, o senhor cometeu o pecado de eufemismo. O senhor classificou o seu mal não como "obesidade", o que é inglorio mas exato, mas sim como "grande peso"... O senhor...

Ele interrompeu-me para dizer que admitia tudo isso. Mas que havia de fazer?

Emiti a idéa de que ele devia esforçar-se por se adaptar àquelas novas circunstâncias. Dêsse modo assentámos a parte verdadeiramente razoável da questão. Insinuei que não lhe seria difícil acostumar-se a andar com as mãos apoiadas no chão...

— Não posso dormir, — disse ele.

CUTIS

CANSADA

e sem viço



As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol.

Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo

HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

MENAGOL

REGULA!

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto das Laboratórios Alvim & Freitas

Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMÊNDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE

Iste não era um obstáculo invencível. Tornava-se perfeitamente possível, indiquei, improvisar-se um leito por baixo de um enxergão de tela de arame, pregando-se os colchões com largas correias e abotoando-se os lençóis, os cobertores e o resto de um dos lados. Sómente o indispensável era entrar em confidências com a sua governante... Depois de discutirmos um instante sobre esse ponto, ele adotou a minha opinião.

Dai em diante foi um encanto ver de que modo magnificamente natural a boa senhora aceitava todas aquelas surpreendentes inversões.

Poderia haver no seu quarto um grande banco e todas as suas refeições lhe seriam servidas nas prateleiras superiores da biblioteca. Imaginamos, além disso, um meio engenhoso pelo qual lhe seria possível alcançar o chão sempre que o quizesse, o qual consistiu em colocarmos os volumes da Enciclopedia Britânica (décima edição) nas prateleiras mais altas. Era-lhe bastante segurar em um volume por baixo de um braço e logo ia ter ao chão. Ficou combinado também que se mandaria pregar varios ganchos de ferro ao longo da base das paredes, de modo que ele se pudesse servir dêles, sempre que tivesse necessidade de qualquer coisa nas partes inferiores do aposento.

A proporção que iam organizando tudo isso, eu ia tomando maior interesse pelo caso. Fui eu quem chamou a governante e a pôs ao corrente do fato, fui também eu quem instalou quasi sozinho o leito às avessas. De fato, passei dois dias inteiros no aposento de Pyecraft. Sei perfeitamente manejar uma verruma, e combinei toda a sorte de engenhosas adaptações para ele; dispus um fio suplementar que o pôs em comunicação mais fácil com as campainhas, voltei em sentido inverso as suas lampadas elétricas e assim por diante. Todos esses trabalhos divertiam-me extremamente e era para mim uma delícia imaginar Pyecraft sob a forma de uma enorme mosca de açougue, rastejando pelo tecto e agarrando-se às portadas para passar de um aposento para outro... e nunca mais vindo ao club, nunca mais, nunca mais!!!!

Mas então o meu fatal engenho arrastou-me até muito longe. Achava-me sentado perto do fogão em casa de Pyecraft, bebendo o seu whiskey, e ele estava instalado no seu canto predileto, perto da cornija, pregando no tecto um tapete espesso, quando me ocorreu uma idéa subita.

— Irra, Pyecraft! Tudo isto é perfeitamente inútil.

E, antes de poder calcular as consequências completas daquilo que ia dizer, deixei escapar a minha idéa.

— Roupas de baixo feitas de chumbo! — exclamei.

O mal estava feito!... Foi quasi com lágrimas nos olhos que Pyecraft recebeu essa idéa.

— Só assim poderei recuperar convenientemente o meu equilibrio, choramingou ele.

Revelei-lhe todo o segredo, sem prevêr onde este procedimento me podia levar.

— Compre folhas de chumbo, — disse eu, — corte-as em rodela, mande que as toquem na sua roupa de baixo, até que a quantidade seja a sufficiente. Use calçado de sola de chumbo, tenha sempre consigo uma maleta cheia de barras de chumbo, e a peça está bem pregada. Em vez de estar prisioneiro aqui, poderá ir onde quiser, e até mesmo viajar...

Ocorreu-me uma idéa ainda mais luminosa.

— Não terá mais a temer os naufragios. Será-lhe-á bastante desfazer-se de algumas das suas roupas, ou mesmo de todas, mas conservando consigo senão o peso de conservar-se-á facilmente sobre as vagas...

Tomado de veemente emoção, ele deixou cair o martelo que passou rente ao meu nariz.

— Upa! — exclamou ele, — e poderei voltar ao club.

A sua exclamação aniquilou por completo todo o meu entusiasmo.

— Upa! — repeti eu. — Sim, naturalmente... poderá lá voltar!

E lá voltou. Lá costuma voltar. Está sentado atrás de mim neste momento, devorando uma terceira porção, pelo menos de bolo com manteiga. E ninguém do mundo, a não ser a governante e eu,

sabe que ele não pesa realmente coisa alguma, que ele não passa de uma massa de materia assimilatoria, uma simples nuvem vestida, niente, nihil, o mais imponderável dos homens. E vai ficar ali a observar-me, até que eu acabe de escrever isto. Então, se puder, agarrar-me-á na passagem, atirar-se-á contra mim como uma vaga...

Pela centesima vez, repetir-me-á a sua história, o efeito que aquilo produz e o que não produz, como às vezes lhe parece que aquilo vai diminuindo um pouco. E sempre, no meio daquele discurso abundante e gorduroso, aquela mesma recomendação:

— O senhor há de guardar o segredo, não é? Si alguém o soubesse... eu ficaria de tal modo envergonhado... isto dá uma idéa tão estúpida, compreende... Andar de rastos pelo tecto, e tudo mais...

E agora, trata-se de evitar Pyecraft que está em uma admirável posição estratégica entre mim e a porta da saída.

VIDA SIMPLES

recia haver-lhe falado sobre isso e que ela já estava de pleno acôrdo. Casariam e iriam para o rancho que a mãe deixara quando fôra desta para melhor.

Dizia-se nos comentários do baile (era sempre o mais gostoso de tudo para as velhas e para as mais moças, o dia que sucedia a uma festa como essa, mais gostoso até que os doces de abóbora e os assados de leitão) muita coisa sobre a Lindinha e as moças que tinha vindo da cidade.

A "sua" Manoela retocava o que a Dna, Mariana tinha visto.

— O melhor a senhora não pegou!

A exclamação tinha o seu tom de triunfo.

— Não me diga que houve mais!

As palavras vinha de volta repassadas de escândalo e admiração.

— Pois além de se agarrarem assim como estavam ele ainda botava a mão junto com a dela, bem pertinho do coração. Do coração ou não sei de que!

— Há de se moda do povo!

— Ora veja! No meu tempo o povo não era assim!

— Pudera! exclamava uma, ocultando na doçura da voz uma alfinetada.

A outra fazia-se de surda.

— E numa certa hora, quando as moças entraram na sala pra tomar um café, ela saiu com ele pro jardim. Eu bem que vi! Fôram lá pra ramada!

— Menos mal que tinha um lampião ali!

— Mas não foi praquela, cumadre, foi prá que tava no escuro!

E as velhas se entreolhavam aterrorizadas, quasi incrédulas.

— Mas pare que ela vai casá, surgia uma vizinha tímida como querendo atenuar aquêle estupor.

— Que casá nem casá! Puls intão tu não sabe. Não é cum êsse; é cum o seu Delegado!

E os cochichos continuavam de estância em estância, andando até na boca das empregadas, de onde, certamente, passavam para o galpão e de lá para os ranchos.

Esse baile fez época e os comentários demoraram, persistiram, que não havia outra coisa de que falar.

João porém, não ouviu nada. Não lhe interessava o que podia ter acontecido no baile do patrão, nem a bebedeira das moças do povo. Importava-lhe, e muito, as palavras tímidas que a negrinha Bituca disse quando ele propôs que fossem para o rancho da velha.

— Mas eu não tenho roupa, João! Não posso casá assim no mais, sem tê um trapo novo prá botá por cima nodia do casório.

— Vamos prá lá. Depois, quando tudo tivê arranjado a gente casa. Essa história de casamento e roupa nova é só prá rico. Quando se pudê se casa com padre e tudo. Pur inquanto isso passa.

— Bem... si tu quê...

— Intão no outro mês?

— Puis...

E o resto da frase ficou no encolher de ombros da mulata magricela. Ficou



Valorizando a nossa música popular

A "SOCIEDADE Brasileira de Autores, Compositores e Editores de "Música" (SBACEM), constituída pela fina flor dos compositores de música popular brasileira e dos grandes editores nacionais, é a primeira sociedade de autores que se constitui sem ficar na dependencia direta do repertorio estrangeiro para poder viver. A sua politica pende para a valorização do repertorio brasileiro no país e no estrangeiro e, nesse particular, a sua situação é digna de um registro especial porque, além da sua arrecadação no Brasil ficar, praticamente, nos bolsos dos nossos fazedores de melodias, ela mantém um vantajossissimo contrato com uma grande organização norte-americana, mediante o qual lhe é assegurada uma garantia mínimo anual de 30 mil dólares pelo seu repertorio brasileiro executado nos Estados Unidos. E' a essa organização que já se deve o sucesso internacional de "Aquarela do Brasil", "Baixa do Sapateiro", "Tico Tico no Fubá", "Bem-tevi atrevido" etc.; as viagens de Ari Barroso, contratado para escrever música em Hollywood e a importação frequente de artistas brasileiros como Laurindo de Almeida, Odor Odilon e outros que ali vão a serviço exclusivo da nossa música popular. E' ela, ainda, que está presentemente empenhada no desenvolvimento de um plano gigantesco em prol dos hits brasileiros no ambiente americano. A SBACEM dirigiu, há pouco, ao deputado Prado Kelly, um telegrama pleiteando a promulgação de uma lei que torne obrigatória, em todo o Brasil, a execução de 2/3 de música brasileira nos estabelecimentos de diversões; que elimine a clausula de exclusividade dos contratos de gravações de discos e que estabeleça a proibição da importação de matrizes de música estrangeira. E', como se vê, uma sociedade onde o compositor brasileiro terá a sua obra duplamente valorizada.

F. CORRÊA DA SILVA



PERDOA, MEU AMOR

Canção de Georges Morán e J. G. de Araujo Jorge.

Gravação de Orlando Silva

Meu doce bem,
Bem junto a ti confesso
Que sempre sou feliz;
Tu podes crer,
Meu grande amor,
Não penses, eu te peço,
Que em um só momento
Eu possa te esquecer.

Perdoa, meu amor!
Culpado eu sou, bem sei;
Perdoa, meu amor!
Os males que causei.
Perdoa, meu amor!
Por tudo que hoje eu fiz,
Te fiz chorar e até penar
Que és infeliz.
Perdoa, meu amor!
Se volto tarde assim.
Perdoa, meu amor!
Que importa de onde eu vim.
Perdoa, meu amor!
Porque tu sabes bem
Que a minha vida é tu
É mais ninguém.

THAT'S WHERE I CAME IN

Fox de Charles Tobias e Peter De Rose

You were lonely
That's where I came in.
I was lonely
That's how dreams begin.
It was more than a moment of bliss;
It's the first time I ever knew
Two hearts could kiss.
When your eyes
Gave me the "Welcome" sign,
Something told me
Some day you'd be mine.
The door of love was open
As I was passin' by
And that's where I came in.

ROSES IN THE RAIN

Fox de Al Frisch, Fred Wise e Frankie Carle

Wyen raindrops glisten
Why sit and listen
Behind our window pane?
Let's stroll out yonder
So we can wander
Thru roses in the rain.
We'll watch the showers
That kiss the flowers
Perhaps we'll do the same
And I am hopin'
Your heart will open
Like roses in the rain.
Want' we be a lucky girl and fella
We'll never care how dark it seems
When we're trading in tan old umbrella
For a million bright new dreams.
Before the rain goes
We'll look for rainbows
That bloom in lovers lane
Till sunlight settles
Upon the petals
Of roses in the rain.

IT'S DREAMTIME

Do filme da Universal "I'll Be Yours"

Fox de Jack Brooks e Walter Schumann

It's dreamtime!
Let's put our hearts together.
It's dreamtime!
Let's look ahead together as people do.
Folks like me,
Folks like you,
These in love,
It's dreamtime!
We'll find our future in it.
It's dreamtime!
Don't waste a precious minute;
It's time for me,
Time for you,
To make all this dreaming come true.

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIA /**



**DÔRES /
DE CABEÇA**

TRANSPIROL

no movimento despreocupado e no beijo forte que lhe deu o João.

Que boquinha bôa! lembrava João. — "Casá cum miúé assim é que vale a pena!"

O mês de Janeiro custou a passar. Parecia até de propósito! Chegou Fevereiro, abafado, enchendo o céu com a fumaça dos campos queimados por um descuido, secando as sangas, emagrecendo o gado, enchendo tudo de tristeza.

— Não, João, tem paciência! num mês assim eu não caso. E' bem capaz da vida da gente sê depois como êsse mês desgraçado, cheia de tristeza e de morte. A mãe sempre dizia que deve de se escolher um dia bonito, quando o campo seje bem verdinho e as aguadas tejem cheia, que é sinal que a vida da gente vai sê boa.

— Ora, deixa de coisa. Intão tu acredita nisso?

— A mãe sempre dizia...

— Pois vô te mostrá como a tua mãe tava enganada. Amanhã tu junta o que é teu e vamo pro rancho. Esperá eu não espero mais. Falo com o seu Belmonte, arrumemo as conta e pronto!

— Mas!...

Não poude continuar porque João não deixou. Agarrou-a nos braços e apertou com força o seu corpinho magro e moreno. Murmurou no seu ouvido coisas que ela nunca ouvira dizer.

— Intão tu não me quê mais, nega bonita da gente? Tu não-que morá cumigo, nós dois, só, e depois intão os negrinho chegando?

E deu-lhe um beijo quente no pescoço que a fez estremecer. E depois na boca, nas faces, como uma loucura que se apoderasse d'ele.

A Bituca fez força e escapou-se de seus braços.

— Tu até me assusta, João! E se a dona Linda me pega aqui aos bêjo contigo? Nós não sêmo casado ainda.

— Não importa, se eu gosto de ti.

E dando um passo para frente agarrou-a de novo.

— João, me solta!

— Só se tu promete que amanhã nós vamo pro rancho.

— Não me aperta assim que amanhã eu vô ficá tôda doída.

— Intão?...

— Vamo!

— Ô nega bonita, seu! Vai arrumá tuas coisa.

Quando saíram da estância os peões ainda estavam na mangueira escolhendo os cavalos para a muda e as moças da casa dormiam a sono solto. Despediram-se unicamente do seu Belmonte e de dona Linda que sempre foram muito bons para eles.

Aroteada não foi longa porque, indo por dentro do campo o rancho ficava perto. O patrão havia emprestado a chave da internada dos fundos e ainda não era meio dia quando encheram o ranchinho encolhido no meio dos cinamomos amarelados.

Mesmo com a seca a vida não era tão ruim. A Bituca continuou com o lavado de roupas da estância, que dentro do mato havia um veio forte de água cristalina, e João dedicou-se a cuidar das vaquinhas que haviam ficado ao Deus dará no campo pedregoso, coberto de capim ralo e tostado de sol. Só quando havia rodeio para o banho e para o sol é que João ia buscá-las. O patrão, mesmo, dera a idéia. Agora era tratar de engordá-las e pedir para o seu Belmonte que deixasse uma nem que fosse, lá no plantel, prá pegar cria do Cezar. Tam-

bém algum serviço que aparecia, doma, rodeios, marcações, João não regeitava.

O arado velho e enferrujado voltou para o serviço e a terra foi melhorando de ano para ano. Já dava bastante aveia num cantinho onde não havia pedra, coisa que nunca a velha lembrara de plantar, e o milho as caturras não comiam mais porque os eucaliptos onde elas faziam ninho foram postos abaixo para renovar o aramado da divisa e o que dava para o corredor. Uns carreteiros preguiçosos haviam roubado várias tramas para servir de lenha e nunca se lembraram de repô-las.

Quando o Joãozinho nasceu as cadeiras velhas não existiam mais e em seu lugar havia outras de palha amarelinha, bem limpas, quasi sem uso. E havia mais cobertas dentro da cômoda grande comprada de um carreteiro que passara de muda para Rosário e que desejava vender os "trastes".

— A mulher tinha ido embora... Prá que ficá cum aquilo?...

E depois, quando chegou o Pedro, aquele matinho que ficava na divisa e mais um pedacinho de várzea ali adiante já pertenciam ao João. Tivera de vender umas vacas, é certo, mas o dinheiro da aveia e do milho junto com o das rezes conseguira fazer êsse milagre que êle chamava de impossível: aumentar o campo!

Em Fevereiro do ano seguinte, quasi dez anos depois de terem ido morar no rancho, a Bituca passou a noite bem mal, porém aguentou o repucho e à luz de um novo dia, embaciada pelas queimas da redondeza, poude ver um par de guriasinhas fortes e risonhas como a mãe.

Foi nesse mesmo Fevereiro que êles casaram pelo padre e pelo juiz.

— Olha, Bituca, tu nem sabe a surpresa! A cumadre Vicentina disse que veio um padre! Tá lá na venda. Amanhã vem prá Santa Rita. A gente bem que pode batísá a gurisada e depois se casar.

— Credo! Cum tanto fio? Tu tá louco, João? Qué que o padre vai pensá da gente? Eu não caso!

— Ora, minha neguinha bonita! Te lembra quando tu quíria à fôrça casá pelo padre?

— Ah! Naquela época eu tava solteira ainda!

— E agora? Tu não tá solteira igual? Bituca não soube responder.

A vida de Spinoza

(Conclusão da página 51)

Por fim, deparou-se a oportunidade de uma valorização "honrosa". Ofereceram-lhe a cadeira de filosofia na Universidade de Heidelberg. Af, asseguraram-lhe, ser-lhe-ia permitida "a mai perfeita liberdade de filosofar" se êle, ao menos, promettesse não abusar dessa liberdade "refutando a religião estabelecida do Estado." De novo,

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

rejeitou Spinoza o oferecimento, com agradecimentos. Preferia morrer de fome a não falar da verdade como a enxergava.

Porque as mesquinhas ofertas e honrarias da vida significavam menos do que nada para êsse homem que tinha os olhos centrados na eternidade. Acorado no pacífico porto de seus pensamentos, era perfeitamente indiferente às tempestades que agitavam os meios filosóficos contemporâneos. Holanda e França estavam em guerra. Spinoza, todavia, não se interessou pelo conflito. Era uma tóla batalha de aranhas. O termo desta guerra, fôsse qual fôsse o resultado, seria meramente o princípio da preparação para outra. Ele nada tinha que vêr com as ambições, as rivalidades e os ódios que traziam a morte aos corpos dos homens. Interessavam-no, apenas, as suas almas imortais. O inimigo e o amigo eram iguais para êle. Um dia foi quase linchado porque, com a inocência de uma criança — ou de um sábio — dirigiu-se ao acampamento do inimigo, a convite do seu comandante, o Príncipe de Condé, afim de praticar com êste sobre filosofia.

Logrou, felizmente, convencer os seus compatriotas de que não era traidor de sua causa mas apenas inofensivo amante da sabedoria. Conseguiu escapar com vida.

Mas não por muito tempo. Porque êle, também, estava empenhado numa guerra — uma guerra contra a sua enfermidade. Era uma batalha perdida e, como tôdas as outras batalhas da vida, deixou-o indiferente. Pois "a alma humana não é destruída com o corpo, mas dela permanece algo que é eterno".

E aquêla parte que era eterna assistia, corajosamente, ao rápido desgaste do corpo frágil. O inverno de 1677 foi rigoroso demais para os seus pulmões devastados. Morreu num domingo, no vigésimo segundo dia de Fevereiro, quando o dono e a dona da casa onde morava encontravam-se na igreja. A única pessoa presente era o seu médico, que se assenhoreou do dinheiro encontrado sobre a mesa, juntamente com uma faca de cabo de prata, abandonando, incriminadamente o cadáver. Como se teria rido Spinoza se o tivesse visto.

VI

Spinoza não possuiu, apenas, um dos espíritos mais universais dos tempos modernos, mas um dos corações mais cheios de simpatia. Em 1882, quando sua estátua foi inaugurada na cidade de Haia, concluiu Ernest Renan o seu discurso com estas palavras:

"Pode-se dizer que nêle se concretizou a visão mais perfeita de Deus". Renan poderia ter acrescentado: "porque nêle veio, talvez, a mais nobre afeição já sentida pelo homem".

Do livro "Vidas de Grandes Filósofos".

**Aos srs. distribuidores e assinantes
desta revista**

**Rogamos indiquem sempre, com as suas
remessas de dinheiro, nome e endereço
certos a que as mesmas se destinam.**



"LIVING-ROOM"

AQUI está em modelo de "living-room", ótimo para ser aproveitado numa casa residencial de família grande. A peça deve ser espaciosa, tendo as paredes pintadas de verde e tecto branco. Estantes embutidas, laqueadas de branco, better em chintz de fundo branco e ramaçens. Cadeiras em jacaranda e veludo buck, sofá verde também em veludo. Ao fundo, uma lareira estreita, trabalhada em mármore branco produz um ótimo efeito ornamental. Completa a decoração do ambiente forração com passadeira de cor marfim.



MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANDAR DE FUMOS



Minister

ESPECIAL

CIA DE CIGARROS
SOUZA CRUZ

CIA DE CIGARROS

Souza Cruz